

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

CLÉLIA MARIANO CORDEIRO DIAS

A ARQUITETURA DO SAGRADO: REFLEXOS DA ARQUITETURA
CONTEMPORANEA PÓS-MODERNA NAS IGREJAS CATÓLICAS DA
ARQUIDIOCESE DE OLINDA E RECIFE

Recife
2017

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Clélia Mariano Cordeiro Dias

**A ARQUITETURA DO SAGRADO: REFLEXOS DA ARQUITETURA
CONTEMPORANEA PÓS-MODERNA NAS IGREJAS CATÓLICAS DA
ARQUIDIOCESE DE OLINDA E RECIFE**

Trabalho de conclusão de curso como exigência
parcial para graduação no curso de Arquitetura
e Urbanismo, sob orientação da Prof.^a Dr.^a
Letícia Loreto Quérette.

Recife
2017

Catálogo na fonte
Bibliotecário Ricardo Luiz Lopes CRB/4-2116

D541a Dias, Clélia Mariano Cordeiro.
A arquitetura do sagrado: reflexos da arquitetura contemporânea pós-moderna nas igrejas católicas da Arquidiocese de Olinda e Recife / Clélia Mariano Cordeiro Dias. - Recife, 2017.
116 f. : il. col.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Letícia Loreto Quérette.
Trabalho de conclusão de curso (Monografia – Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2017.
Inclui bibliografia

1. Arquitetura e Urbanismo. 2. Arquitetura contemporânea. 3. Arquitetura sagrada. 4. Igreja católica. I. Quérette, Letícia Loreto. II. Faculdade Damas da Instrução Cristã. III. Título

726 CDU (22. ed.)

FADIC (2017-031)

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

CLÉLIA MARIANO CORDEIRO DIAS

**A ARQUITETURA DO SAGRADO: REFLEXOS DA ARQUITETURA
CONTEMPORANEA PÓS-MODERNA NAS IGREJAS CATÓLICAS DA
ARQUIDIOCESE DE OLINDA E RECIFE**

Trabalho de conclusão de curso como exigência
parcial para graduação no curso de Arquitetura e
Urbanismo, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Letícia
Loreto Quérette.

Aprovado em 05 de dezembro de 2017

BANCA EXAMINADORA

Letícia Loreto Quérette, Doutora, FADIC
Orientadora

Márcia Maria Vieira Hazin, Mestre, IPHAN
Examinador externo

Pedro Henrique C. Valadares, Mestre, FADIC
Examinador interno

Recife
2017

Agradeço primeiramente à Santíssima Trindade, que foi quem me fortaleceu e providenciou tudo nesta minha caminhada rumo à minha formação.

À minha família, que esteve sempre presente em todas as etapas da minha vida acadêmica.

A todos os professores que participaram da minha formação profissional, em especial minha professora orientadora Leticia Quérette, que acreditou em mim e tornou a produção deste trabalho mais leve.

E, por fim, a todos que direta e indiretamente contribuíram para este trabalho.

“A arquitetura cria a possibilidade da espiritualidade, porquanto não deixa indiferente o fiel, mas o envolve, suscitando-lhe profundas emoções espirituais”

Richard Meier

RESUMO

Entendida como a arte de representar a cultura de uma época, bem como os seus hábitos sociais, e tudo que é produzido por essa sociedade, a arquitetura apresenta modificações ao longo do tempo. Esta mudança é verificada em todas as tipologias de construção, inclusive nas edificações destinadas ao culto religioso católico. Sendo assim, esse trabalho intentou verificar de que modo a arquitetura contemporânea está sendo utilizada nas igrejas católicas da Arquidiocese de Olinda e Recife, a fim de entender como esse estilo está se relacionando com as especificidades da religião. Para isto, com a ajuda de entrevistas a atores estratégicos como metodologia de pesquisa, estudos de caso *in loco* e embasada na análise criteriosa dos regulamentos da Igreja, analisou-se três igrejas desta arquidiocese: a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Bom Conselho, em Ponte dos Carvalhos; a Igreja Matriz Nossa Senhora de Fátima, em Boa Viagem; e a Capela Maria Mãe da Unidade, em Igarassu. Com tudo isso, verificou-se que na Arquidiocese de Olinda e Recife, a arquitetura foi utilizada de forma devida e sem influenciar negativamente as práticas da religião, embora a tipologia do edifício esteja sendo modificado. Após a constatação, sentiu-se a necessidade de elaborar um exemplo prático de uma igreja católica que unisse os elementos do estilo contemporâneo com as orientações da igreja. Acredita-se assim, ter criado um documento possível de colaborar com o arquiteto na elaboração e preservação do projeto de uma igreja, bem como de contribuição na formação e informação de todos os atores envolvidos na concepção e construção de um edifício-igreja: clero, engenheiro e toda a comunidade, bem como de qualquer interessado no assunto.

Palavras-chave: Arquitetura Contemporânea; Arquitetura sagrada; Igreja Católica.

ABSTRACT

Known as the art of representing the culture of an era, as well as its social habits, and all that is produced by this society, the architecture by itself brings modifications over time. This change is verified in all construction typologies, including the buildings destined for Catholic religious worship. Based on this, this work has tried to ascertain how contemporary architecture is being used in the Catholic Churches of the Archdiocese of Olinda and Recife, in order to understand how those styles are related to the specificities of religion. For this, with the help of interviews with strategic actors such as research methodology, specific studies in loco and based on the judicious analysis of church regulations, three churches of this archdiocese analyzed: The Matrix Church of Nossa Senhora do Bom Conselho, in Ponte dos Carvalhos; The Matrix Nossa Senhora de Fátima, in Boa Viagem; And the Chapel Maria, Mãe da Unidade in Igarassu. With all this, it was found that in the Arquidiocese de Olinda e Recife, the architecture was used in a proper manner and without adversely influencing the practices of religion, although the typology of the building is being modified. After finding, it felt the need to elaborate a practical example of a catholic church that would join the elements of contemporary style with the guidelines of the tradicional Church. It is believed to have created a possible document to collaborate with the architect in the elaboration and preservation of the project of a church, as well as contributing to the formation and information of all people involved in the design and construction of a church building: clergy, engineer and the whole community, as well as any interested in the subject.

Keywords: Contemporary Architecture; Sacred Architecture; Catholic Church.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. ARQUITETURA: ARTE DE PROJETAR ESPAÇOS	16
2.1 A arquitetura Contemporânea	18
2.2 A arquitetura Pós-Moderna	20
2.3 A arquitetura Sagrada	21
3. O DESENVOLVIMENTO DO CATOLICISMO	25
3.1 Origem e História do Catolicismo	25
3.1.1 Cisma do oriente	25
3.2 Origem e evolução dos espaços litúrgicos	27
3.2.1 As basílicas	30
3.3 Os espaços litúrgicos e os estilos arquitetônicos	33
3.3.1 O Estilo Bizantino	33
3.3.2 O Estilo Românico.....	34
3.3.3 O Estilo Gótico	35
3.3.4 O Estilo Barroco	36
4. REGULAMENTADORES LITÚRGICOS-ESPACIAIS VIGENTES	37
4.1 Arquitetura e liturgia	40
4.1.1 O Programa Arquitetônico	41
4.1.2 O Presbitério	41
4.1.3 A Nave.....	49
4.1.4 Elementos arquitetônicos	57
4.1.5 Espaços Anexos ao Corpo da Igreja	62
5. AS IGREJAS CONTEMPORÂNEAS DA ARQUIDIOCESE DE OLINDA E RECIFE	68
5.1 Classificação e tipologias	68
5.2 Matriz de Nossa Senhora de Fátima – Boa Viagem/ Recife.....	72
5.2.1 Tipologia.....	73
5.2.2 O Presbitério	74
5.2.3 A nave	78
5.2.4 Elementos arquitetônicos	80

5.2.5	Espaços anexos	82
5.3	A Matriz de Nossa Senhora do Bom Conselho – Ponte dos Carvalhos/ Cabo de Santo Agostinho.....	83
5.3.1	Tipologia.....	84
5.3.2	O Presbitério	86
5.3.3	A nave	90
5.3.4	Espaços anexos	91
5.4	Capela Maria Mãe da Unidade – Ana de Albuquerque/ Igarassu.....	92
5.4.1	Tipologia.....	94
5.4.2	O Presbitério	95
5.4.3	A nave	97
5.4.4	Elementos arquitetônicos	99
5.4.5	Espaços anexos	100
6.0	RESULTADO DO TRABALHO COM EXEMPLO PRÁTICO DE UMA IGREJA CONTEMPORÂNEA CATÓLICA	102
6.1	Tipologia.....	103
6.2	O Presbitério	105
6.3	A nave	107
6.4	Elementos arquitetônicos	108
6.5	Espaços anexos	109
	REFERÊNCIAS.....	114

1. INTRODUÇÃO

Construir uma igreja católica para uma paróquia de nosso tempo exige a compreensão do programa tradicional de Igreja, tal como nós o temos definido em sua complexidade, mas obriga também a encontrar uma resposta arquitetural a certas solicitações, relativas ao culto e à piedade, que são particulares de nossa época (PICHARD, 1960 apud MENEZES, 2006, p. 44).

O presente trabalho é um estudo da arquitetura do sagrado, mais precisamente da arquitetura dos edifícios sagrados da Igreja católica na arquidiocese de Olinda e Recife, cujo foco foram os edifícios construídos no estilo contemporâneo pós-moderno e como estes se relacionam com as demandas litúrgicas da Igreja Católica.

Por muito tempo os estilos arquitetônicos surgiram por intermédio da Igreja Católica, sendo alguns exclusivos de suas edificações, como o Maneirismo e o Gótico. Contudo, por volta de 1900, com o movimento moderno, no qual os arquitetos buscavam romper com o passado, verifica-se também o início da ruptura com a predominância religiosa no direcionamento da arquitetura.

A Igreja, contudo, continuou sentindo a necessidade de unir a arte sacra com o estilo arquitetônico vigente. Marciano (2011, p.18) relata que desde 1930 tem-se vivido no país um debate a respeito da necessidade de unir a arte sacra ao movimento moderno, desde que os atores do movimento “fossem bem orientados e não reivindicassem uma autonomia tida como incompatível com os propósitos da Igreja e do laicato católicos”.

Fortes críticas, porém, foram feitas por parte do clero da Igreja sobre as construções dos seus edifícios modernos. Inclusive, algumas igrejas tiveram dificuldades para serem reconhecidas como um espaço de culto religioso católico, devido ao estilo de seus edifícios. Um bom exemplo é a igreja de São Francisco de Assis, mais conhecida como a igreja da Pampulha, em Minas Gerais, considerada “a primeira igreja brasileira de partido realmente moderno” (LEMOS, 1983 apud MACIANO, 2011, p. 39).

Figura 1 - Igreja de Pampulha.



Fonte: Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Igreja_da_Pampulha.jpg>
Acessado em: 02 de fevereiro de 2017.

Com grande repercussão, a igreja foi alvo de muitas críticas, uma delas pelo então Arcebispo de Belo Horizonte, Dom Antônio Cabral, ao afirmar que o edifício possuía uma concepção arquitetônica “aberrante” e de decoração “exótica” (SILVEIRA, 2011).

Assim como ocorreu com as igrejas modernistas, também vem ocorrendo críticas às edificações religiosas católicas que estão sendo projetadas e construídas no que chamamos de arquitetura contemporânea.

Afinal, é possível identificar nas edificações contemporâneas a herança do modernismo, em geral quando se busca o racionalismo e o minimalismo. As novas tecnologias da arquitetura contemporânea permitiram novas formas e essas herdaram também as críticas que eram feitas aos templos religiosos modernos. O Cardeal Gianfranco Ravasi, presidente do Conselho para Cultura dos Pontífices do Vaticano, por exemplo, afirmou em entrevista ao site *The Telegraph* que as “novas construções quebram a tradição a fim de proporcionar a experiência religiosa baseada na meditação e contemplação, independente do credo” (KINGTON, 2013).

Silveira (2011, p.29) diz que “em muitos casos, os avanços na técnica e na utilização de materiais no campo da arquitetura, em geral, se deram justamente em função das necessidades colocada pela igreja”. Porém, os estudos sugerem, os atuais avanços na técnica e na utilização de materiais vêm agora como forma de suprir a necessidade do arquiteto de construir a obra com menores restrições estruturais e com maior liberdade criativa.

Essa liberdade criativa gera uma grande variedade das formas praticadas na arquitetura contemporânea, que vem causando preocupação no clero por se diferenciar muito do preceito da tipologia de igreja, e por sobressair às exigências e necessidades das práticas religiosas e do simbolismo cristão católico.

A incorporação dos “novos” elementos construtivos (concreto, aço e vidro) na construção das igrejas tem resultado na substituição de alguns elementos que fazem parte da iconografia dos templos católicos. Podemos citar o caso do projeto de Massimiliano e Doriana Fuksas de uma nova igreja em Foligno, na Itália. Segundo o Cardeal Gianfranco Ravasi, ela se assemelha mais a um museu do que a um lugar de culto (KINGTON, 2013).

Figura 2 - A igreja de São Paulo em Foligno.



Fonte: Disponível: <<http://www.contemporist.com/church-in-foligno-by-massimiliano-and-doriana-fuksas/>> Acesso em: 02 de fevereiro de 2017.

A questão é que a iconografia para o catolicismo é importante, pois, diferente de algumas outras religiões, há um significado em cada elemento presente em suas edificações. Nos edifícios religiosos, a forma e a função devem estar ainda mais ligadas. Estes edifícios possuem necessidades físicas e espaciais como toda edificação, porém, está atrelado a eles, também, o simbolismo decorrente da religião, que também precisa ser atendido, devendo-se pensar nele além de espaços, luz, linhas e sons.

Considerando o exposto, este trabalho se justifica pela sua importância para os religiosos católicos e pela necessidade da sociedade de se renovar. É sabido que qualquer que seja o tipo de uma edificação, ela precisa atender a necessidades básicas de seus usuários, bem como o objetivo a que se propõe. Sendo assim, com os edifícios do tipo religioso, não deve acontecer de forma diferente. Nas edificações desta tipologia, também existem necessidades a serem atendidas (SILVA, 2014).

Sabendo que, estas necessidades precisam ser passadas ao arquiteto pelo cliente, e que, no caso das construções de igrejas, por vezes encontra-se dificuldades em coletar informações dessas necessidades, o trabalho também se justifica por ser uma forma de analisar decretos, leis e resoluções, bem como suas interpretações e aplicabilidade.

Diante deste cenário, questionou-se de que forma a arquitetura contemporânea pós-moderna está refletindo na arquitetura sagrada da Arquidiocese de Olinda e Recife? Os avanços tecnológicos prejudicaram a identidade da religião ou a sua prática? As construções dos edifícios-igrejas contemporâneos estão respeitando os requisitos espaciais e litúrgicos do catolicismo?

Para então, alcançar a meta da pesquisa e responder os questionamentos levantados em torno do tema, o trabalho tem por objetivo geral verificar, independentemente da posição crítica, de que modo a arquitetura contemporânea pós-moderna está se relacionando com os espaços sacros da Arquidiocese de Olinda e Recife e seus efeitos na religião.

Em consonância com o objetivo geral, estruturou-se os seguintes objetivos específicos a serem trabalhados ao longo do trabalho: Identificar as técnicas construtivas, materiais e partidos arquitetônicos utilizados em algumas igrejas da Arquidiocese de Olinda e Recife; Averiguar a existência de problemas decorrentes da construção que dificultem a utilização do espaço; Levantar a existência de normas, legislações e comissões específicas para orientação das construções nesta arquidiocese e em toda a Igreja; e entender como a arquitetura é capaz de interferir na prática religiosa, conferindo se a arquitetura contemporânea na Arquidiocese de Olinda e Recife respeita as exigências básicas da Igreja;

Para isso, utilizou-se inicialmente, a metodologia de Marconi e Lakatos (2003) para as etapas da pesquisa bibliográfica: “reconhecimento do assunto pertinente”

(identificação); localização do local da fonte (localização); reunião do material levantado (compilação) e concluindo com a transcrição dos dados levantados em uma ficha (fichamento). Os resultados foram qualificados, por meio de uma análise dialética entre os conceitos de arquitetura contemporânea pós-moderna e as especificidades da religião Católica.

Após a pesquisa bibliográfica foi realizado uma pesquisa de campo qualitativa através de visitas à três igrejas da Arquidiocese no intuito de utiliza-las como estudo de caso para analisar seus espaços e sua relação com o estilo contemporâneo. Nas visitas, in loco, foram examinados características e elementos do estilo arquitetônico nas igrejas, e observado as ações do ritual da missa para perceber a funcionalidade do espaço.

Nestas visitas também foram realizados a observação participante, através da participação no ritual litúrgico e entrevistas não estruturadas, mas focalizadas, à atores estratégicos. Vale salientar que, ainda que sendo parte da comunidade católica, buscou-se o entendimento imparcial do todo, a fim de manter a objetividade do assunto e não se deixar influenciar por referências ou opiniões pessoais.

Entrevistas não estruturadas a atores estratégicos também foram realizadas fora do espaço litúrgico, como foi o caso da arquiteta Paula Maciel. Nestas entrevistas procurou-se captar suas compreensões do símbolo de igreja e seus posicionamentos a respeito da arquitetura contemporânea nas igrejas católicas, além de suas compreensões do símbolo de igreja.

Com tudo isto, o trabalho estruturou-se em 6 itens, incluídos esta introdução (primeiro item), além de considerações finais e referências bibliográficas. Vale ressaltar que este estudo não pretendeu esgotar as possíveis discussões a respeito do assunto.

No segundo item, expõem-se as noções conceituais em volta do tema, com uma revisão literária, conceituando o que é a arquitetura e sua ligação com a Igreja e a sociedade e definições de iconografia, simbolismo e tipologia; bem como a definição da arquitetura contemporânea, com seu recorte temporal, determinando assim de qual estilo contemporâneo seria tratado e concluindo com a definição do sagrado e da arquitetura sacra. Com o intuito de fornecer, assim, uma base teórica ao leitor para uma compreensão da análise dos dados e das discussões posteriores do trabalho.

No terceiro item foi feita uma revisão literária a respeito da origem e história da religião, bem como de seus espaços litúrgicos, a fim de facilitar o entendimento do contexto do que é o catolicismo. Essa revisão proporcionou subsídios para entender a diversidade dos estilos arquitetônicos e com eles as diversas modificações dos seus espaços litúrgicos.

Estudada a teoria, o item quatro abordou os regulamentos e as instituições que o produziram, tratando das construções de igreja e/ou das partes litúrgicas da missa. Foram estudados os de âmbito local, nacional e internacional, possibilitando assim a realização do próximo item com maior propriedade. Após o estudo desses regulamentadores sobre as orientações e o porquê de cada elemento existente nas igrejas, organizou-se um roteiro de análise com os dados técnicos baseados nos regulamentadores, sendo eles: a Comissão Nacional de Bispos do Brasil (CNBB), o Concílio Vaticano II, o Missal Romano, o Código de Direito Canônico (Can.), a Comissão para os Bens Culturais (COBECISA) de Santo André e o livro de Ivo Porto de Menezes (2006).

No item cinco foi realizado o estudo *in loco* de três igrejas previamente escolhidas da Arquidiocese de Olinda e Recife (AOR), que foram selecionadas utilizando como critério o ano de construção, o estilo arquitetônico e sua relevância na região que abrangem. Vale salientar que, entre estas igrejas e em toda a arquidiocese, existem classificações diferentes para as igrejas. Devido a isso, iniciou-se este item com uma breve explicação de algumas dessas classificações e suas especificidades.

Nas visitas foram examinados características e elementos da arquitetura das igrejas, e as ações do ritual da missa católica, ali realizadas. Esse exame foi feito também sob uma observação participante que, apesar de já ser parte dos frequentadores de igrejas católicas, buscou-se entender o funcionamento destes locais, mantendo a objetividade do estudo, e não se deixando influenciar por referências e opiniões pessoais.

Complementando este estudo, foram realizadas também entrevistas não estruturadas, mas focalizadas, com atores estratégicos, a respeito das necessidades percebidas por eles em uma igreja, suas compreensões do símbolo de igreja e seus posicionamentos a respeito da arquitetura contemporânea nas igrejas católicas. Bem como coletados e consultados materiais documentais e fotográficos.

Após as visitas, as entrevistas e a coleta dos materiais, esses dados foram compilados neste penúltimo capítulo realizando uma análise dos resultados encontrados e tudo o que havia sido estudado nos outros capítulos, desde as críticas à nova forma arquitetônica até as normas vigentes regulamentadoras deste tipo de construção.

O sexto e último item apresenta um exemplo de como poderia ser uma igreja contemporânea católica que une a liberdade da forma proveniente do estilo contemporâneo com a simbologia de igreja. O projeto também atende às regulamentações e orientações da religião, como forma de comprovar que é possível utilizar o estilo contemporâneo no projeto de uma igreja católica sem prejudicar a utilização do espaço ou a identidade da religião. O projeto foi apresentado em nível de estudo preliminar, apenas com o objetivo de ilustrar um exemplo.

Com tudo isto, cremos ter criado um trabalho possível de colaborar com o arquiteto na elaboração do projeto de uma nova igreja, não apenas por meio de orientações técnicas, mas também que leve à reflexão sobre a essência do edifício religioso católico, contribuindo também com sua justificativa projetual. Além de arquitetos, espera-se também ajudar a comunidade cristã e os responsáveis pela contratação e acompanhamento dos projetos a fim de obtermos na arquidiocese uma arquitetura bela e funcional, como devem ser as igrejas-edifícios.

Espera-se assim trazer alguma contribuição para que nossas igrejas-edifícios sejam sempre mais um louvor a Deus, pela funcionalidade da construção, a permitir maior recolhimento e maior participação dos fiéis, e pela beleza de sua verdadeira arquitetura como reflexo da beleza incontida de Deus.

“De fato, um bom arquiteto não se preocupa em apenas projetar umas tantas paredes com cobertura para abrigar certo número de pessoas, mas o fará a partir da finalidade a que o edifício se destina, dando-lhe sentido e beleza” (LIMA, 2012, p.11).

2. ARQUITETURA: ARTE DE PROJETAR ESPAÇOS

Segundo Barbosa (2012, p. 01), a arquitetura surgiu há cerca de oito ou nove mil anos pela “montagem consciente de lares, monumentos e cidades”. Vitruvius por sua vez, em seu tratado de arquitetura, afirma que os primeiros anúncios da produção de arquitetura vieram logo após a descoberta do fogo, quando graças à vantagem de “andar ereto e não curvado [...] assim como poder, com as mãos e os dedos, trabalhar facilmente tudo aquilo que quisessem, começaram a construir [...] habitações” (VITRÚVIO, 23 a.C apud MACIEL, 2007, pp. 112-113).

Inicialmente, considerava-se como arquitetura somente prédios públicos e religiosos, possivelmente pelo fato de que a história da arquitetura foi escrita principalmente por profissionais mecenas¹ ou da corte². Esses profissionais não possuíam a formação para a profissão de arquiteto, uma vez que essa não existia, os que a praticavam eram em geral matemáticos ou cientistas, os quais eram chamados na Grécia de *Arkhostekton* (arkhos – chefe; tekton – construtor ou artesão-) (ROTH, 2003).

Esses arquitetos produziam edificações sem formação teórica, projetavam pela prática adquirida ao longo dos anos ou sob orientações dos profissionais para quem trabalhavam. Essa arquitetura deixou para os tempos atuais a história não escrita daquela época, como definiria Roth (2003, p.03): “a arquitetura é como a história e a literatura escrita, uma lembrança das pessoas que a produziu [...]. A arquitetura é um modo de comunicação não verbal, uma crônica muda da cultura que a produziu”.

Roth (2003) também liga a arquitetura à arte, considerando-a uma “arte inevitável”, uma vez que estamos em um contato contínuo, ela tem o poder de condicionar e afetar o comportamento humano. Barbosa (2012), unindo as duas definições de Roth(2003), conceitua:

A arquitetura é a arte ou ciência de projetar espaços organizados, por meio do agenciamento urbano e da edificação, para abrigar os diferentes tipos de atividades humanas. Seguindo determinadas regras, tem como objetivo criar obras adequadas a seu propósito, visualmente agradáveis e capazes de provocar um prazer estético (BARBOSA, 2012, Introdução, s/p).

¹ Protetor das letras, das artes, das ciências ou dos letrados, dos artistas e dos sábios.

² Integrante do Império.

Esta definição de arquitetura serviu de base para a análise das igrejas contemporâneas na Arquidiocese de Olinda e Recife, visto que ao se projetar uma edificação religiosa deve-se estar mais atento às regras ditadas pelos costumes da religião, além de gerar obras que sejam capazes de produzir deleite ao observador. Segundo Vitruvius, o deleite é uma das três funções que a arquitetura deve proporcionar ao seu usuário, sendo as outras duas a solidez e utilidade³.

O deleite do observador por meio da obra está, frequentemente, ligado à representatividade simbólica da edificação. Esse conteúdo simbólico se percebe com maior facilidade nos edifícios religiosos e públicos, cujo objetivo principal é fazer uma proclamação clara e enfática dos valores e crenças da comunidade (ROTH, 2003). Sendo assim, tais valores e crenças podem ser interpretados observando-se as edificações.

Como a arquitetura influencia e é influenciada pelos aspectos da sociedade, torna-se uma representação da cultura da época, como também dos hábitos sociais. Como a sociedade é heterogênea, a arquitetura também o é, como definiu Mies Van Der Rohe, considerado um dos mestres da arquitetura moderna, “arquitetura é o desejo de sua época traduzido em espaço” (s/d. apud MASO, 2013, p.01).

Considerando a constante mudança da sociedade e conseqüentemente da arquitetura ao longo do tempo, não é possível analisar os espaços de uma edificação sem falar em tipologia. Sendo assim, faz-se necessário compreender o conceito de tipo/tipologia na arquitetura para que assim seja possível entender as diferentes arquiteturas geradas durante a história.

Aldo Rossi, um dos principais arquitetos e teóricos da arquitetura, defendia que o tipo era constituído de acordo com as necessidades do local e suas aspirações de beleza e que varia de uma sociedade para outra por estar ligado à forma e ao modo de vida desta. Pensava no conceito de tipo como algo complexo e permanente, uma expressão lógica que vinha antes da forma (ROSSI, 1995).

Ainda sobre a palavra “tipo”, o autor a distinguia do conceito de modelo, o que para muitos podem parecer sinônimos, ele afirmava que a palavra “tipo” não representava

³ Solidez refere-se à estrutura do edifício, que deve ser rígida e resistir às intempéries, ao tempo e a utilidade referindo-se à composição do espaço que deve, acima de tudo, atender à função do edifício.

uma imagem de algo a ser copiado ou imitado integralmente, que seria utilizado como regra, isso seria o modelo.

O modelo, entendido segundo a execução prática da arte, é um objeto que se deve repetir tal como é; o tipo “é”, pelo contrário, um objeto, segundo o qual cada um pode conceber obras, que não se assemelharão entre si. Tudo é preciso e dado no modelo; tudo é mais ou menos vago no “tipo”. Assim, vemos que a imitação dos “tipos” nada tem que o sentimento e o espírito não possam reconhecer (ROSSI, 1995, p.25).

Com isto, entende-se o tipo como o início da forma do projeto, mas que se desenvolve de maneiras diferentes, resultando em formas finais diferentes, contudo, mantendo as características fundamentais iguais e notáveis. O tipo está atrelado aos símbolos e signos que foram apropriados pela sociedade ao longo do tempo, e quando presentes em um edifício, permitem a leitura do significado e proposta da construção.

Para Roth, o edifício possui uma função simbólica que deve supor uma “manifestação visível” do uso, uma vez que a sociedade possui um desejo psicológico de ligar o uso que a imagem do edifício propõe ao uso dado a ele (ROTH, 2003).

Entre os povos egípcios, gregos e romanos, e os arquitetos do renascimento e do barroco, existiam pautas gerais sobre a forma e o aspecto dos edifícios destinados a certos usos, mas atualmente a liberdade sobre este ponto é maior. Essa liberdade surgiu aproximadamente na década de 1920, quando os arquitetos tiveram que lidar com duas situações simultaneamente: inventar formas originais utilizando as novas tecnologias construtivas e idealizar novas representações simbólicas apropriadas às novas funções que acolhem o edifício. O fato de muitas vezes não terem atendido de forma adequada ao que o edifício se destina, faz com que seja esta uma das principais críticas à arquitetura contemporânea (ROTH, 2003).

2.1 A arquitetura Contemporânea

O termo “arquitetura contemporânea” tem sido objeto de controvérsia entre alguns teóricos, que acabam por formular diferentes definições e limites cronológicos. Sendo assim, tomou-se como limite cronológico o utilizado por Fazio (2011), que julga a publicação do tratado *Complexidade e Contradição em Arquitetura*, em 1966, nos Estados Unidos, o início do estilo chamado primeiramente de pós-modernismo. Já no

Brasil levou-se em consideração a posição de Bruand (2008), na qual a arquitetura contemporânea surgiu em 1969, com o aparecimento do movimento Brutalista em São Paulo.

O dicionário de Caldas Aulete (1968) define a palavra “contemporâneo” como algo que é produzido na mesma época. Tomando então como base esse conceito e o de Bruand (2008) e Fazio (2011), considerou-se a arquitetura contemporânea como aquela produzida até os dias atuais e que surgiu nos Estados Unidos em 1966, chegando ao Brasil em 1969, independentemente de suas várias categorizações.

A arquitetura contemporânea é um estilo que não possui tipo, ao contrário, busca romper com as tipologias, sendo considerado por alguns como a arquitetura dos estilos, sendo esses divididos e reconhecidos pelos teóricos de forma diferente.

Desta forma, levou-se em consideração a divisão de Fazio (2011) para a arquitetura contemporânea. O autor divide a arquitetura contemporânea em quatro estilos: O High Tech, o Vernacular, o Desconstrutivismo e o Pós-moderno. Considerou-se além da divisão, o conceito de arquitetura contemporânea pós-moderna para a análise das edificações escolhidas.

A arquitetura contemporânea de modo geral é aquela que apresenta o reaparecimento de linguagens projetuais fortemente comprometidas com uma retomada do racionalismo, a base conceitual do Movimento Moderno, com tendências minimalistas. Por outro lado, verifica-se também, uma busca de ideias e soluções mais voltadas à questão do conforto ambiental, aliado aos processos de racionalização da construção. Em geral, os projetos contemporâneos fazem uma reinterpretação da arquitetura do passado, seja através da releitura do significado que os elementos desempenhavam, seja através dos próprios estilos da arquitetura (FAZIO, 2011).

Pela utilização de linhas retas, de vidros para gerar claridade, vãos livres e dos pilotis pode-se considerar que de forma ampla o estilo mais remetido na arquitetura contemporânea é o moderno. Isso demonstra que essa arquitetura não nega o passado, mas o aceita e o transforma.

Nota-se que essa releitura do passado feita pela arquitetura contemporânea, realiza-se principalmente no estilo modernista, através do Pós-modernismo, sendo este o

estilo mais identificável nas construções das igrejas da Arquidiocese de Olinda e Recife – na contemporaneidade –, foi o escolhido para a análise dessas edificações.

2.2 A arquitetura Pós-Moderna

Para Diane Ghirardo (2002), o Pós-Modernismo é um “fenômeno estilístico” e o termo indica a distinção que os arquitetos queriam fazer do movimento vigente – o Modernismo –, já considerado por muitos um estilo em desacordo com os usos e costumes de uma época. Propunham, dessa maneira, uma arquitetura “diferente e sucessora do modernismo” (GHIRARDO, 2002, p.02). Partindo do pensamento da autora, observou-se primeiramente ao que o movimento se opôs, para então analisar aquilo ao que se propunha.

O Movimento Moderno destacou-se e atingiu o ápice do seu prestígio no período entre as duas Guerras Mundiais (1914-1918; 1939-1945). Acreditava-se que a arquitetura era capaz de transformar a sociedade sofrida pela guerra através de uma construção racionalista, econômica e funcional. Devido a isso, o movimento surgiu com a proposta de renunciar aos estilos que estavam sendo construídos, propondo um tipo de construção voltada às necessidades habitacionais em massa e pela vontade de testar a tecnologia que surgia no período entre guerras (GHIRARDO, 2002).

Devido à época em que foi desenvolvida e seus conceitos, a tentativa de fazer com que a arquitetura se tornasse racionalista, funcional e econômica tornou-a, para muitos, “uma arquitetura redutivista, carente de caráter, simbolismo e até mesmo ‘habitabilidade’” (FAZIO, 2011, p. 437). Surgindo, assim, em oposição a esses conceitos, a arquitetura pós-moderna.

Conforme declarou Philip Johnson, “parece que o movimento moderno realmente saiu de cena [...] hoje os arquitetos estão mais inclusivos, mais permissivos, pensando mais na população, realmente mais populares do que permitia o movimento moderno” (JOHNSON, s/d. apud JONES, 2014, p.24).

O arquiteto e historiador Robert A. M. definiu como os atributos do pós-modernismo a contextualização, insinuação e ornamentação. A contextualização é a relação que o edifício realiza com o seu entorno e a busca por relacionar suas edificações com padrões estabelecidos ao invés de conceber cada projeto como um objeto isolado na

paisagem, o que para muitos é o que os modernistas faziam (ROBERT, s/d. apud FAZIO, 2011).

O Movimento Litúrgico da Igreja Católica encontrou nos princípios do Movimento Pós-Moderno uma correspondência para a renovação que a sociedade cristã buscava. Assim, a arquitetura religiosa começou a ser repensada e renovada não só por iniciativa da Igreja, que divulgou documentos como o Concílio Vaticano II, mas também por iniciativa dos próprios artistas e arquitetos que buscaram a introdução do estilo contemporâneo Pós-Moderno aos espaços sagrados e de culto (MONTEIRO, 2013).

2.3 A arquitetura Sagrada

A arquitetura sagrada sempre foi objeto de estudo e um meio para a construção de algo novo, uma oportunidade de fazer um novo estilo arquitetônico. O caráter místico que as igrejas possuem destacou-as do restante da arquitetura, criando em vários arquitetos e historiadores o desejo de analisá-las e compreendê-las, como é visto até hoje, através de publicações como de Menezes (2006) e Frade (2012).

Em primeiro lugar, para a análise da arquitetura sagrada, torna-se pertinente distinguir o termo “sagrado” do “religioso”. No catolicismo, o “sagrado” é aquilo que serve para ser implantado na liturgia, após passar por um rito de consagração⁴. O “religioso”, por outro lado, engloba toda a manifestação que tem conteúdo espiritual. Ou seja, trata-se de algo mais amplo, no qual sua introdução na liturgia não está automaticamente autorizada pela Igreja (MONTEIRO, 2013).

Le Corbusier definiu o espaço religioso como o espaço capaz de gerar uma experiência espiritual, designando-o como “espaço inefável”. Esse local é aquele que possui um grau de qualidade tão alto que é difícil de ser descrito por palavras. Esta dimensão inefável é, então, aquilo que vai além das necessidades e exigências funcionais e programáticas do espaço, que transcende as suas qualidades físicas (PALLISTER, 2015 apud CAPTIVO, 2016).

⁴ Ato que simboliza a dedicação de algo ou alguém a Deus. Tudo o que é consagrado é dedicado para servir a Deus, para a realização da obra Dele. Essa consagração é sempre realizada através de algum ato e por um ordenado da Igreja.

Para o catolicismo, a sacralidade de um edifício está no momento em que a construção passa por um ritual de consagração a Deus. A sacralidade vai além das características espaciais e artísticas. Para a religião, o sistema simbólico possui uma grande importância, sendo ele estruturado na relação dos elementos internos e externos, e da mensagem transmitida aos fiéis. Denominações como “sagrado” e “profano”, “material” e “espiritual”, “eterno” e “temporal”, “o que é do céu” e “o que é da terra” são termos trabalhados como alicerces ao se tratar de uma arquitetura religiosa (BOURDIEU, 1990 apud BARBOSA, 2012).

Os edifícios católicos são elementos materiais e formais que servem para apoiar a liturgia e possuem em si dimensões simbólicas e práticas da religião. Uma vez que a prática do catolicismo consiste em uma atividade que aborda as esferas pessoal, coletiva, espiritual e material, a igreja-edifício “tem de servir a conjugação destas esferas, através da sua expressividade, e ajudar a ‘materializar’ a presença de Deus” (CAPTIVO, 2016, p. 13). Além disso, Captivo ainda reforça que é necessário haver nesses edifícios espaços para a oração, que permitam à administração dos sacramentos⁵. E para isso ocorrer, a condição estética do edifício e a atmosfera criada por ele também são importantes para uma vivência plena do culto.

Como afirma Monteiro (2013), ainda que na era contemporânea a arquitetura cívica tenha ganhado destaque, os espaços religiosos permanecem sendo um ponto de reflexão e evolução artística, passando por alterações devido às mudanças feitas no ritual litúrgico e por movimentos como o Movimento de Renovação da Arte Religiosa (MRAR) que buscam a renovação do espaço litúrgico.

Essa constante procura para entender o espaço sagrado se dá devido ao desejo de conceber um espaço sacro que reflita às necessidades do povo. Devido a isso, passaram a surgir vários tipos de igrejas, com formas e organizações espaciais que começaram a aproximar a assembleia e o presbitério. Um destes tipos possuía planta longitudinal em que o altar se localizava no centro do espaço e a assembleia em sua volta (MONTEIRO, 2013). Há também igrejas de formas poligonais, que se assemelham aos anfiteatros romanos em planta, e em alguns casos, como na igreja

⁵ “Os sacramentos são os principais meios de graça, pelos quais a Igreja se consolida como Povo do Senhor e os cristãos crescem na conversão [...]. Neles estão sempre envolvidos a Igreja e os cristãos que os celebram, o que torna cada sacramento um acto da comunidade eclesial e não apenas um acto individual” (*Normas pastorais para o patriarcado de Lisboa*, s/n. p.01).

do Pai da Misericórdia, em Cachoeirinha, São Paulo, há a existência de dois níveis para a assembleia (fig. 3 e 4).

Figura 3 - Foto interna da igreja.



Fonte: Disponível em: www.cancaonova.com.br. Acesso em: 02 de maio de 2017.

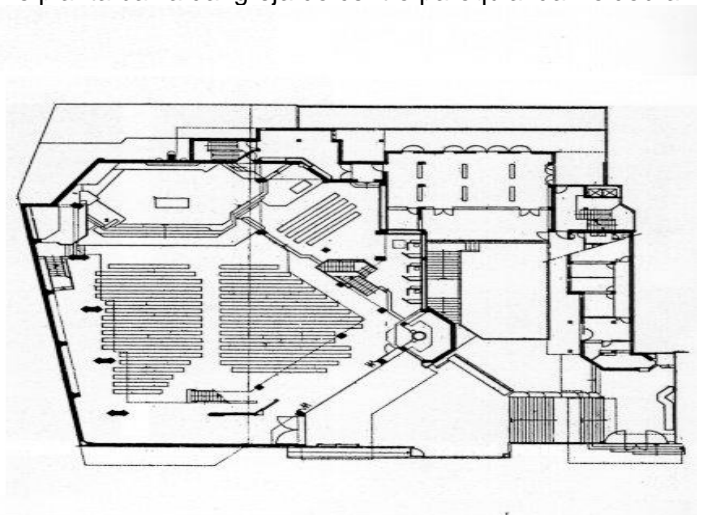
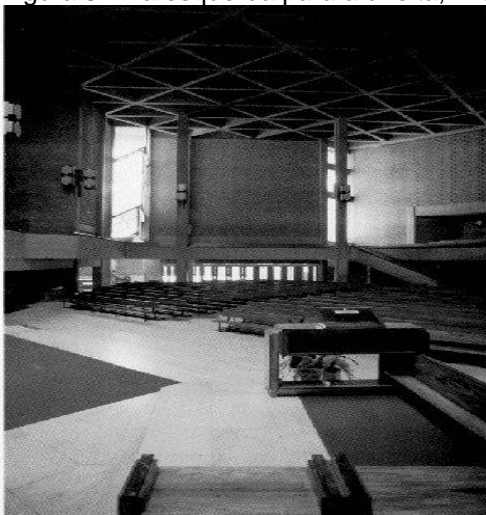
Figura 4 - Vista externa da igreja.



Fonte: Disponível em: www.cancaonova.com.br. Acesso em: 02 de maio de 2017.

Dos espaços concebidos nos anos 60 e 70, como as igrejas-salão, pretendia-se assumir como um espaço polifuncional, como, por exemplo, a igreja do centro paroquial da Boidobra (fig. 5), que, projetada pelo arquiteto Teotónio Pereira, foi inicialmente pensada com um altar móvel, de modo a poder assumir diferentes utilizações e organizações internas. Tal idealização não se realizou porque as autoridades eclesiásticas responsáveis pela aprovação do projeto não consideraram que essa fosse uma solução digna para o espaço (MONTEIRO, 2013).

Figura 5 - Da esquerda para a direita, imagem e planta baixa da Igreja do centro paroquial da Boidobra.



Fonte: Disponível em <http://www-ext.lnec.pt/LNEC/DED/NA/arq/ntp/prjobr/img/iscj.jpg>. Acesso em: 02 de maio de 2017.

Este espaço polifuncional, foi no entanto, utilizado em outros projetos de igreja, inclusive em igrejas históricas, como foi o caso da Igreja da Misericórdia (fig.6) em Goiana, Pernambuco. Construída no século XVI, passa atualmente por intervenções para incorporar a sua estrutura a polifuncionalidade. A intervenção, transformará o espaço ecumênico em um salão para apresentações culturais. O altar receberá uma cortina à frente que terá como função o esconder nas horas das apresentações.

Figura 6 - Fachada externa da Igreja da misericórdia.



Fonte: Disponível em: <<http://correiodogranderecife.com.br/igreja-da-misericordia-goiana>>. Acesso em: 04 de Abril de 2017.

Durante os anos 70 e 80, os projetos para a arquitetura religiosa católica assumiram uma diversidade de soluções: das revivalistas até às soluções que pretendiam dar seguimentos aos ideais do pós Concílio Vaticano II. Após esse Concílio, é possível notar um modo de construir igrejas sem influências constantes da Igreja. Os elementos históricos da arquitetura religiosa são assim reinterpretados, adaptando-os à arquitetura contemporânea, fazendo a ponte entre a história da arquitetura e o novo ritual litúrgico. Contudo, como Menezes (2006, p.15) defende, “a liberdade da arte deve estar presente desde o início da concepção, vigiada, porém, orientada, para que seja um elemento a mais que ressalte a liturgia, a fé e a religiosidade”.

É nesse sentido que se buscou no próximo capítulo entender o surgimento e a evolução da religião católica e do seu edifício-igreja, pois, como afirma o autor, “quando se trata de arquitetura sacra, mais ainda se faz necessário conhecer esse espírito, que deve presidir à concepção e à realização arquitetônica” (MENEZES, 2006, p.10).

3. O DESENVOLVIMENTO DO CATOLICISMO

3.1 Origem e História do Catolicismo

O Cristianismo foi constituído pela pregação de Jesus de Nazaré⁶, fundador do catolicismo, reconhecido pelos católicos como Filho e o próprio Deus encarnado, morto e ressuscitado⁷ (THELAMON, 2009 apud SCOTTÁ, 2010). Enquanto Jesus estava na terra, escolheu para andar consigo, aprender e ser treinado – para depois testemunhar os seus ensinamentos – doze pessoas, as quais eram chamadas de discípulos (Bíblia, Mateus 28,18-20).

Os seus ensinamentos foram difundidos por seus discípulos na Antiguidade, na Judeia, muito tempo depois foi colocado no papel as memórias da convivência dos discípulos com o profeta, e esses papéis, séculos depois, foram reunidos e deram origem à bíblia (THELAMON, 2009 apud SCOTTÁ, 2010).

3.1.1 Cisma do oriente

Entre os séculos I e XI, a única religião cristã era o catolicismo. Durante essa época, os bispos de Jerusalém, Antioquia, Alexandria, Constantinopla e Roma eram as principais autoridades da Igreja, e esses eram chamados de patriarcas. Entretanto, até o século IV, o bispo de Roma era o que exercia maior influência sobre as decisões da Igreja, uma vez que sua autoridade provinha de São Pedro, considerado pelos católicos o primeiro papa. Com o tempo, os bispos do Império Bizantino começaram a contestar a supremacia do Bispo de Roma (SILVA, 2014).

Os imperadores bizantinos reelaboraram o poder da Igreja. Uniram o poder espiritual com o poder político e deram ao imperador, o chamado “Cesaropapismo”. Indo de encontro ao poder do papa romano, acentuou e culminou nas divergências entre a cristandade ocidental e oriental. Devido a esses conflitos, o patriarca de Constantinopla acabou rompendo sua parceria com o papa, o que ficou conhecido como Cisma do Oriente em 1054. Esse rompimento resultou na divisão do cristianismo

⁶ Chamado comumente pelo católico de Jesus Cristo, ou apenas Jesus.

⁷ Mistério da fé proclamado pela Igreja Católica no concílio de Nicéia, em 325. **Fonte:** CEB's.

e criação de outra instituição religiosa: a Igreja Cristã Ortodoxa (que tem um patriarca com função de manter a ordem da Igreja). Essa ficou independente da Igreja Católica Apostólica Romana (que tem o papa como “chefe” da Igreja) (SILVA, 2014).

As Igrejas cristãs que se separaram aceitam somente os concílios ecumênicos que se realizaram antes da sua ruptura. Portanto, a Igreja Ortodoxa não tem reconhecido como “ecumênico” mais nenhum concílio, pois não há mais um imperador. De qualquer forma, a Igreja Ortodoxa continua realizando concílios com a mesma autoridade dos ecumênicos. A Igreja Católica continuou a convocar e realizar concílios ecumênicos em comunhão plena com o Papa, ao todo foram 21 Concílios ao longo da História (AQUINO, 2017).

Um concílio ecumênico é uma reunião de todos os bispos cristãos, convocada para discutir assuntos relacionados à área da fé cristã católica e sua prática, seja ela Moral, Pastoral, Espiritual ou Missionária. Dentre os vinte e um Concílios realizados em dois mil anos de cristianismo, destacam-se alguns de grande importância para a Igreja cristã, como por exemplo, o Concílio de Jerusalém (49 d.C.), de Niceia (325 d.C.), de Constantinopla (381d.C.), de Trento (1545-1563 d.C.), Vaticano I (1846-1878 d.C.) e Vaticano II (1961-1965 d.C.) (AQUINO, 2017).

No entanto, neste trabalho nos deteremos ao último concílio, o Sacrossanto Concilio vaticano II (Ss. Vaticano II), uma vez que foi este o maior e mais recente dos concílios e o que mais impactou no tipo arquitetônico atual das igrejas.

3.1.2 Concílio do Vaticano II

O Concílio Vaticano II constou com uma série de conferências convocadas no dia 25 de dezembro de 1961, pelo Papa João XXIII contando com a presença de 2.540 padres conciliares, número esse inédito para a história da Igreja. O Concílio, realizado em 4 sessões, só terminou no dia 8 de dezembro de 1965, já sob o papado de Paulo VI (VATICAN, 1963).

Considerado o grande evento da Igreja Católica no século XX, mas visto como um “Concílio Pastoral”, pois não definiu Dogmas ou novos pontos doutrinários, se propôs

novas formas de evangelização. O próprio Papa João XXIII teve o cuidado de mencionar a diferença e a especificidade deste Concílio:

A Igreja sempre se opôs a [...] erros; muitas vezes até os condenou com a maior severidade. Agora, porém, a esposa de Cristo prefere usar mais o remédio da misericórdia do que o da severidade. Julga satisfazer melhor às necessidades de hoje mostrando a validade da sua doutrina do que renovando condenações (JOÃO XIII, 1962, VATICAN, 1963).

Da pauta dessas discussões constavam temas como os rituais da missa, os deveres de cada padre, a liberdade religiosa e a relação da Igreja com os fiéis, e os costumes da época (NAVARRO, 2011).

Após três anos de encontros, as autoridades católicas promulgaram documentos como resultado do Concílio. Entre várias decisões conciliares destacam-se as renovações na constituição e na pastoral da Igreja, que passou a ser mais alicerçada na igual dignidade de todos os fiéis e a ser mais voltada e aberta para o mundo (NAVARRO, 2011).

O papa aceitou dividir parte de seu poder com outros cardeais. E as missas passaram a ser rezadas na língua de cada país, visto que, até então eram celebradas sempre em latim (NAVARRO, 2011).

Impulsionada à liberdade religiosa, foi tomada uma nova abordagem ao mundo moderno, o ecumenismo, aceitando a ideia de que, por meio de outras religiões, também é possível conhecer Deus e a salvação. Na questão dos costumes, porém, o encontro foi pouco liberal. A Igreja continuou não aprovando o sexo antes do casamento, a uso de preservativos, o aborto e defendendo o celibato para os padres (NAVARRO, 2011).

3.2 Origem e evolução dos espaços litúrgicos

Biblicamente, o termo “igreja” por certo não se referia ao edifício e sim à comunidade cristã, “composta de homens que se reuniam nos mais diversos lugares” (MENEZES, 2006). Gramaticalmente, “igreja” vem do grego *Ekklésia* (“Ek” – que significa “para

fora”; “klesia” – que significa “chamados”, ou seja, “chamados para fora”) (SILVEIRA, 2011).

No início do cristianismo não havia espaços específicos para o culto e reunião da comunidade cristã. A igreja poderia ser a casa particular de alguém da comunidade, e as celebrações eram realizadas de forma que não chamasse atenção, uma vez que houve uma época (antes do Édito de Milão, em 313 d.C.) que a prática desta religião era proibida e seus membros perseguidos.

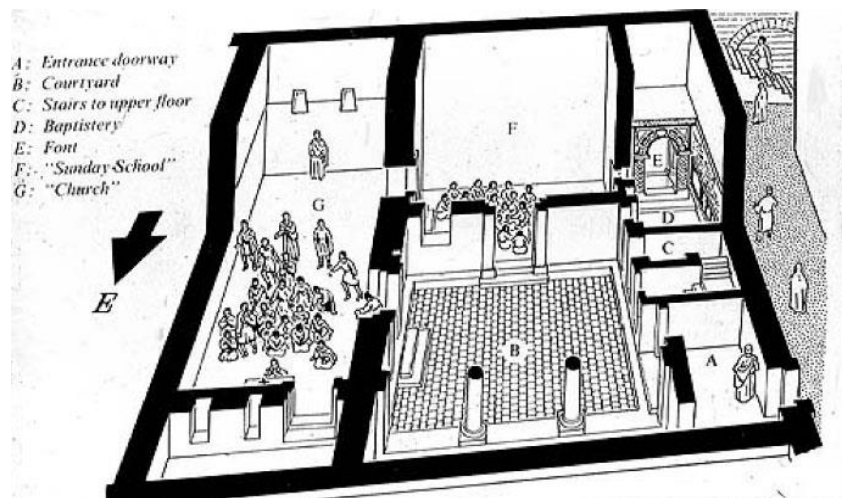
O edifício cristão começara sua vida como uma casa de classe média, com os cômodos dispostos em torno de um pátio interno, como era costume então. Dentro deste prédio havia uma sala de culto com espaço para um altar e uma cátedra e cerca de 60 pessoas. Do lado havia um cômodo menor decorado como um batistério, com cenas simples da Ressurreição [...] e milagres de cura (COLLINS, 2000 apud SCOTTA, 2010).

Essas casas foram chamadas de *domus ecclesiae*. A residência combinava características de uma casa romana com elementos gregos, e possuía vários ambientes. Com uma parte pública descoberta, chamada de átrio ou pátio central, no qual geralmente encontrava-se uma fonte no centro e os quartos, que eram agrupados ao redor de um pátio interno, conhecido como *peristilo*.

Entre o átrio e o *peristilo* havia uma espécie de vestíbulo, o *tablínio*, que era usado como santuário da família, adornado com estátuas e com pinturas dos deuses dos Lares e com retratos dos antepassados. Havia também o *triclínio*, uma sala espaçosa ligada ao peristilo e usada para banquetes formais. É provável que aí nessa sala a comunidade cristã se reunisse para ‘partir o pão’ (COLLINS, 2000 apud SCOTTA, 2010).

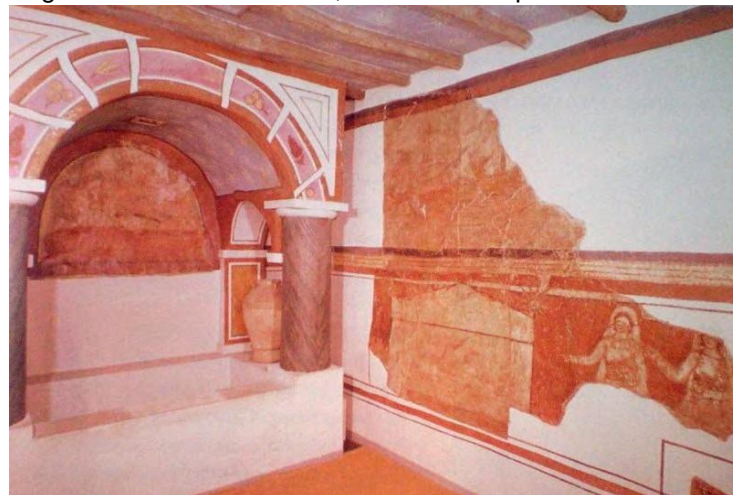
Um dos casos desse tipo de construção é a igreja encontrada em Dura Europos, no Iraque (fig. 7).

Figura 7 - Casa em Dura Europos.



Fonte: Church Architecture from 300-1400. Disponível em: <<http://www.seminary.wlu.ca/rak/Syllabus/520Architecture.html>>. Acesso em: 22 de abril de 2017.

Figura 8 - Sala de Batismo, em Dura Europos.



Fonte: COLLINS, Michael; PRICE, Matthew A. **História do Cristianismo: 2000 anos de fé**. São Paulo: Edições Loyola, 2000. p. 49.

Após várias perseguições, em 313 d.C., o cristianismo foi reconhecido como uma religião e assim deu aos cristãos a liberdade do culto pela determinação do Imperador Constantino, no Edito de Milão (FRADE, 2012).

Existem também suposições a respeito do uso de catacumbas⁸ como lugares para o

⁸ As catacumbas, na Roma antiga, eram imensas galerias subterrâneas escavadas na rocha e tinham a missão de acolher os inúmeros mortos da Roma Antiga. Algumas foram construídas pelos cristãos, já que os mesmos não utilizavam o costume pagão da cremação.

culto, na mesma época das *domus ecclesiae*, já que esses lugares eram tidos como sagrados e invioláveis por uma lei romana, o que impedia o acesso de perseguidores e possibilitava aos cristãos uma reunião mais segura (FRADE, 2007 apud SCOTTA, 2010).

Posteriormente ao Édito de Milão, em 380 d.C, o imperador Teodósio (346-395) tornou obrigatório o cristianismo como religião no Estado. Com isso, alguns edifícios públicos que serviam para julgamentos foram adaptados e transformados em igrejas (SILVEIRA, 2011).

Essa obrigatoriedade atraiu massivamente novos adeptos, e com o crescimento do número de fiéis e o apoio financeiro do Império, iniciaram-se a construção de novos e mais espaçosos, uma vez que as *domus ecclesiae* não comportavam mais os fiéis, surgindo assim os edifícios exclusivamente para o culto religioso (FRADE, 2012).

3.2.1 As basílicas

Foi então que surgiram as basílicas, cuja origem é controversa. Há a ideia de que se apresentavam como uma versão “cristianizada da sinagoga judaica”.

No centro da nave havia um amplo estrado (bema) destinado aos leitores, com o trono do evangelho (parece se inspirar na arca com o véu das sinagogas), havia o candelabro (referência à menorá judaica), a cadeira do bispo (menção à cátedra de Moisés) e os bancos dos presbíteros (FRADE, 2012, p. 35).

A implantação da edificação, porém, diferente das sinagogas judaicas, não se dava mais para Jerusalém, mas sim para o Oriente⁹, onde Cristo, o sol de justiça¹⁰, nascia. Há também a defesa de que as basílicas foram uma derivação dos palácios reais da Pérsia. “Era a sala de audiências do rei ou ‘*basileus*’, donde o termo basílica se

⁹ “A orientação é um fato religioso constante e universal. Pode ser de dois tipos: geográfico ou local, e astronômico, cósmico ou solar. O primeiro é praticado pelas religiões hebraica e islâmica, que consideram um lugar, isto é, Jerusalém ou Meca, como ponto ao qual se direcionar quando se reza; o segundo é aquele seguido pela maior parte das religiões clássicas, incluindo a religião cristã dos séculos passados: para estas o ponto de referência é o nascer do sol” (GATTI, V apud FRADE. **Liturgia e Arte**. Bologna: Centro Editoriale Dehoniano, 2001, p. 74.).

¹⁰ “Desde os primeiros séculos, os cristãos eram habituados a designar Cristo como o sol, que na morte havia se enraizado nos infernos, mas que havia ressurgido fulgurante na sua Ressurreição como o Sol salutis, como Sol iustitiae” (JUNGMANN, J. A., *Eredità Liturgica e Attualità Pastorale*. Roma: Edizioni Paoline, 1962, p. 542. 113 BOUYER, L., *Architettura e Liturgia...*, p 24. 114 apud FRADE).

origina. Graças às características práticas, essas grandes salas de mais de uma nave sustentada por pilastras foram adotadas pelo mundo romano que lhe deu vários usos” (FRADE, 2012, p. 35).

Os Cristãos teriam utilizado a planta desse edifício e incorporado poucas modificações. Apesar de algumas variações na distribuição da planta, de forma geral eles se estruturavam em átrio, nave (central e lateral) e abside.

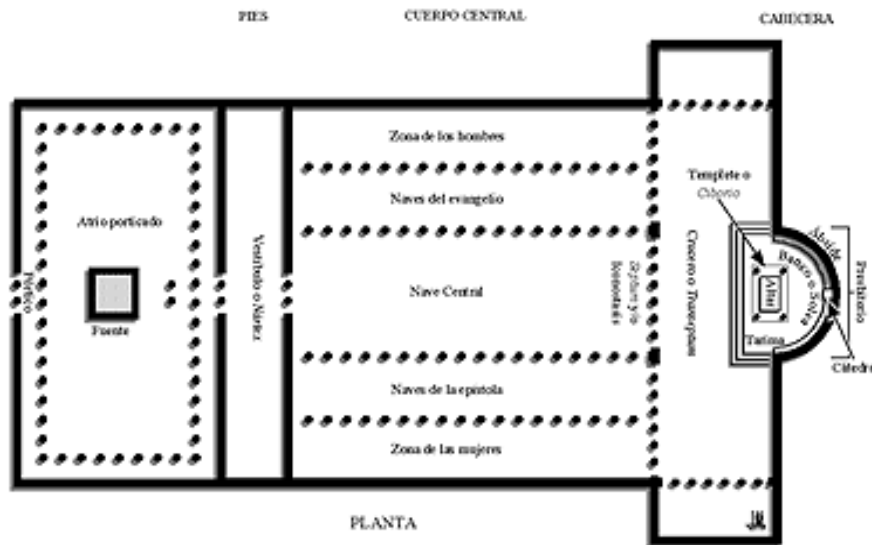
O átrio, também chamado de pátio, estava geralmente localizado em frente a basílica e servia como “símbolo e realidade da passagem entre o mundo profano e o recinto sagrado” (FRADE, 2012, pp. 36-37). É possível encontrar também algumas basílicas que no lugar do átrio havia um simples pórtico, que delimitava a área de onde os não batizados assistiam a missa.

A planta da basílica era composta por naves (de três a cinco), a nave central e as laterais. A central tinha o pé direito mais alto (o que possibilitava a colocação de grandes janelas laterais) e tinha uma área de pelo menos o dobro das laterais (FRADE, 2012). “A divisão entre as naves acontece normalmente através de colunas que sustentam os muros do edifício” (FRADE, 2012, p. 36). Os fiéis mais elitizados e cultos ficam na nave central, os demais eram divididos por sexo nos altares laterais: à esquerda, as mulheres; à direita, os homens. As naves da basílica seguem paralelas até desembocar, em alguns casos, em um transepto, ou espaço transversal entre naves.

No fim das naves, encontrava-se a abside, um espaço geralmente semicircular ou poligonal, com pé direito alto que poderia também abrigar algumas janelas. Na abside, não havia um padrão para a disposição do espaço, mas normalmente encontrava-se no fundo a cadeira cátedra¹¹ do bispo, rodeada pelos assentos reservados aos presbíteros. “A cátedra poderia ser fixa, em pedra ou mármore, ou mesmo móvel, feita de madeira ou até mesmo de marfim” (FRADE, 2012, p. 37). Na abside havia ainda o altar, em princípio uma simples mesa de madeira portátil, converteu-se em uma peça fixa de mármore (FRADE, 2012).

¹¹ Nome da cadeira pontifícia que só pode ser ocupada pelo bispo ou pelo papa. Nas igrejas matriz ou capelas, são chamadas de sédia, e pode ser ocupada por qualquer pessoa do magistério que esteja presidindo a celebração.

Figura 9 - Basílica de St. Peter em Roma.



Fonte: Disponível em: <http://www.arteespana.com/arquitecturapaleocristiana.htm>. Acesso em: 20 de agosto de 2017.

Fora da basílica havia também outros lugares relacionados ao culto, como os batistérios, os martíria, as memórias e os santuário (FRADE, 2012).

O batistério, lugar para celebração do batismo, era possivelmente um cômodo dentro da própria *Domus ecclesiae*, já na basílica, localizava-se do lado de fora. A planta (redonda ou pligonal) era derivada, provavelmente, dos edifícios públicos semelhante às termas, destinados ao uso da água, que poderia simbolizar a água que é utilizada para batizar os cristãos, que segue o costume bíblico (Bíblia, Mateus 3). Os martírias eram lugares para sepultar os católicos, no qual havia também espaço para receber fiéis que ali chegavam para a oração. Os martírias eram

Edifícios que marcavam os lugares santos relacionados à vida de Jesus, mais especificamente à sua morte e ressurreição e que inspiraram posteriormente numerosas construções cristãs no ocidente (FRADE, 2012, p.37).

Assim como os martírias e as memórias, os santuários eram construções destinadas a recordar, assinalar um fato religioso excepcional com o seguinte sentido: como eram quando foram construídas depois da conversão de Constantino, ou seja, meados do IV século (FRADE, 2012).

3.3 Os espaços litúrgicos e os estilos arquitetônicos

O Sacrossanto Concílio Vaticano II esclarece que “a igreja nunca considerou um estilo como próprio seu, mas aceitou os estilos de todas as épocas” (Vatican, 1963) segundo a realidade dos povos. É por esse motivo que quando observamos as igrejas católicas, verificamos uma diversidade no padrão arquitetônico, decorrente, dentre outros motivos, dos diversos estilos arquitetônicos que elas representam.

Porém, há algumas semelhanças. A fim de compreender essas semelhanças e divergências numa busca que justifique os atuais modelos de igrejas reproduzidos na contemporaneidade, foi necessária uma breve revisão dos estilos anteriores ao contemporâneo.

Vale salientar, porém, que este estudo da história da arquitetura religiosa católica está longe de ser completo. O objetivo não é aprofundar o tema, mas observar que na história da igreja há razão de uma linguagem arquitetônica que muito contribuiu para levar a mensagem aos fiéis: quando determinado período remetia à ostentação, a monumentalidade, a um Deus distante onde o homem se via oprimido e pequeno, enquanto outros buscavam atrair os fiéis para a igreja com músicas e beleza para competir com os espetáculos.

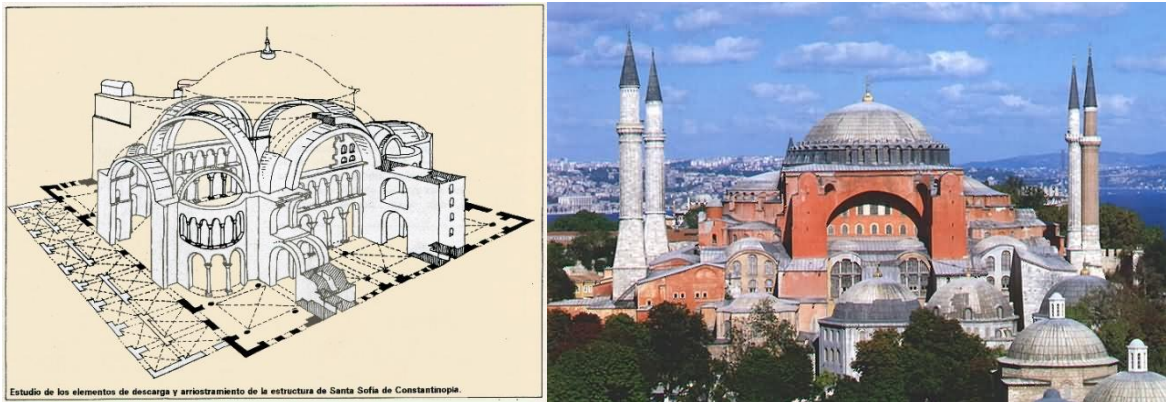
3.3.1 O Estilo Bizantino

A partir do governo de Justiniano (527-529), intensificou-se a construção dos edifícios religiosos, a fim de simbolizar a importância da Igreja e do império romano, cujo capital tinha sido transferida para Bizâncio, no Oriente. Para essas construções foram escolhidos os edifícios de cúpula. No início do governo (século V), as basílicas eram construídas de forma simples, a fim de atender basicamente às exigências litúrgicas e os edifícios de cúpula, mais elaborados, valorizavam a edificação esteticamente, mas não atendiam às exigências litúrgicas.

Com o virar do século V, iniciou-se a tentativa de unir os dois tipos de edificação em um, surgindo assim, as Basílicas de Cúpula, onde o imperador Justiniano construiu a igreja de Santa Sofia (537), em Constantinopla, que é considerada um dos

exemplos mais expressivos desse tipo de edificação.

Figura 10 - Basílica de Santa Sofia.



Fonte: Disponível em <http://anacob3.blogspot.com.br/2015_11_01_archive.html>. Acesso em: 20 de agosto de 2017.

A basílica de Santa Sofia tem planta retangular com um espaço longitudinal centralizado, muitas arcadas e doze grandes colunas (em alusão aos doze apóstolos). O presbitério em forma de trevo, a nave com retrato de santos e o volume externo escalonado com cúpulas e meias-cúpulas (SCOTTA, 2010; FRADE, 2012). Os materiais utilizados são de tijolo, pedra e concreto para a estrutura, no revestimento se têm azulejos nas paredes e mármore coloridos nas colunas e pisos.

O modelo de igreja bizantina influencia o mundo ocidental de maneira clara na construção de algumas igrejas importantes na Europa, como a de São Vital em Ravena (547), e dá inspiração de modo geral aos estilos arquitetônicos que surgiram na era cristã medieval, devido ao seu sistema de abóbadas (FRADE, 2012).

3.3.2 O Estilo Românico

Em meados do século XI, surgiu o estilo Românico, que trouxe consigo mudanças consideráveis na arquitetura das igrejas. Unindo ao estilo bizantino de construir transeptos perpendiculares ao corpo da igreja, criou as igrejas com plantas em forma de cruz, onde os transeptos laterais serviam para atender às necessidades da época de proporcionar a realização de várias celebrações de missa ao mesmo tempo.

O uso de arcos como elemento estrutural para suportar o peso das abóbadas foi

intensificado, sendo utilizado inclusive de forma decorativa, dando pressuposto ao estilo que surgiria posteriormente: o Gótico.

Para a solução do problema de ampliação do número de altares, surgiram o plano radial e o plano escalonado. No primeiro, cinco ou mais capelas irradiavam em torno da abside principal, normalmente com um deambulatório, e se uniam com as naves laterais do coro atrás do altar mor. O plano escalonado, que parece ter se originado em Cluny por volta de 981, tinha duas ou mais naves laterais que atravessavam os transeptos e terminavam em pequenas absides menores paralelas ou quase paralelas à abside principal. O estilo românico possibilitou diversas experiências aos seus arquitetos que no decorrer do tempo foram aperfeiçoando sistemas – como o das abóbadas, por exemplo –, abrindo caminho para o passo sucessivo da arquitetura cristã: o gótico.

3.3.3 O Estilo Gótico

Para a história, estes foram tempos sombrios, enquanto que para as igrejas, foram tempos de luz. Pouco depois de 1050, surgiram na Europa projetos de construção de grandes catedrais e basílicas, além de capelas abundantemente ornamentadas.

A construção da primeira catedral no novo estilo começou na década de 1140, na cidade francesa de Sens. A altura e o formato das igrejas góticas eram surpreendentes. As janelas em mosaicos de vidro colorido encantavam os visitantes, pois deixavam passar a luz do sol. O mundo ocidental jamais vira tanto vidro. Outro aspecto característico eram os arcos ogivais que davam acabamento às altas janelas, na parte de cima. Priorizava-se pela sensação de espaço dentro das catedrais góticas. As paredes, embora de pedra, passavam a aparência de leveza.

De início, os cistercienses, adeptos da simplicidade, rejeitaram o emprego de vitrais nas janelas de suas igrejas, mas acabaram cedendo. O sacerdote podia aproveitar as cenas e os rostos nos vitrais para transmitir sua mensagem sobre a última ceia ou a ressurreição (BLAINEY, 2012).

3.3.4 O Estilo Barroco

Um novo direcionamento para a arquitetura sagrada foi trazido com o Concílio de Trento, em 1545, o que culminou no Estilo Barroco. A nova organização do espaço era resultado da proclamação da autoridade da Igreja e do Estado. O presbitério passou a ocupar toda a abside, dando assim acesso direto à sacristia. A iconostasis¹² é substituída pela balaustrada. O ambão¹³ foi substituído pelo púlpito e os bancos direcionados para o presbitério. O coro é posicionado sobre o átrio principal e nas laterais da igreja, a presença de altares com imagens de santos devocionais (VENTURINI, 2014). Este *layout* permanece até meados do século XX.

O barroco foi o estilo que predominou na construção das igrejas aqui no Brasil, devido ao período da colonização e a vinda das ordens religiosas principalmente os jesuítas.

¹² Parede ou biombo divisório decorado com ícones que separa a nave da igreja do santuário.

¹³ Estante fixa, onde é lido a palavra revelada por Deus. Maiores explicações, ler cap. 4.

4. REGULAMENTADORES LITÚRGICOS-ESPACIAIS VIGENTES

“Quando se projeta um edifício, torna-se necessário conhecer sua função, o melhor possível, mas também e primordialmente deve presidir a tudo um espírito que transforme o corpo inerte da matéria em alma viva da arquitetura” (MENEZES, 2006, p.10).

Foi inspirada nesta ideia de Menezes (2006) que procurou-se entender não apenas a função da Igreja, bem como os mistérios da religião representado em cada símbolo e objeto presente nela, que dão a este tipo de construção (inerte) o espírito religioso que transmite na edificação a alma da religião.

Uma forma de garantir essa relação do inerte com a alma da religião é dar ao profissional subsídios suficientes e de qualidade, além de proporcionar a ele condições de acompanhamento projetual e uma estreita relação com um clero que consiga orientá-lo. É por isso que Menezes (2006) reforça a orientação insistentemente pedida no Sacrossanto Concílio Vaticano II de que toda Diocese tenha uma Comissão de Arte Sacra ^{14,15}.

Buscou-se então encontrar na Arquidiocese de Olinda e Recife esta comissão e algum manual de orientações feita por esta, já que esse é o objeto resultante desta comissão. Contudo, foi averiguado que atualmente não há nesta Diocese a Comissão de Arte Sacra, o que confirma a argumentação de Menezes de que apenas “algumas dioceses, lamentavelmente poucas, já possuem suas comissões” (2006, p.24).

Vale ressaltar ainda que possuir a comissão não significa que a Diocese esteja preparada para apoiar o arquiteto, pois “mesmo após constituída, é da mais absoluta necessidade que seus membros estejam sempre a rever conceitos, estudar normas e procurar sentir as necessidades para uma melhor orientação” (MENEZES, 2006, p.24). Para isso, é necessário que a Comissão esteja em constante reuniões elaborando sugestões e normas, discutindo programas e criação de setores

¹⁴ Nome dado inicialmente pela Igreja à Comissão, mas que foi posteriormente ampliado para Comissão de Arte Sacra e Bens Culturais da Igreja – COBECISA. (CNBB, 2015)

¹⁵ O Sacrossanto Concílio pede também que cada Diocese tenha a Comissão de Liturgia Sacra e a Comissão de Música Sacra.

especializados. É de competência da Comissão Diocesana:

- Examinar os planos e projetos de construção de novas igrejas ou lugares de culto;
- Promover o gosto e o sentido artístico do clero e do povo de Deus por meio de cursos, conferências e diretivas diocesanas, como também exposições, encontros e simpósio. (CNBB,1971 apud MENEZES, 2006, p. 26)

Devido ao fato da ausência da Comissão na Arquidiocese de Olinda e Recife, buscou-se encontrar uma que atendesse aos quesitos anteriormente citados, foi então que se encontrou a Comissão para os Bens Culturais (COBECISA) de Santo André, São Paulo. Clérigos, religiosos, leigos, profissionais, artistas e agentes de pastoral da diocese podem ter acesso ao material que serve como orientação para que se promova na diocese uma arte sacra adequada às exigências da liturgia. O Guia de Orientações serve de base para construções, reformas, restauros e manutenções (COBECISA, 2016).

Após a formulação do guia pela COBECISA, como se recomenda, a aprovação deste passou pelo alvará do Bispo Diocesano, Dom Pedro Carlos Cipollini, que aprovou integralmente o manual em 14 de maio de 2015.

A Comissão de Arquitetura e Arte Sacra da COBECISA tem como finalidade orientar os projetos de construção e assessorar as intervenções nos espaços litúrgicos, para a melhoria da qualidade dos edifícios sagrados que irão acolher os fiéis para suas orações e celebrações. E principalmente para ajudar a reavivar a vida cultural da igreja.

Cabe a essa Comissão ajudar a cuidar, orientar e propor tudo o que possa favorecer a digna celebração litúrgica, na organização do espaço sagrado.

Não se trata de interferir em todas as construções e reformas, impondo determinado estilo ou modelo de igreja. Também não cabe à Comissão elaborar projetos de construção e restauração de igrejas. A função da Comissão é orientar e assessorar. (COBECISA, 2006, p.15).

Como forma então de produzir um trabalho capaz de subsidiar sinteticamente estudiosos do assunto, sejam profissionais, religiosos ou leigos, compilou-se as informações do guia da COBECISA com alguns documentos eclesiais vigentes, sendo eles: Regulamentações do Sacrossanto Concílio Vaticano II, Estudos da CNBB N°

106, Código de Direito Canônico e as Instruções Gerais do Missal Romano, buscando unir a arte de construir com a identidade da religião.

O Sacrossanto Concílio Vaticano II foi o último concílio da Igreja Católica e o responsável pela maior reforma litúrgica da religião. O objetivo deste concílio foi o de incentivar a vida cristã entre os fiéis, adaptando as necessidades da contemporaneidade às questões que eram possíveis ser modificadas na religião, como por exemplo a troca da língua canônica latina pela língua vernácula na celebração eucarística (VATICAN, 1963).

O objetivo deste abandono da língua canônica é o mesmo de todo o concílio: “permitir uma participação mais consciente da assembleia e sua inserção ativa na ação litúrgica” (AQUINO, 2014, p.01). Com o mesmo objetivo, outra alteração importantíssima a se ressaltar foi a da posição do altar, que passa a ser voltado para a assembleia dos fiéis (AQUINO, 2014).

Estudando o âmbito nacional, temos a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, que é uma organização da Igreja que reúne os Bispos católicos do Brasil, conforme explica o Código de Direito Canônico:

[...] agrupamento dos Bispos [...] que exercem em conjunto certas funções pastorais em favor dos fiéis do seu território, a fim de promoverem o maior bem que a Igreja proporciona aos homens, principalmente em formas e modalidades de apostolado devidamente adaptadas às circunstâncias de tempo e lugar, de acordo com o direito (1983, p. 82).

Como documento para estudo, o Setor do Espaço Litúrgico da Comissão Episcopal para a Liturgia da CNBB publicou um livreto de N° 106, que trata de *Orientações para projeto e construção de igrejas e disposição do espaço Celebrativo*. Destinado a todos os envolvidos na construção dos espaços de celebração, o livreto serve de fundamentação para construções e reformas com o objetivo de que estas sejam realizadas “a partir de critérios não subjetivos, mas teológico-litúrgico-pastorais” (CNBB, 2015, p.02).

O código que institui e regulamenta a CNBB, o Código de Direito Canônico (Cân., 1983), foi promulgado pelo Papa João Paulo II, em 1983. Pensado juntamente com o Concílio Vaticano II, porém, publicado posteriormente, tem a base no Concílio para suas regulamentações e orientações (Cân., 1983).

Baseado também na herança jurídica e na tradição da religião, o Código é o principal documento legislativo da Igreja. Além de assegurar a ordem na vida individual e social do cristão católico, assegura a atividade da Igreja.

De facto, o Código de Direito Canónico é absolutamente necessário à Igreja. Já que ela também [...], tem necessidade de normas, para que a sua estrutura hierárquica e orgânica se torne visível, para que o exercício das funções a ela divinamente confiadas, especialmente a do poder sagrado e a da administração dos Sacramentos, possa ser devidamente organizado, para que as relações mútuas dos fiéis possam ser reguladas [...], enfim, para que as iniciativas comuns, [...] sejam apoiadas, fortalecidas e promovidas mediante as normas canónicas. (Cân, 1983, p. XII)

Por fim, vale ressaltar que há um documento ainda mais próximo dos religiosos e leigos: o Missal Romano. Trata-se de um livro sagrado utilizado pelo celebrante nas missas, neste encontram-se as leituras e orações eucarísticas. Nas três primeiras páginas está inserida a *Institutio Generalis Missalis Romani* (IGMR, 2003). É uma apresentação resumida e ordenada dos “princípios doutrinários e normas práticas do culto eucarístico”, com visão na celebração da Missa (IGMR, 2003, p. 01).

“Não se trata, porém, de um ‘documento doutrinário ou dogmático’, mas de uma ‘instrução pastoral e ritual, onde se descreve a celebração da missa e suas partes’”, além de apresentar os ensinamentos catequéticos e as principais normas da celebração eucarística (IGMR, 2003). De posse destes conhecimentos, o arquiteto tem como embasar um projeto que possa atender às funções requeridas por uma edificação religiosa.

4.1 Arquitetura e liturgia

Cabe, sem dúvidas, ao arquiteto projetar, contudo, ao se tratar de um edifício sagrado, é necessário que ele tenha o máximo de cuidado a fim de respeitar a dupla função que o edifício tem: o de abrigo e o de levar a assembleia a entrar na espiritualidade da religião.

Os ambientes sacros nos levam a Deus e promovem a comunhão dos irmãos e irmãs. Deste modo, o zelo pela casa do Senhor e da sua Igreja é manifestação visível do próprio zelo com o Senhor. Portanto, em todas as atividades empreendidas, que tudo seja feito para a glória de Deus! (COBECISA, 2016, p.04).

É por este propósito que estudamos todas as partes que compõem um projeto arquitetônico de uma igreja católica, baseadas nos regulamentadores litúrgicos vigentes e no livro de Menezes (2006).

4.1.1 O Programa Arquitetônico

Programa é uma lista de necessidades solicitadas ou apresentadas pelo cliente que o arquiteto faz a fim de atendê-las. Assim também é necessário na hora de projetar uma igreja. O arquiteto antes de começar a projetar uma igreja deve definir previamente o programa da edificação junto com o padre e fundamentar-se nas normas litúrgicas, criando assim, espaços que favoreçam à revelação dos mistérios ali celebrados.

“A organização de um bom programa contribui grandemente para a boa distribuição das peças no edifício” (Menezes, 2006). É por isso que se procurou neste trabalho penetrar mais profundamente nas partes que compõem a igreja-edifício como um todo, observando principalmente as normas canônicas vigentes, estudando-as particularmente e sua relação com a comunidade religiosa.

O programa que apresentamos é um genérico, onde elementos gerais e específicos são expostos, afim de servir como base para a análise das igrejas da Arquidiocese escolhidas. Mas, sabendo que cada programa é relativo à realidade do local, é necessário o diálogo do arquiteto com o pároco e a comunidade (sempre que possível) para garantir o atendimento das particularidades de cada local.

4.1.2 O Presbitério

O Presbitério¹⁶ deve ser o ponto central do projeto, uma vez que nele se encontra o altar, onde acontece o mistério Eucarístico, onde o pão se transforma no próprio corpo de Cristo e o vinho no Sangue¹⁷ (IGMR, 2003).

¹⁶ “... lugar onde se encontra localizado o altar, onde, é proclamada a Palavra de Deus e onde o sacerdote, o diácono e os demais ministros exercem o seu ministério” (IGMR, 2003, p. 83).

¹⁷ Base da religião católica.

Eis por que o presbitério deverá ser o ponto central da preocupação do arquiteto. Não se trata, de modo algum, prever um ambiente e depois “decorar” com peças várias de acordo com as necessidades litúrgicas (CNBB, 1989 apud Menezes, 2006, p.61).

Figura 11 - Presbitério da Paróquia San't Ana, Arquidiocese de Florianópolis.



Fonte: Disponível em: <<http://eduardofaust.com/%E2%96%A0-igreja-matriz-santana/>>. Acesso em: 13 de outubro de 2017.

O presbitério deve atender às funções litúrgicas, pois nele acontecerão as solenidades, umas mais simples, outras mais complexas, e cotidianamente a celebração do Mistério Eucarístico.

A celebração do Mistério Eucarístico acontece em etapas, a Liturgia da Palavra e a Celebração Eucarística, que, segundo Menezes: “a elas deve ser dada ênfase especial ainda no projeto arquitetônico, prevendo locais apropriados para seu desenrolar, cômoda e eficientemente” (Menezes, 2006, p. 62). No presbitério deve se prever espaços para: altar, ambão, batistério, cadeiras e imagens.

O Altar é o local onde “se torna presente sob os sinais sacramentais o sacrifício da cruz. E também a mesa do Senhor, na qual o povo de Deus é chamado a participar quando convocado para a Missa” (IGMR, 2003, p. 84). É por isso que ao projetar uma igreja, o arquiteto deverá “presidir o desejo de honrar o mistério que se desenrola em torno do altar maior, visível que deverá ser de toda a assembleia” (Menezes, 2006, p. 61).

Mais do que um móvel o altar é um ponto de referência em função do qual deve se

organizar todo o edifício. A volumetria do altar deve estar em consonância com a volumetria da igreja, bem como do partido arquitetônico, do material, da iluminação, da cor e da localização do volume geral (Menezes, 2006).

Figura 12 - Altar da Igreja Matriz Sta. Teresinha, Santa Catarina.



Fonte: Disponível em <<http://arquiteturadosagrado.blogspot.com.br/2015/08/igreja-matriz-sta-teresinha-timbo-sc.html>>. Acesso em: 24 de outubro de 2017.

O Missal Romano, por sua vez, recomenda que o altar da igreja seja um altar fixo¹⁸, simbolizando os textos bíblicos 1 Ped 2, 4¹⁹; cf. Ef 2, 20²⁰, onde Cristo Jesus é a pedra viva. Quanto à sua posição no presbitério, ele deve ser construído de modo a permitir que a Missa seja celebrada de frente para o povo e que se possa andar em volta dele.

Por ser o “coração da igreja”, o altar deve ser, portanto, posto de forma a ser visível de toda a assembleia, “para o qual espontaneamente se dirijam as atenções de toda a assembleia dos fiéis” (IGMR, 2003, p. 84). Deve estar sempre situado em local mais elevado, mas não tão elevado a ponto de cortar a ligação com a comunidade celebrante. Quando localizado no centro geométrico da edificação, toda a composição arquitetônica deve estar voltada para isso, daí a importância de sua

¹⁸ “Diz-se altar fixo aquele que é construído sobre o pavimento e de tal modo unido a ele que não se pode remover” (IGMR, 2003, p. 84)

¹⁹ “E, chegando-vos para ele, pedra viva, reprovada, na verdade, pelos homens, mas para com Deus eleita e preciosa” (1 Pedro 2:4).

²⁰ “Edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina” (Efésios 2:20).

concepção ser pensada desde o início do projeto arquitetônico.

Antes de ser utilizado na liturgia, o altar deve ser dedicado a Deus, o que acontece segundo o rito descrito no Pontifical Romano e quanto possível, deve-se manter o costume da liturgia romana de encerrar debaixo do altar relíquias de Mártires ou de outros Santos. Estas relíquias devem ser de tamanho que seja visível ser parte do corpo humano (reliquia de primeiro grau) e posta em um cofre debaixo do altar (CONCÍLIO VATICANO II, 1963 apud PONTIFICAL ROMANO, s/d).

O Pontifical Romano também recomenda que se mantenha o costume quanto ao material a ser utilizado, que é a pedra natural. Contudo, segundo o critério da Conferência Episcopal, “é permitida a utilização de outros materiais, contanto que sejam dignos, sólidos e artisticamente trabalhados. O suporte ou base em que assenta a mesa pode ser de material diferente, contanto que seja digno e sólido” (IGMR, 2003, p. 85).

Diferentemente do que se tinha nos estilos anteriores ao contemporâneo, a atual recomendação da igreja é que na construção das novas igrejas se tenha apenas um altar, “significa na assembleia dos fiéis que há um só Cristo e que a Eucaristia da Igreja é só uma”.²¹ Sobre o altar, ou junto dele, coloca-se também uma cruz, com a imagem de Cristo crucificado, de modo que a assembleia possa ver claramente.

Quanto às dimensões do altar, a IGMR (2003) recomenda que sejam proporcionais à edificação e em função do mistério que sobre ele se celebra, dispensando, desta forma, os altares enormes, pois sobre eles são colocadas apenas algumas coisas requeridas para a celebração da missa, disposto na IGMR.

Uma vez que se recomenda hoje que todo o presbitério seja despojado de qualquer ornamentação supérflua, o altar torna-se o elemento mais marcante, fazendo-se ainda mais necessário esse cuidado com seu planejamento. Porém, acima de tudo ele deve se harmonizar com todos os demais elementos presentes neste lugar sagrado.

²¹ Nas igrejas já construídas, quando nelas existir um altar antigo situado de tal modo que torne difícil a participação do povo, e que não se possa transferir sem detrimento dos valores artísticos, construa-se com arte outro altar fixo, devidamente dedicado, e realizem-se apenas nele as celebrações sagradas. Para não desviar a atenção dos fiéis do novo altar, não se adorne de modo especial o altar antigo. (IGMR, 2003, p. 85)

Uma iluminação conveniente também deve ser feita para que se destaque do restante do presbitério, sem que seja, entretanto, algo teatral (MENEZES, 2016).

O ambão é a mesa da palavra, no qual é proclamado a palavra de Deus. “A dignidade da palavra de Deus requer que haja na igreja um lugar adequado para a sua proclamação e para o qual, durante sua liturgia, convirja espontaneamente a atenção dos fiéis” (IGMR, 2003, p. 86).

Figura 13 - Ambão da Matriz de Santa Cruz, Santa Catarina.



Fonte: Disponível em: <<http://eduardofaust.com-igreja-santa-cruz-areias-sao-jose/>>. Acesso em: 03 de maio 2017.

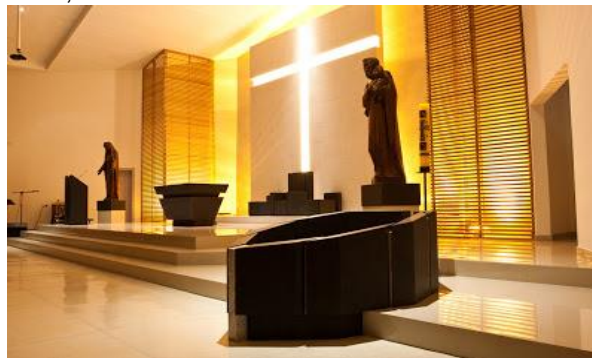
Compondo plasticamente com os demais elementos presentes no presbitério, o ambão deve ser simples e nobre, ter uma forma pura que leve à contemplação das palavras que dele são transmitidas. “Em princípio, este lugar deve ser um ambão estável e não uma simples estante móvel” (IGMR, 2003, p. 86). Ele deve estar disposto no presbitério de modo que os ministros ordenados e os leitores possam ser vistos facilmente por toda a assembleia.

Do ambão são proferidas unicamente as leituras reveladas por Deus. Podem também fazer-se do ambão a homilia e proporem-se as intenções da oração universal. A dignidade do ambão exige que só o ministro da palavra suba até ele (IGMR, 2003, p. 86). As demais leituras devem ser feitas de uma estante, que deve ser móvel e claramente distinta do ambão, para deixar evidente à assembleia a sacralidade do ambão e do que por ele é proclamado. Convém que este, antes de ser destinado ao uso litúrgico, seja bento.

O batistério é “um lugar digno onde renascem os cristãos pela água e pelo Espírito Santo” (INICIAÇÃO CRISTÃ, 2003 apud MENEZES, 2006). É o local onde se batiza

uma pessoa e com isso a torna membro da comunidade católica, bem como a livra do pecado original. É por isso que, com na reforma litúrgica do Concílio Vaticano II, deu-se ainda mais ênfase a este momento, incorporando-o ao ato litúrgico da missa. O batistério só deve existir na igreja paroquial, uma vez que ela representa a sede da comunidade. Deverá ser colocado em um local permanente, com uma disposição especial e estrutura própria, sendo visível “na composição do todo arquitetônico” (*Inter Oecumenici* in Menezes, 2006).

Figura 14 - Pia Batismal da Matriz de Santa Cruz, Santa Catarina.



Fonte: Disponível em: <http://1.bp.blogspot.com/_qI3PFYmt7os/TJpCQTq7Bzl/AAAAAAAAApo/q_u6Aq3V_dc/s1600/690_CRUZ_02.jpg>. Acesso em: 03 de maio de 2017.

De matéria sólida e ornada convenientemente, a pia batismal deve ter uma ênfase especial, uma vez que a ela confere um sacramento. Às vezes faz parte do presbitério, mas também é possível encontrá-la na nave (MENEZES, 2006).

Na construção e ornamentação do batistério procure-se diligentemente pôr em evidência a dignidade do sacramento do Batismo e que o lugar seja apto para celebrações comunitárias (CF. Constituição art. 27) (*Inter Oecumenici* in MENEZES, 2006, p. 84).

Constitui um lugar sagrado. O mais sagrado após o Altar-mor e aquele da santa Reserva²² (ROGUET, s/d. apud MENEZES, 2006, p. 84).

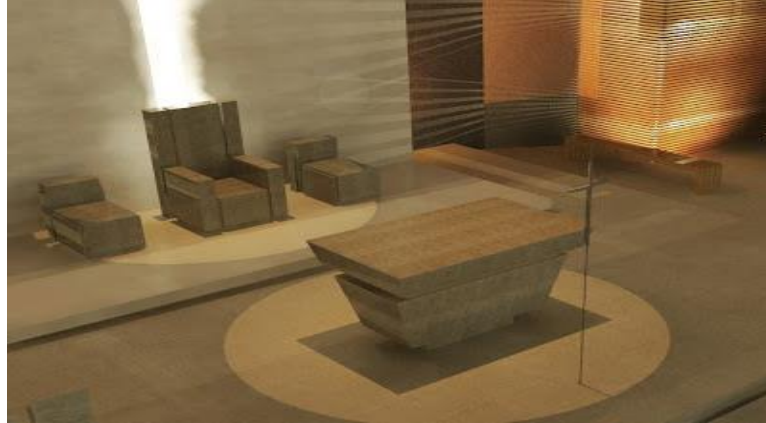
As cadeiras são os assentos reservados no presbitério para acomodar o ministro²³

²² Também chamado de Sacrário, local onde fica guardado as hóstias consagradas.

²³ Pessoa autorizada a celebrar a liturgia, pode ser tanto um religioso quando um leigo ordenado, como por exemplo o diácono e o Ministro extraordinário da Eucaristia.

da liturgia e seus auxiliares²⁴. Estes assentos precisam ser colocados de modo a não atrapalhar o desenvolvimento da celebração e ao mesmo tempo de modo a manifestar a sua função de “presidente da assembleia e guia da oração” (IGMR, 2003, p. 87).

Figura 15 - Igreja Matriz Santa Cruz, Santa Catarina.



Fonte: Disponível em: <<http://arquiteturadosagrado.blogspot.com.br/2010/07/mobiliario-sagrado-design.html>>. Acesso em: 25 de agosto de 2017.

O seu lugar, indicado pelo IGMR (2003), é ao fundo do presbitério, de frente para o povo, a não ser que esta condição não seja possível devido à arquitetura da igreja ou outras circunstâncias, como por exemplo, “se devido a uma distância excessiva se tornar difícil a comunicação entre o sacerdote e a assembleia reunida, ou se o sacrário estiver situado ao centro, atrás do altar” (IGMR, 2003, p.87).

No caso de não estar ao fundo do presbitério recomendamos que seja posta, a critério do arquiteto, em um local destacado da nave e completamente visível pela assembleia, esta posição deve ser previamente aprovada pelo pároco ou bispo diocesano.

É importante ressaltar ainda que as cadeiras devem refletir que existe a presença de um presidente da celebração e que ali se guia a oração, mas é recomendável evitar-se todo o aspecto de trono. É conveniente também que a cadeira, antes de ser destinada ao uso litúrgico, seja benta, segundo o rito que vem no Ritual Romano.

²⁴ Os auxiliares são todas aquelas pessoas que ajudarão na celebração do momento, como por exemplo, os coroinhas, seminaristas e até mesmo padres, quando acontece de haver dois ou mais padres em uma celebração.

No presbitério dispõem-se também de assentos para os sacerdotes concelebrantes ou para os presbíteros que, utilizando a veste coral, estão na celebração, mas não concelebram. O assento do diácono²⁵ deve ser posto junto com a cadeira do celebrante. Os assentos dos outros ministros devem ser dispostos de modo a ficar claro a distinção destes para o clero (IGMR, 2003).

As imagens sacras são a identidade da religião católica. Podem retratar santos ou alguma cena bíblica. Os católicos utilizam as imagens de santos para se lembrarem que a pessoa ali representada é santa, o que significa que viveu conforme a vontade de Deus, usando-a como um exemplo de vida. Quando retratam uma cena bíblica, a utilizam como mais uma forma de evangelização.

As imagens dentro da igreja são então elementos essenciais e o Código de Direito Canônico recomenda que

Mantenhá-se a praxe de propor imagens sagradas nas igrejas, para a veneração²⁶ dos fiéis, entretanto, que esteja exposta em número moderado e na devida ordem, a fim de que não se desperte a admiração no povo cristão, nem se dê motivo a uma devoção menos correta (Cân. 1983, p. 207).

Toda igreja deve ser consagrada a um santo padroeiro, que deve estar representado em uma imagem em destaque. Menezes recomenda que “o santo padroeiro terá seu lugar especial, que não seja no altar, que não seja sobre o sacrário, que talvez não seja no centro da parede de fundo” (2006, p. 62). A função de escolher onde colocá-la caberá ao arquiteto, em sua concepção, pois ele é capaz de saber onde melhor colocá-lo. Menezes sugere que um lugar possível seria o átrio, simbolizando assim que o padroeiro recebe os fiéis em sua entrada no templo e lembra-os “seu exemplo de fé” (2006, p. 63).

No presbitério, devido à tradição da Igreja, em geral, há a imagem de Jesus e Nossa Senhora, o que os simboliza como divindades maior. Como intercessores, as imagens dos santos venerados pelos fiéis devem preferencialmente estar dispostas

²⁵ Homem ordenado que tem a segunda das três maiores ordens sagradas, aquela imediatamente inferior à de sacerdote, pode se casar, porém não celebrar a missa (fazer a consagração da hóstia), apenas a liturgia da palavra (quando se faz quase todo o rito da missa, porém, sem a parte da consagração).

²⁶ Ato de admirar, respeitar.

na nave. Contudo, é necessário a ponderação na hora de colocar essas outras imagens, para que não se tenha uma quantidade exacerbada ou imagens repetidas do mesmo santo, para que não desviem a atenção dos fiéis da celebração Eucarística, “as imagens [...] sejam dispostas de modo que conduzam os fiéis aos mistérios da fé que ali se celebra” (IGMR, 2003, p. 90).

4.1.3 A Nave

Ainda sobre a tradição da religião e a arte sacra, mas já na nave, tem-se a via-sacra, “entendida como caminho sagrado que lembra os últimos passos de Jesus, em direção à sua paixão e ressurreição” (COBECISA, 2016, p. 36). Em quase todas as igrejas ela está representada em quadros (podendo ser encontrada também em pinturas e vitrais) dentro da nave. Embora a COBECISA recomende que esta, bem como “outros elementos devocionais subjetivos estejam fora do lugar da celebração eucarística” (COBECISA, 2016, p. 35) sugerimos que se mantenha o costume de ser colocado dentro da nave. É fundamental também que esta arte, assim como as demais, seja pensada desde o projeto, estando assim, em consonância com o todo.

Figura 16 - Via-sacra da Igreja de São Pedro - Tamandaré, Pernambuco.



Fonte: Autora, 2016.

A nave é o espaço da igreja que abriga a assembleia. Seu partido arquitetônico não deve apenas pensar em sua forma e dimensões, mas deve, sobretudo, atender à sua função: “abrigar a igreja comunidade” (MENEZES, 2006, p. 94). “O lugar dos fiéis deve ser objeto de particular cuidado, dispondo-o de modo a permitir-lhes a participar devidamente nas celebrações sagradas com a vista e com o espírito” (IGMR, 2003, p.86).

A Introdução Geral do Missão Romano recomenda que na nave tenha-se bancos para acomodar os fiéis, mas também permite o uso de cadeiras. A disposição destes deve ser de tal modo que os fiéis possam executar às diferentes ações corpóreas necessárias para algumas partes da celebração, bem como se aproximarem da sagrada comunhão sem dificuldades (IGMR, 2003, p. 86).

Para as novas igrejas, recomenda-se a existência de apenas uma nave, condizendo melhor com as exigências do culto, e “permitindo aos fiéis mais facilmente construírem uma só comunidade-orante” (BETENCOURT, s/d. apud MENEZES, 2006, p.94).

A reforma litúrgica do Concílio do Vaticano II traz a perspectiva de uma Igreja mais próxima do povo, por isso, tem-se hoje a ideia de que grandes templos não mais condizem com a realidade do homem contemporâneo. “Possua, é fato, a beleza plástica dos bons volumes, mas seja também proporcionada ao homem que a vai ocupar, oferecendo-lhe um ‘ambiente de recolhimento e de simplicidade’” (MENEZES, 2006, p.95).

Para Menezes, as técnicas de construção contemporânea ajudaram na liturgia, uma vez que permitem grandes vãos cobertos sem interferência de elementos estruturais. Porém, como dito anteriormente, deve-se projetar de modo que a nave não fique demasiadamente grande, a ponto de dificultar a participação ativa da assembleia, pois “se torna difícil a celebração ordinária quando a palavra e os gestos não chegam facilmente ao ouvido e aos olhos de muitos circunstantes” (MENEZES, 2006, p.94).

O autor ressalva ainda, que um bom projeto irá depender do edifício como um todo, não apenas pela beleza, “mas sobretudo pela comodidade ou pelo desconforto que apresenta”, pois isto é capaz de influenciar os fiéis e fazê-los participar ou não da liturgia (MENEZES, 2006, p. 94).

A circulação dos fiéis na nave também deve ser uma preocupação do arquiteto, deve permitir o movimento da assembleia sem dificuldades, uma vez que os ritos litúrgicos pedem isso, seja no momento da Comunhão, seja na procissão do ofertório, ou em momentos oportunos em outros tipos de celebração. Este movimento dos fiéis deve ser homogêneo e ordenado para que não se perca o “espírito que deve imbuir o fiel em sua presença no templo sagrado”. (MENEZES, 2006, p.94).

Enfim, a nave deve, por suas dimensões, disposição e conforto, proporcionar um local agradável e, acima de tudo, levar o fiel a sentir o mistério da religião e “que possam participar devidamente das ações sagradas com os olhos e o espírito” (IGMR, 2003, p.88).

Os bancos são mobiliários fundamentais para o conforto dos fiéis. Geralmente de madeira, esses devem atender às normas de ergonomia²⁷ para que a pessoa ao sentar nele sintam-se confortável e possa “entrar” inteiramente no mistério da liturgia.

Mesmo sem regra específica para esse mobiliário, em geral, os bancos são equipados com o genuflexório²⁸ e um local para guardar pequenos objetos. É possível encontrar raríssimas vezes bancos com local para guardar também folha de canto e o jornal da missa, e alguns possuem o assento e/ou encosto acolchoado.

Figura 17 - Assento e encosto acolchoada; porta-objeto e Genuflexório.



Fonte: Disponível em: <<http://www.fauber.com.br/produtos/bancos/banco-070>>. Acesso em: 28 de agosto de 2017.

A Comissão para os Bens Culturais da Igreja da Diocese de Santo André (COBECISA, 2016) julga não ser necessário que os bancos tenham genuflexório. Contudo, sabe-se que o ato de ajoelhar faz parte do rito litúrgico da religião católica, logo, deve-se procurar utilizar bancos que sejam equipados com este elemento a fim de colaborar com a liturgia. Esse elemento deve ser móvel, uma vez que não é utilizado constantemente, além de os espaços entre um banco e outro nas igrejas

²⁷ Estudo que relaciona as medidas corpóreas do homem e do objeto utilizado por ele para executar uma tarefa.

²⁸ Peça de madeira fixa ou móvel usado nas igrejas, geralmente na parte de trás do banco, para que os fiéis possam ajoelhar-se e orar.

serem reduzidos, por vezes; o fato de ele poder ser levantado quando não utilizado, amplia o espaço entre os bancos e ainda ajuda na preservação do móvel.

O porta-objetos atrás do encosto do banco serviu há muito tempo para guardar a bíblia daqueles que a levavam para a igreja, porém atualmente perdeu-se esse costume. Contudo, esse elemento ainda é necessário, uma vez que grande parte dos frequentadores da igreja levam pequenos elementos, tais como carteira, chaves, sombrinhas e, até mesmo, o jornal da missa; esses objetos que podem ser guardados no porta-objeto e liberar as mãos do fiel para a celebração.

A COBECISA (2016) recomenda que os bancos sejam pequenos e estipulam um máximo de seis pessoas em cada um. Calculam ainda 50 cm o espaço mínimo ocupado por uma pessoa e 1,00 m o distanciamento ideal entre os bancos (50 cm para o assento mais 50 cm de espaçamento entre a borda do assento e o encosto do banco da frente).

O coro é o espaço que abriga o coral da igreja, hoje mais comumente chamado de ministério de música. A sua disposição na nave está diretamente ligada às reformas litúrgicas: nos primeiros séculos, a comunidade toda participava da salmodia, então não se tinha espaço exclusivo para os cantores, somente para os solistas. Do século VII em diante, a inserção do canto lírico e melódico na liturgia fez surgir o coro, a *shola cantorum*, que era composta geralmente por monges colocados entre fiéis e o presbitério, como nas igrejas monásticas românicas (MENEZES, 2006).

Com o surgimento do canto polifônico surgiram os coros leigos, dos quais participavam profissionais ou não. Na Renascença, foi então que veio seu isolamento da assembleia. Inicialmente ficavam em tribunas dominando o presbitério e, posteriormente, foram deslocados para o fundo da nave, o coro alto (MENEZES, 2006).

Na contemporaneidade, vivemos com o Concílio do Vaticano II, a reafirmação da renovação do canto litúrgico recomendado inicialmente pelo Santo Padre Pio X, que tem grande influência na concepção do espaço destinado ao coro e em sua localização.

Agora o ministério de música é parte integrante da comunidade, bem como nos sugere o IGMR: “Tanto quanto a estrutura da igreja o permita, ao coro deve destinar-

se um lugar que manifeste claramente a sua natureza, como parte da assembleia dos fiéis, e a função peculiar que lhe está reservada” (2003, p.89). A disposição do coro deve permitir o desempenho dessa função e também que comodamente todo os seus componentes participem plenamente da Missa (IGMR, 2003, p.89).

A Sagrada Congregação para os Ritos se refere ao coro de capela musical, coro e *Schola Cantorum*, e ressalva que esse elemento “merece uma atenção especial pelo ministério litúrgico que desempenha” (RITOS, 1967) e principalmente após o Concílio do Vaticano II, que deu a este ministério ainda mais importância.

Por conseguinte: a) Ter-se-á um Coro, ou "Capella", ou "Schola Cantorum", e dele se cuidará com diligência, sobretudo nas catedrais e outras igrejas maiores, nos Seminários e nas Casas de Estudo dos religiosos; b) É igualmente oportuno estabelecer tais coros, mesmo modestos, nas igrejas pequenas. (RITOS, 1967)

Quanto aos instrumentos musicais (órgão e outros instrumentos legitimamente aprovados), esses devem ser colocados em um lugar apropriado, de modo a apoiarem os cantores, e a serem bem ouvidos por todos (IGMR, 2003, p.89).

Por fim, há um elemento que, embora atualmente seja pouco utilizado devido a reformas da Igreja, é indispensável para a realização de um dos sete sacramentos: é o confessionário para a confissão dos pecados a um sacerdote.

Confessionário é o local utilizado para o cristão católico receber o sacramento da confissão. Segundo o Catecismo da Igreja Católica²⁹(1992), artigo 1446, o sacramento da confissão serve para restaurar “aqueles que, depois do batismo, caíram em pecado grave e assim perderam a graça batismal e feriram a comunhão eclesial”.

Para receber este sacramento, o cristão católico deve, individualmente, procurar um sacerdote para se confessar, e esta confissão, deve ser feita no confessionário, que, segundo o Código de Direito Canônico (1983), é o lugar apropriado para este ato: “Existam sempre em lugar patente confessionários, munidos de uma grade fixa entre o penitente e o confessor, e que possam utilizar livremente os fiéis que assim o desejem” (CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO, 1983, p.172).

²⁹ Livro da Igreja aprovado pelo Vaticano que expõe completa e integralmente a doutrina católica.

Vale salientar também a frase do Cãn. (1983, p.172): “... e que possam utilizar livremente os fiéis que assim o desejem”; devido a isso, o estudo 106 da CNBB dá a possibilidade de que a confissão seja feita em um confessionário ou em um recinto conveniente. Dando assim a possibilidade de que fique por escolha do fiel a confissão face a face ou não, sentando ou de joelhos. (CNBB, 2015)

Figura 18 - Jovens confessando durante JMJ Rio 2013



Fonte: Disponível em: <<https://blog.cancaonova.com/metanoia/confessionario-lugar-da-misericordia-do-senhor/>>. Acesso em: 10 de setembro de 2017.

Deve-se ainda, ser observado na nave, o conforto térmico, lumínico e acústico: “Terá como principal preocupação o arquiteto projetista, dar todas as condições aos fiéis para que, com conforto e facilidade, possam ser parte integrante do desenrolar das cerimônias” (IGMR, 2003, P. 89).

O conforto térmico é “o estado da mente que expressa satisfação do homem com o ambiente térmico que o circunda” (ASHRAE, s/d. apud LAMBERTS, s/d). Esta satisfação é sentida quando o equilíbrio térmico entre o calor produzido pelo corpo e o calor perdido para o ambiente são os mesmos. A insatisfação pode ser causada pela sensação de calor ou frio (LAMBERTS, s/d).

Como orienta a COBECISA, para que se tenha um bom conforto térmico, é necessário que durante a elaboração do projeto seja previsto uma circulação do ar natural, principalmente quando a igreja está localizada em países tropicais, como o caso das igrejas estudadas neste trabalho. Deve ser dimensionado e disposto adequadamente as aberturas para gerar a circulação do ar.

A COBECISA recomenda ainda que seja feito um estudo da insolação, e que a cobertura da igreja seja de materiais que ajudem na defesa do calor do sol, como as

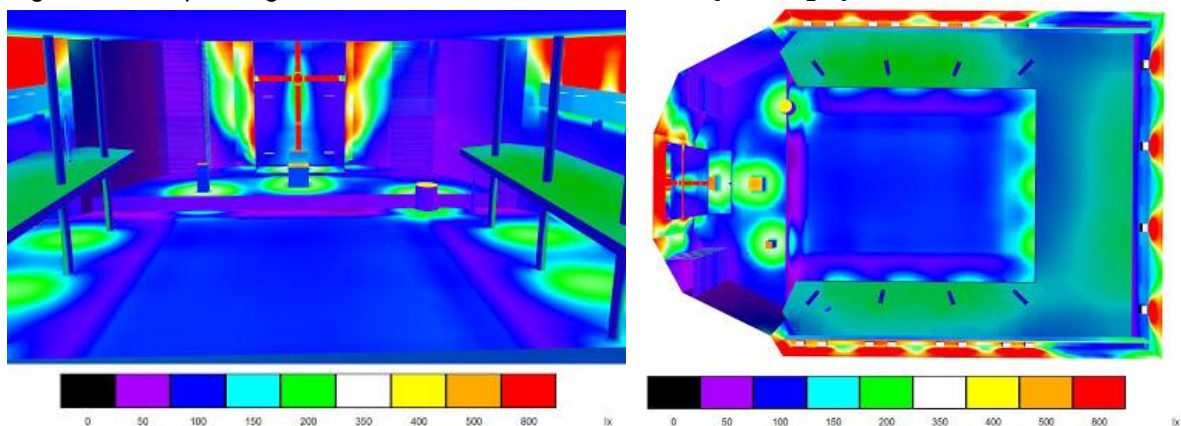
telhas de barro e telhas com tratamento termo acústicos: “Telhas de fibrocimento, já muito utilizadas, causam desconforto” (2016, p.37), ressalva. Cobertas com altura mais elevada e com aberturas para a saída do ar quente, bem como a utilização de forros isolantes também são sugestões da Comissão. Até mesmo o paisagismo contribui para o condicionamento térmico.

“Durante o verão, as árvores estão com as copas cheias, fazem boa sombra e barram os raios de sol no edifício. Os gramados, que possuem menor temperatura em relação ao cimento ou à pedra, fazem com que a massa de ar próxima ao edifício tenha melhores condições, térmicas; eles emitem menos energia radiante em direção às paredes”. (COBECISA, 2016, p. 37)

O conforto luminoso, por sua vez, pode ser definido como “a qualidade dos estímulos ambientais à visão provocados pela quantidade de luz, sua variação e distribuição por um determinado ambiente”, podendo ser a luz natural ou artificial (MILANI, 2006, p. 52).

A iluminação artificial deve estar distribuída adequadamente de acordo com a função do espaço (MILANI, 2006). O estado atual da arte da iluminação pede que se una a iluminação funcional à iluminação cênica. A iluminação funcional tem o objetivo de promover o conforto nas atividades realizadas; já a cênica tem o objetivo de proporcionar uma percepção diferente do espaço, uma vez que “o estudo de diferentes espaços e elementos litúrgicos no interior da igreja permite definir uma iluminação mais adequada e analisar os sistemas de iluminação e efeitos de luz aplicados às igrejas” (MILANI, 2006, p.13).

Figura 19 - Esquema gráfico ilustrando as zonas de iluminação da igreja Matriz Santa Cruz, SC.



Fonte: Disponível em: <<http://arquiteturadosagrado.blogspot.com.br/2010/12/o-que-e-projeto-luminotecnico.html>>. Acesso 17 de setembro de 2017.

A COBECISA (2006, p.37) diz que a “iluminação tem uma influência objetiva para o desenvolvimento da liturgia. Para cada ambiente e função pode-se prever um tipo determinado de luz e de intensidade de iluminação”. Recomenda que o espaço não esteja iluminado todo por igual, bem como que elementos e imagens tenham uma iluminação especial que ajude a valorizá-los. Essa iluminação de sombra e luz cria “o contraste que lembra a própria dinâmica da fé, que transita entre a luz e as trevas” (COBECISA, 2006, p.37).

Nos locais de tarefa, como o altar e a mesa da palavra, é recomendado uma iluminação direta. Um regulador de intensidade da luz também pode ser usado, e ainda a iluminação indireta. Contudo, não se pode também esquecer-se da iluminação natural – sempre que houver a possibilidade –, pois é conveniente aproveitar-se o máximo dela, pois “isso ajuda na economia de energia elétrica e ainda se podem conseguir efeitos significativos pela entrada da luz no local de celebração” (COBECISA, 2016, p.38).

A qualidade acústica é outro elemento muito importante para o local da celebração, em que “a solução arquitetônica pode influir consideravelmente neste aspecto. Abóbadas, conchas ou formas circulares, grandes panos de concreto tendem a provocar, reverberação no interior da igreja” (COBECISA, 2006, p.37).

O volume da nave, em especial, é o fator de maior influência para a propagação do som, que às vezes proporciona reverberação e eco³⁰. Além do volume, o acabamento das superfícies também são elementos que influenciam na qualidade do som. É preciso que sempre se consulte um profissional especialista (MENEZES, 2006).

Materiais com acabamento poroso ou rugoso são adequados para revestir as superfícies, uma vez que ajudam a melhorar a acústica, porque “a forma espacial, as inclinações do telhado e piso também podem ser aliados da boa acústica” (COBECISA, 2006, p.37).

Para Menezes (2006), as próprias dimensões da igreja, necessária para o acolhimento dos fiéis, é uma dificuldade frequente para a boa acústica, fator que é muitas vezes agravado pela utilização de amplificadores sem o auxílio de um

³⁰ Muitos confundem os dois problemas no som, vale então explicar que o “eco” é o som refletido percebido com intervalo de tempo suficiente para ser distinguido do som original; e a reverberação acontece quando esse intervalo de tempo não é suficiente, causando ilegibilidade do som.

profissional. Esse cuidado com a acústica é necessário para possibilitar a melhor comunicação da Palavra e da música, bem como a participação da assembleia com a liturgia.

34. A celebração da Missa é, por sua natureza, “comunitária”. Por isso têm grande importância os diálogos entre o sacerdote e os fiéis reunidos, bem como as aclamações. Tais elementos não são apenas sinais externos de celebração coletiva, mas favorecem e realizam a estreita comunhão entre o sacerdote e o povo.

35. As aclamações e as respostas dos fiéis às saudações do sacerdote e às orações constituem aquele grau de participação ativa por parte da assembleia dos fiéis, que se exige em todas as formas de celebração da Missa, para que se exprima claramente e se estimule a ação de toda a comunidade. (IGMR, 2003, pp. 09-10)

É fundamental que a acústica seja pensada ainda na fase de projeto, e não apenas após a conclusão da obra. Desta forma, o projeto pode definir formas e materiais que favoreçam um resultado satisfatório. Porém, quando pensado posteriormente, a solução de um problema acústico pode ser caro, difícil e até mesmo impossível.

4.1.4 Elementos arquitetônicos

A preocupação com as portas pode parecer desnecessário, mas segundo Menezes (2006) é fundamental. Segundo o autor, a preocupação com esta é quanto a sua disposição, que deve atender às exigências dos bombeiros, preservando assim, a integridade dos fiéis.

Figura 20 - Porta de entrada do Santuário Pai da Misericórdia - Comunidade Canção Nova/SP.



Fonte: Disponível em: <<http://www.viagensdefe.com.br/santuاريو-pai-das-misericordias-ganha-porta-santa/#.WgDFSmhSzDc>>. Acesso em: 02 de maio de 2017.

Além da quantidade, distribuição e dimensão, as portas devem ter saída direta ao exterior. Lembra ainda da disposição de segurança, exigindo que “as portas de locais de maior afluência de público tenham dispositivo de abertura que permita que as folhas das portas projetem, [...] para o exterior” (MENEZES, 2006, pp. 103-104).

[...]devem ser mais de uma e não num só ponto, mas em várias direções: na parte frontal e lateralmente – mais perto do altar e no lado oposto.

[...] Além disso, ajudam as portas a ventilação, pois o ar entra por baixo e sai por cima. Ficando uma porta lateral em frente à outra, criar-se à uma corrente de ar para renovação rápida deste. (L'AUTEL, 1955 apud MENEZES, 2006, p. 104)

Acrescentamos ainda que, além de motivo de segurança, ela é também motivo de convite a entrar no templo de Deus, principalmente a porta principal. Essa deve ter sempre um destaque em relação às demais, seja com adornos ou com o tamanho: é a entrada da porta que faz o primeiro acolhimento. Diz o Novo Documento da CNBB Número/177: "Importância especial seja dada ao acolhimento às pessoas..." (CNBB, s/d apud CALIXTO, s/d).

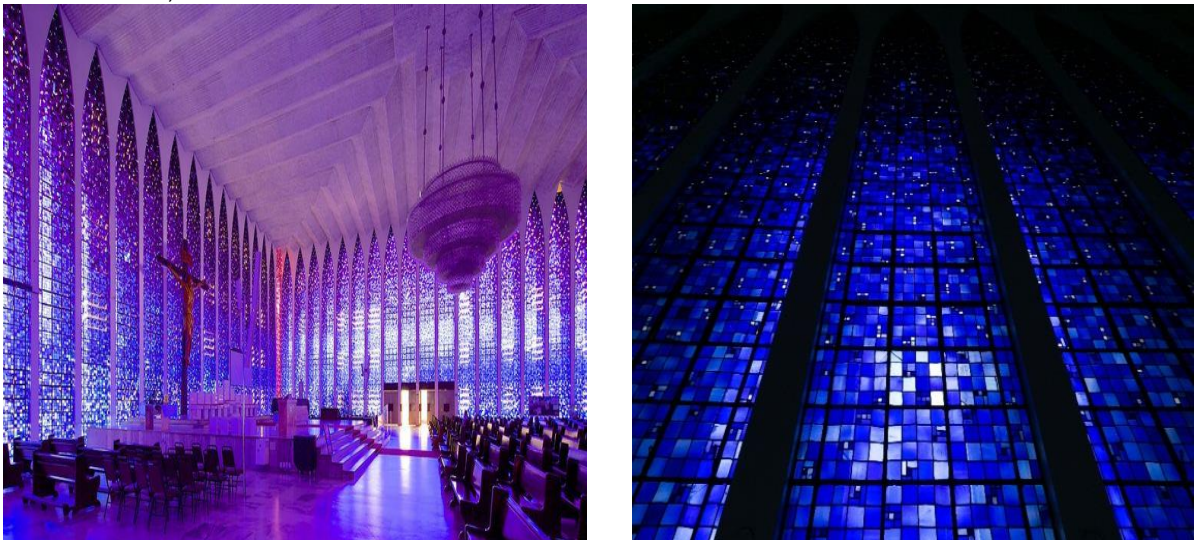
A igreja de Cristo quer que sejamos acolhedores. A porta é um símbolo desta acolhida. Nós vamos à porta da casa receber as visitas e vamos a ela para despedida das mesmas, naquele desejo de que a alegria vivida, naqueles momentos, perdure e se repita. (CALIXTO, s/d).

As janelas devem, assim como as portas, estar localizadas em lugares cautelosamente pensados. O tamanho de uma janela deve ser o suficiente para permitir que a aeração seja a melhor possível. Menezes (2006) aconselha que tenha uma abertura inferior e outra superior, permitindo assim a entrada do ar frio e a saída do ar quente, respectivamente. Ressalva também que a abertura para saída do ar quente esteja o mais próximo possível do forro, no qual se acumula um colchão de ar quente.

As janelas, além de ter a função de renovação do ar, têm também a função decorativa e, em geral, pela presença de vitrais. Quando inicialmente utilizado em igrejas, possuía o objetivo catequético por ter representações de cenas evangelizadoras. Apesar de, atualmente, ele está sendo utilizado apenas como elemento decorativo. Contudo, Menezes julga que ainda assim, há uma grande importância na sua utilização, pois os vitrais contribuem “à harmonia do templo sagrado” (2006, p.105).

“A janela é parte integrante da arquitetura [...]” e “o vitral deve ser concebido no instante mesmo em que a parte construtiva surge ao arquiteto e lhe revela o volume de seu futuro edifício” (LUMIÈRES, 1968 apud MENEZES, 2006, pp. 105-106).

Figura 21 - à esquerda, o santuário de São Bosco, DF; à direita, detalhe do vitral do santuário de São Bosco, DF.



Fontes: Disponível em: <<https://www.expedia.com.br/Santuario-Dom-Bosco-Asa-Sul.d6098064.Guia-de-Viagem>>. Acesso em: 15 de outubro de 2017.

As tecnologias, como já citado, na arquitetura é um reflexo da época em que foi construída, e deve utilizar técnicas, materiais e elementos de sua contemporaneidade. Por isto, é importante que o arquiteto preveja alguns aparelhos tecnológicos que estão incumbidos na sociedade atual, tais como: aparelhos de ventilação, som e projeção de imagem.

Os aparelhos de ventilação são importantes elementos para contribuir no conforto térmico, hoje o principal é o ar condicionado. Foram eles também tão apropriados pela sociedade, que é fundamental pensar prevê-los ainda no projeto da igreja. Com o ar condicionado, a igreja pode ficar mais silenciosa, uma vez que janelas e portas ao serem fechadas impedem boa parte dos ruídos externos à edificação. E o fato de possuir este equipamento, transmite aos fiéis uma aparência de modernidade e acolhimento.

Figura 22 - Capela de Nsa. Sra. da Conceição, Brennand, Várzea. Não se nota os aparelhos de ar-condicionado graças ao inovador sistema de resfriamento pelo chão, o que na foto parece ser o rejunte do piso, trata-se na verdade do espaço por onde o ar sai do subsolo.



Fonte: Autora, 2017.

Outra forma de ventilação bastante utilizada é através dos ventiladores, uma vez que estes ainda são a maneira mais barata e econômica de manter o templo confortavelmente ventilado. Ainda que não seja o mais ideal, pois sua capacidade de ventilação é bastante reduzida se comparada ao ar condicionado, nem todas as comunidades conseguem financiar a climatização do ambiente, recorrendo assim ao uso do ventilador. Mesmo quando o conseguem, o sistema de ar condicionado não é utilizado em todos os momentos devido ao seu alto custo de energia e manutenção dos aparelhos.

É importante que o arquiteto não deixe de pensar nas duas formas de ventilação, e também em formas de compor esses aparelhos com a arquitetura, para que eles não sejam elementos prejudiciais à beleza da construção aparentando que foram postos sem o devido cuidado e nem desvirtuem a atenção do fiel.

Como também já citado, a boa acústica é um importante elemento para a participação plena do fiel na liturgia, para isto, o arquiteto conta hoje com uma grande diversidade de aparelhos de som. É importante que o arquiteto procure profissionais especializados na área para que as caixas estejam locadas nas posições corretas a se obter um som legível e homogêneo.

O design das caixas de som também é diverso, o que pode valorizar ou prejudicar

arquitetonicamente o ambiente. Sistemas de som embutidos também já são possíveis, por isso este elemento deve ser bem estudado pelo arquiteto.

Figura 23 - Exemplares de formato de amplificadores de som.



Fonte: Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?tbm=isch&sa=1&ei=S-0&q=caixas+de+som+igreja&>>. Acesso em: 09 de setembro de 2017.

Por fim, os aparelhos de projeção de imagem, ainda que não seja tão comum nas igrejas católicas como é nas protestantes, é um elemento também absorvido pela sociedade atual. Não encontrado nada que a regule, é importante que caso o arquiteto vá usar deste aparelho, consulte autoridades locais para buscar orientação.

Figura 24 - Exemplo de uma igreja cujo uso dos elementos tecnológicos não é adequado para uma igreja católica, uma vez que esta composição poderia tirar a atenção da liturgia.



Fonte: Disponível em: <<http://arafen.com/pf/v9x1868/modern-church/286md8/>>. Acesso em: 23 de outubro de 2017.

4.1.5 Espaços Anexos ao Corpo da Igreja

O edifício-igreja vai além da nave na qual se vive a liturgia. O catolicismo necessita de outros espaços além do salão de oração. Precisa-se de capela do santíssimo para adoração ao corpo eucarístico; sacristia para a preparação do celebrante e seus ministros; secretaria, residência e salão paroquial, e torre sineira.

A Capela do Santíssimo, após o Concílio Vaticano II, foi recomendado que uma sala fosse reservada para adoração ao Santíssimo Sacramento, sala essa, chamada de Capela do Santíssimo. Ainda que não seja obrigada, a IGMR (2003) expõe estar “mais de harmonia com a natureza do sinal, que no altar em que se celebra a Missa não esteja o sacrário onde se guarda a Santíssima Eucaristia” (pp. 88-89).

Figura 25 - Capela do Santíssimo do Santuário de Nossa Senhora de Fátima/RJ.



Fonte: Autora, 2017.

A IGMR dá ao Bispo diocesano o poder de decisão de onde colocar o sacrário³¹, podendo ser: no presbitério (fora do altar da celebração), ou em uma capela “adequada à adoração e oração privada dos fiéis, que seja organicamente unida à igreja e visível aos fiéis cristãos” (IGMR, 2003, p.90).

314. Conforme a arquitectura de cada igreja e de acordo com os legítimos costumes locais, guarde-se o Santíssimo Sacramento no

³¹ Também chamado de tabernáculo

sacrário, num lugar de honra da igreja, insigne, visível, devidamente ornamentado e adequado à oração.

Habitualmente, o tabernáculo deve ser único, inamovível, feito de material sólido e inviolável, não transparente, e fechado de tal modo que evite o mais possível todo o perigo de profanação.

[...]

316. Segundo o costume tradicional, junto do sacrário deve estar continuamente acesa uma lâmpada especial, alimentada com azeite ou cera, com que se indique e honre a presença de Cristo. (IGMR, Op. cit., p.90).

A lâmpada acesa indica a presença da Reserva Eucarística. Pelo seu simbolismo, a COBECISA (2006) também recomenda que seja alimentada de azeite ou cera, bem como parafina ou qualquer outro material vivo, contudo, não proíbe a lâmpada elétrica.

Genuflexórios também devem fazer parte do mobiliário da Capela do Santíssimo, para que proporcione momento de oração e adoração ao Santíssimo por quem deseja se ajoelhar (COBECISA, 2006). Como missas para uma pequena quantidade de fiéis também podem ser celebradas neste local, recomenda-se a utilização de altar (que pode ser móvel) e bancos.

317. Não se esqueça também, de modo nenhum, tudo o mais que o direito prescreve acerca da conservação da Santíssima Eucaristia. (IGMR, 2003, p. 90)

No entanto, a COBECISA frisa a importância de ter essa capela sempre que possível, quando não, permite que o tabernáculo seja colocado no presbitério e deve estar em harmonia com o altar, o ambão e a cadeira presidencial (2006). Contudo, ao se projetar uma catedral, colegiata ou igreja-conventual, essa capela é obrigatória, “porque é normal que o ofício divino que se realiza nessas igrejas não seja feito diante do tabernáculo” (MENEZES, 2006, p.112).

A sacristia é o ambiente cuja função é guardar as alfaias³², merecendo cuidado especial, de acordo com Menezes (2006), para que nela possam preparar-se os

³² Nome que se dá ao conjunto dos objetos litúrgicos usados nas celebrações. Deve-se também considerar aqui a Arte Sacra, que se estende, por sua vez, a tudo o que diz respeito ao culto e ao uso sagrado.

celebrante e ministros, com a reserva necessária e desejável. O tamanho desse cômodo deve ser o suficiente para acolher o maior número de pessoas possíveis em uma celebração solene. Devem nela ser previsto: armários³³, para guardar ordenadamente as diversas alfaias e objetos a serem utilizados na liturgia, e depósitos para receberem os objetos não mais usados no culto. Junto à sacristia, deve-se ainda prever banheiros para uso dos ministros.

Em documento, a CNBB recomenda que em relação à localização, a sacristia deve estar de modo a proporcionar a procissão de entrada do sacerdote e dos demais ministros que tomarão lugar no presbitério, o que subentendesse ser no início da igreja, mas é sabido que tradicionalmente está localizada por trás da abside (CNBB, 1989 apud MENEZES, 2006).

A Secretaria é a sala na qual fica uma pessoa durante todo o dia, geralmente em dia e horário comercial, para tratar sobre papeladas ou qualquer outro assunto. Em geral, simples e pequena, deve, porém, possuir boas proporções para acomodar ao menos 3 pessoas por vez e ser confortável. Nela é preciso prever-se armários e mesa de atendimento (MENEZES, 2006).

Segundo o Cântico³⁴ 491, o arquivo deve possuir sala própria, contudo, devido à modernização da forma de arquivamento atual, é notável que, em geral, o arquivo fique no mesmo lugar da secretaria, até mesmo para facilitar o acesso. No arquivo deve estar, porém, não apenas o que é novo, mas tudo o que foi produzido desde a origem da igreja.

A residência paroquial é a casa destinada à moradia do pároco, uma vez que a este é obrigatória a residência nesse tipo de edificação: “o pároco está obrigado a residir na casa paroquial junto à igreja” (Cân. 1983, p. 98). A casa deve estar localizada o mais próximo possível da paróquia, se possível no mesmo terreno. A essa edificação devem ser tomados todos os cuidados de uma casa comum, quanto dimensão de cômodos e orientação solar.

O tamanho da residência deverá ser proporcional ao tamanho da paróquia, possuindo além do quarto do pároco, quarto de visitantes para que ele possa abrigar algum

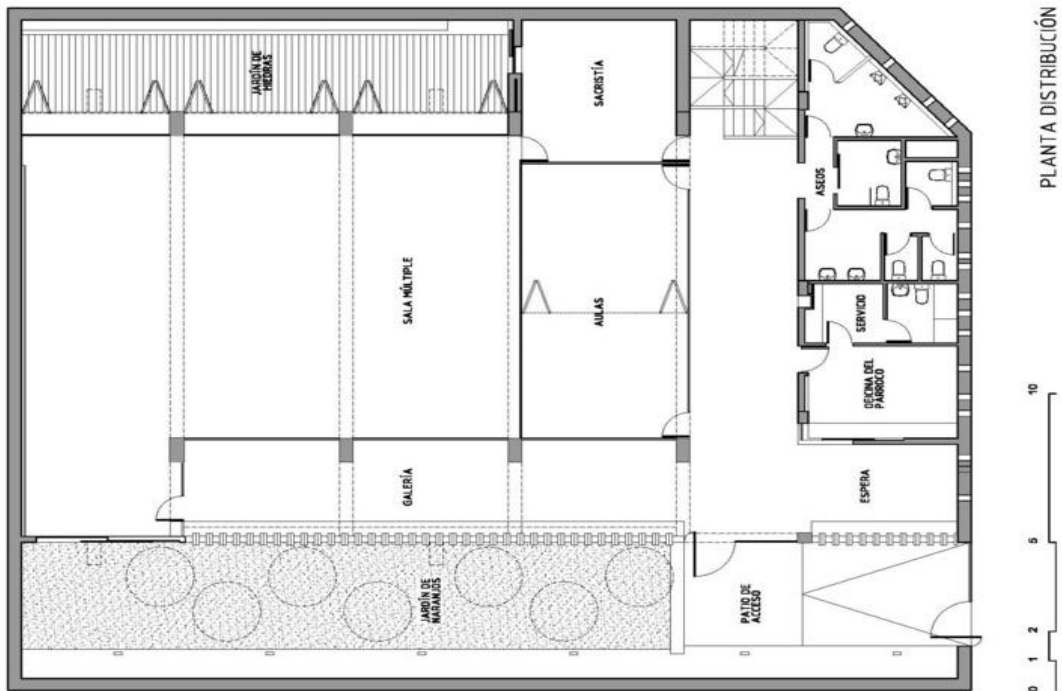
³³ O armário principal, geralmente localizado de costas para o altar, chama-se “Arcaz”.

³⁴ Como é chamado o “artigo” do Código de Direito Canônico, 1983.

parente que o venha visitar e até mesmo seminaristas que estejam em formação na paróquia. Menezes (2006) recomenda que haja uma ligação entre a sacristia e a casa paroquial, porém, esta ligação deve ser feita de forma indireta, de forma a manter independente a residência e qualquer outro elemento do conjunto paroquial. É válido também prever na residência paroquial uma capela de oração para o padre, o que ajuda com o rito religioso que ele realiza a cada hora, chamada de “liturgia das horas”.

O salão paroquial é basicamente um salão de reunião. Assim como o pároco tem uma casa, é importante que a comunidade tenha um local para se reunir. Na igreja católica, assim como várias outras religiões, há vários grupos/movimento/pastorais que compõe a comunidade da igreja, no qual esses precisam estar constantemente se reunindo; é para isto que serve o salão paroquial.

Figura 26 - Planta baixa do salão paroquial Maria Imaculada/Espanha.



Fonte: Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/01-91169/salao-paroquial-maria-inmaculada-slash-equipo-olivares-arquitectos>>. Acesso em: 19 de Junho de 2017.

Figura 27 - Salão Paroquial María Inmaculada/Espanha.



Fonte: Disponível em: < <http://www.archdaily.com.br/br/01-91169/salao-paroquial-maria-inmaculada>>. Acesso em: 16 de junho de 2017.

Os diversos movimentos surgidos na contemporaneidade exigem, hoje, locais de reunião para seus participantes. Reuniões, cursos, debates, participações sem dúvida necessitam de novos conceitos para o conjunto paroquial, de acordo com as necessidades e possibilidades da comunidade, a serem previstos, sem dúvidas, ciente o arquiteto de todas as demandas e interesses a satisfazer. O salão pode ser desde literalmente uma sala ampla próxima à igreja até a uma casa anexa com toda infraestrutura para funcionar independentemente. Pode contar com salas, auditório, copa, WC's, almoxarifado, áreas abertas, entre outros. Além dos grupos, o salão paroquial bem preparado dá apoio aos casamentos realizados na paróquia, por isto, deve esse, assim como a residência paroquial, estar localizado o mais próximo possível da matriz.

A torre sineira é também chamada de “campanário”; é um elemento que por séculos dominou a paisagem urbana, servindo para marcar de longe a presença da igreja, avisar a hora das celebrações simbolizando a “fé do povo que ali morava” (MENEZES, 2006, p.115). Hoje, porém, com o crescimento vertical das cidades, a torre já não possui mais esta característica marcante na paisagem, contudo o símbolo da fé e sua função de abrigar os sinos, que chamam os fiéis para os ofícios sagrados, permanecem.

Figura 28 - Torre sineira da Catedral de Brasília.



Fonte:Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=catedral+de+brasilia&source=:>>. Acesso em 27 de junho de 2017.

Menezes ressalva que as dimensões e formas são ditadas pela função acima enumeradas. Após observada essa função, caberá ao projetista “dar-lhe a forma que melhor se coadune com a concepção plástica do todo (2006, p.116). Por fim, a COBECISA recomenda que, por causa da verticalização das cidades, optar-se por não construir uma torre, é conveniente que algum outro elemento na fachada seja projetado, “direcionado para o céu, com uma cruz e/ou pequeno sino”. Pois, esses ainda “são elementos fortes da igreja-edifício reconhecidos por todos” (2006, p.36).

5. AS IGREJAS CONTEMPORÂNEAS DA ARQUIDIOCESE DE OLINDA E RECIFE

A arquidiocese de Olinda e Recife é composta por 21 dioceses, distribuídas em 21 cidades do estado de Pernambuco. Seu estilo “pastoral de governo e comunhão eclesial” foi o escolhido em 2009, no episcopado de dom Fernando Saburido, como propõe a Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Gregis (Site da arquidiocese de Olinda e Recife. pp. 42-54), estabelecendo a divisão da Arquidiocese em Vicariatos (AOR, s/d).

Situada ao leste do estado de Pernambuco, tem como limite o Oceano Atlântico e as Dioceses de Palmares (PE), Caruaru (PE) e Nazaré (PE). Ela rege os municípios de Abreu e Lima, Cabo, Camaragibe, Igarassu, Itamaracá, Itapissuma, Jaboatão, Moreno, Olinda, Paulista, Recife e São Lourenço da Mata, na Região Metropolitana do Recife; e Amaraji, Araçoiaba, Escada, Ipojuca, Pombos, Primavera e Vitória de Santo Antão, no Interior do Estado de Pernambuco. Além do Arquipélago de Fernando de Noronha, que é um Distrito Especial do Estado de Pernambuco (AOR, s/d).

Dentro dessas Dioceses é possível encontrar diversas classificações do edifício-igreja, sendo, inclusive, empregada algumas vezes erroneamente. Devido a isso, se estudou as diversas classificações para que fosse possível entender a especificidade de cada uma.

5.1 Classificação e tipologias

Conforme o Código de Direito Canônico (1983, p. 210), “pelo nome de igreja entende-se o edifício sagrado destinado ao culto divino, ao qual os fiéis têm o direito de acesso para exercerem, sobretudo publicamente, o culto divino”. Essas igrejas possuem diversas classificações, que dependem, sobretudo, da tipologia e destinação do templo. Serão utilizadas neste trabalho as subdivisões consideradas por SCHUBERT (1978), que classifica em quatro tipologias: Capela, Paróquia, Santuário e Basílica.

A capela é um templo com dimensões geralmente reduzidas, cujo objetivo é atender a uma comunidade, ou um grupo de fiéis a um pequeno raio da localidade. As capelas podem ser privadas (quando em território privado) ou públicas. Esse tipo de igreja é

encontrado geralmente em colégios, quartéis, cemitérios e em comunidades de bairro e religiosa. Quando pública, normalmente só possuem a nave principal e uma sacristia, o padre atua de forma itinerante e subordinada a uma paróquia.

Figura 29 - Capela de São Severino Mártir - Subordinada à Paróquia de Nossa Senhora da Conceição - Iputinga.



Fonte: Autora, 2016.

A paróquia possui um padre fixo, chamado de pároco, que conta geralmente com um vigário para ajudá-lo na administração da paróquia e das capelas a ela subordinadas. A paróquia também é chamada de Matriz, por ser a igreja principal daquela região. Segundo Mons. Guilherme Schubert (1978, p. 10): "[...] é a célula-mater da vida comunitário-religiosa [...]", o autor defende ainda que o arquiteto que souber projetar uma paróquia saberá também projetar qualquer outro tipo de igreja, uma vez que todas partem do conhecimento do funcionamento da igreja Matriz (SCHUBERT, 1978 apud SILVA, 2014).

Figura 30 - Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, Iputinga/Recife.



Fonte: Autora, 2017.

Sobre santuário, entende-se por “igreja ou outro lugar sagrado onde os fiéis, por motivo de piedade, em grande número acorrem em peregrinação, com a aprovação do Ordinário do lugar” (Cân. 1983, p. 212). Feito para comportar um maior número de pessoas e o grande fluxo de entrada e saída de fiéis, são geralmente edificações grandiosas que podem ter influência nacional e até internacional. Para ser considerado santuário é necessária uma autorização do bispo diocesano.

Figura 31 - Santuário de Nossa Senhora Aparecida/SP.



Fonte: Autora, 2016.

A Basílica é o termo dado antigamente para indicar um edifício público destinado a ser lugar de reuniões. No direito canônico, é considerado como basílica o edifício destinado ao culto e ao qual, independente de sua qualidade de catedral, a autoridade eclesiástica conferiu o referido título, com os privilégios que lhe são inerentes. Essa atribuição acontece por concessão apostólica, mas o título de basílica pode também provir de um costume imemoriável. Em geral, é dado o título de basílica às igrejas que, por sua antiguidade, sua beleza e sua importância atraem grande número de peregrinos, ou são objeto de particular veneração. Também são chamadas de Basílica Maior as mais importantes igrejas de Roma, uma delas é a de São Pedro no Vaticano. E sob a forma de Basílica Menor, as igrejas fora de Roma, dado a sua importância histórica, artística ou pela notável veneração dada pelos fiéis. (SCHUBERT, 1978, pp. 9-11).

De grande porte, as basílicas são privilegiadas com relíquias de um ou mais santos, e possuem grande influência sobre determinada região geográfica ou país e seu acentuado caráter espiritual que exerce sobre religiosos e leigos de uma jurisdição

eclesiástica. Schubert distingue a basílica quanto a sua forma arquitetônica, ou seja, a basílica pagã dos primeiros tempos que se transformou em basílica cristã e ao título de basílica dado a algumas igrejas de Roma.

Figura 32 - Basílica de São Pedro, Roma.



Fonte: Disponível em: <http://www.wallpaperup.com/679848/vaticano_plaza_san_pedro_roma.html>. Acesso em: 02 de julho de 2017.

A catedral é uma igreja destinada às solenidades especiais e para um grande número de pessoas. Na catedral, as cerimônias são preferencialmente realizadas pelo bispo, e são celebradas solenidade como: ordenação de sacerdote e sagração dos santos óleos e da crisma. O nome catedral vem de *cátedra*, i.e., cadeira do bispo, símbolo de magistério, por isso é o bispo o dirigente maior, que exerce sobre os Párocos das igrejas de sua diocese, repassando, com sua autoridade eclesiástica, as diretrizes firmadas pelo Papa.

Figura 33 - Catedral Sagrada Família, Barcelona.



Fonte: Disponível em: <<https://www.dicaseuropa.com.br/2014/01/templo-expiatorio-da-sagrada-familia-barcelona.html>>. Acesso 27 de julho de 2017.

Entre as igrejas da Arquidiocese de Olinda e Recife analisadas duas são Matriz, a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Bom Conselho em Ponte dos Carvalhos, e a Igreja Matriz de Nossa Senhora de Fátima em Boa Viagem e uma é Capela, a Capela Maria Mãe da Unidade, Igarassu.

5.2 Matriz de Nossa Senhora de Fátima – Boa Viagem/ Recife.

A igreja Matriz de Nossa Senhora de Fátima, também conhecida como “Igreja Nova de Boa Viagem”, está localizada na Rua Marquês de Valença, 350, Boa Viagem, Recife. Edificada por volta de 1960, cujo arquiteto não foi identificado, teve à frente da construção o pároco da época, o Padre Osvaldo. Atualmente, é administrada pelo Pároco Padre Luciano Brito, pelo Vigário, Dom Bruno Lira e por um Diácono.

Figura 34 - Vista externa da Matriz.



Fonte: Disponível em: <https://www.apontador.com.br/parouquia_nossa_senhora_de_fatima_de_boa_viagem.html>. Acesso em: 16 de outubro de 2017

arquitetônico, pois era em tendas que Jesus evangelizava.

Na fachada é possível notar elementos do estilo contemporâneo pós-moderno, tais como: o uso do concreto (elemento remanescente do modernismo), o grande vão em balanço, a intensa utilização dos vidros e a cor dada pela utilização da cerâmica azul, característica do estilo. A escolha pela cor azul faz com que esteja na fachada a representação da divindade de Jesus.

Na tradição da igreja e explicação do Dom, a cor azul remete à divindade de Jesus (uma vez que o azul lembra o céu), e a vermelha, à humanidade (pois, remete ao sangue), sendo estas as duas naturezas de Jesus. Outra cor sacra é a amarela, que simboliza a ressurreição e o próprio Cristo, que biblicamente é algumas vezes referenciado como o “SOL”.³⁶: “mas para vós, os que temeis o meu nome, nascerá o sol da justiça [...]” (Bíblia Mal.4,2).

5.2.2 O Presbitério

Figura 36 - Vista da porta de entrada.



Fonte: Autora, 2017.

Ao entrar na igreja, todo o olhar é direcionado para o ponto focal da liturgia: o presbitério. Um grande círculo amarelo com um vitral azul e vermelho com um desenho orgânico por trás e ao meio a cruz com o Jesus Crucificado atrai o olhar do fiel para o altar.

³⁶ Sendo este, o motivo pelo qual as basílicas eram implantadas direcionadas para o nascer do sol

Figura 37 - Presbitério.



Fonte: Autora, 2017.

O altar segue todas as recomendações propostas, feito em Mármore, possui uma dimensão suficiente para comportar todos os materiais litúrgicos, com um detalhe interessante. Aparentemente ele é todo polido, mas tem um friso rústico na parte de baixo do tampo que segue pela lateral, retratando a pureza do material.

Figura 38 - Vista frontal do altar.



Fonte: Autora, 2017.

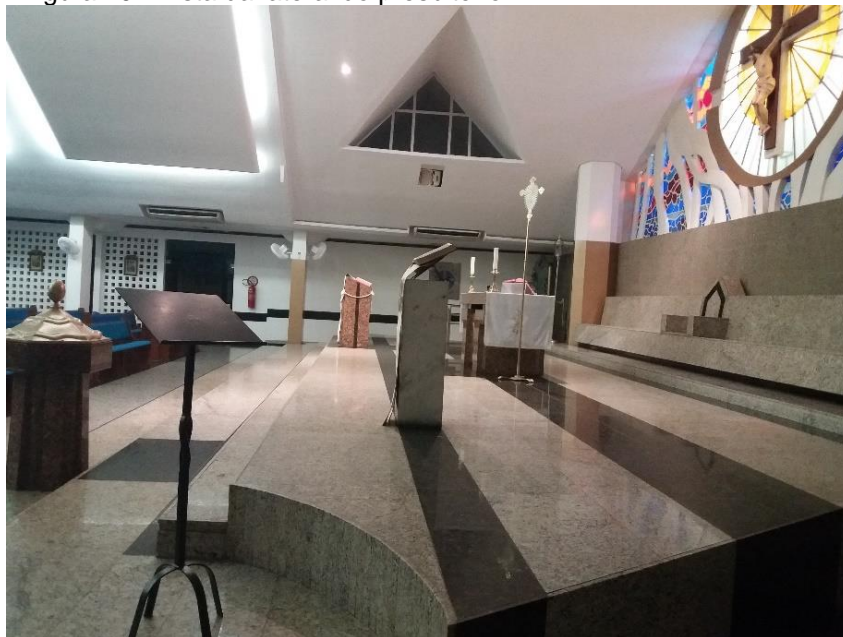
Figura 39 - Detalhe do friso rústico.



Fonte: Autora, 2017.

O piso abaixo do altar recebeu uma demarcação visual, com uma paginação diferente do restante da igreja (fig. 41). Essa paginação leva até o ambão do lado direito e à estante da palavra do lado esquerdo³⁷.

Figura 40 - Vista da lateral do presbitério.



Fonte: Autora, 2017.

³⁷ Posições colocando-se na posição do padre.

O Ambão e o altar são do mesmo material, o que representa a unidade entre o mistério que acontece no altar e a palavra anunciada no ambão. A séria³⁸ possui um destaque dos demais assentos do altar, com braços e um encosto diferenciado (fig. 41) e a estante da palavra é móvel e em material completamente diferente dos demais elementos do presbitério. Esta recebeu um diferencial destacado pela reentrância feita no piso do presbitério, simbolizando que aquelas palavras proclamadas são palavras “humanas”.

É possível também, avistar de toda a nave o batistério, que por questões de realidade local não possui um lugar específico para si, mas que atende à solicitação de ser visto em qualquer lugar. Vale lembrar que o batistério é uma especificidade das igrejas Matriz, como já explicado anteriormente, pois uma vez que o batismo torna a pessoa membro da comunidade, é a igreja matriz a “sede” dessa comunidade.

Em relação às imagens, o presbitério conta apenas com o crucifixo na parede e com a de São José, mas a de Nossa Senhora de Fátima localiza-se logo ao lado (fig. 42). Esta, deu o nome à igreja, pois foi a ela que a igreja foi dedicada. A imagem foi doada pela TAP (Transportes Aéreos Portugueses), vinda diretamente de Fátima³⁹.

Figura 41 - Imagem da padroeira, Nossa Senhora de Fátima.



Fonte: Autora, 2017.

³⁸ Cadeira do presidente da celebração.

³⁹ Cidade de Portugal na qual Nossa Senhora apareceu à 3 Pastorinhos o que deu origem a este título.

Como sugerido pela COBECISA, a imagem padroeira não ficou no presbitério, porém, recebeu o devido destaque, e sua base é feita com o mesmo granito do altar e do ambão, dando uma continuidade. O destaque à imagem foi feito com materiais típicos do estilo contemporâneo: granito, vidro e aço.

5.2.3 A nave

A nave principal da igreja é tipicamente contemporânea: sem muitos ornamentos; ampla; com pé direito alto (que passa dos 5,00 m); iluminada pela luz natural devido ao uso de vitrais e cobogós e com poucas imagens sacras. Apesar do desuso das imagens ser uma das críticas à arquitetura contemporânea, segundo Dom Bruno, as imagens existentes são suficientes, uma vez que a de Nossa Senhora, a de São José e a de Jesus (na cruz) formam a Sagrada Família.

Tanto que, há na igreja mais outras duas imagens, porém, estas ficam guardadas na capela do Santíssimo e na sacristia e só saem de lá em época de festa, são elas: a imagem do Sagrado Coração de Jesus e de Santo Antônio, respectivamente.

Figura 42 - Vista do presbitério para a nave.



Fonte: Autora, 2017.

Os bancos, importados do Rio Grande do Sul, receberam acolchoamento

posteriormente, pois se sentiu a necessidade de torná-los mais confortáveis, e a utilização do azul compõe como a cor predominante em toda igreja. Na parte de trás do encosto tem o porta-objetos (fig. 44), muito útil aos fiéis, que em geral não levam muitos objetos às celebrações e o que levam cabem neste lugar, dando maior liberdade para a execução dos diferentes movimentos necessários durante a liturgia.

Figura 43 - Detalhe do porta-objeto do banco.



Fonte: Autora, 2017.

O coro foi um dos poucos elementos que não atendeu às atuais recomendações. Projetado a cima da porta principal é uma característica das igrejas barrocas. Contudo, os materiais utilizados são próprios do estilo contemporâneo: o aço, o concreto armado e a laje em balanço. Os vitrais por trás dele, com desenho de anjos nas cores azuis e brancas, remetem ao céu. Dom Bruno nos faz refletir sobre a simbologia deste vitral que remete à passagem bíblica: “na presença dos anjos, a ti cantarei louvores” (bíblia, Salmos 43), passagem propícia ao que se destina esse ambiente.

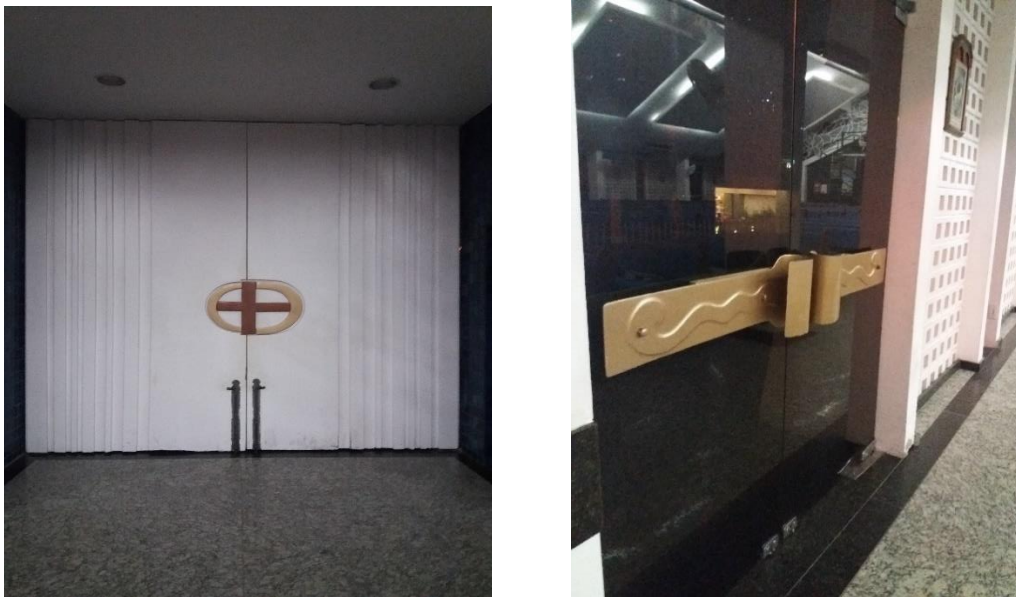
Outro elemento que chama a atenção é o forro da nave. A plástica trabalhada no gesso mostra o zelo do arquiteto com as tecnologias da nossa época. O uso da iluminação indireta ajuda no conforto lumínico. Um recorte no gesso também foi feito nos espaços dos aparelhos de ar condicionado, camuflando-os e não prejudicando a plástica do ambiente. A caixa de som é fixada no teto e da cor do forro, com a mesma intenção. Como citado no capítulo anterior, mesmo com a instalação do ar condicionado, utiliza-se ventiladores para resfriar o ambiente, na cor branca para não se destacarem, por serem do mesmo tom das paredes em que estão postos.

A ausência do confessionário não é algo prejudicial à execução do sacramento, uma vez que as confissões são realizadas na sacristia. Acredita-se que o fato da existência do confessionário ajuda apenas a manter a tradição e na descrição de quem está se confessando, não prejudicando no caso de sua ausência, a realização do sacramento.

5.2.4 Elementos arquitetônicos

As portas receberam tratamento especial. A de entrada é em madeira, como sempre foi utilizado nas igrejas de outros estilos, porém, no lugar da maçaneta tradicional possui uma cruz em alto-relevo, dando uma releitura a este elemento. Já as portas laterais são em vidro, material bastante utilizado no estilo contemporâneo. As maçanetas são em metal, pintadas de dourado que lembram o ouro utilizado nas igrejas até o estilo barroco.

Figura 44 - à esquerda, porta da entrada principal; à direita, porta lateral.



Fonte: Autora, 2017.

As paredes laterais da nave possuem um elemento de vedação que surgiu no estilo moderno, mas que permanece sendo utilizado até os dias atuais: o cobogó. Esse elemento era muito utilizado na época em que surgiu como forma de intensificar a ventilação e a iluminação natural do ambiente, mesmo quando as portas e janelas

estivessem fechadas.

No estilo contemporâneo, porém, deixou-se por um tempo de utilizar esse elemento, uma vez que na maioria dos ambientes, novas tecnologias de climatização passaram a ser utilizadas. Espaços que possuíam os cobogós acabaram sendo fechados, como nesta igreja, contudo, o fechamento foi parcial, uma vez que foi feito com vidro e pelo lado de fora da nave, perdendo, porém, sua funcionalidade quanto à ventilação.

Figura 45 - Paredes laterais em cobogó.

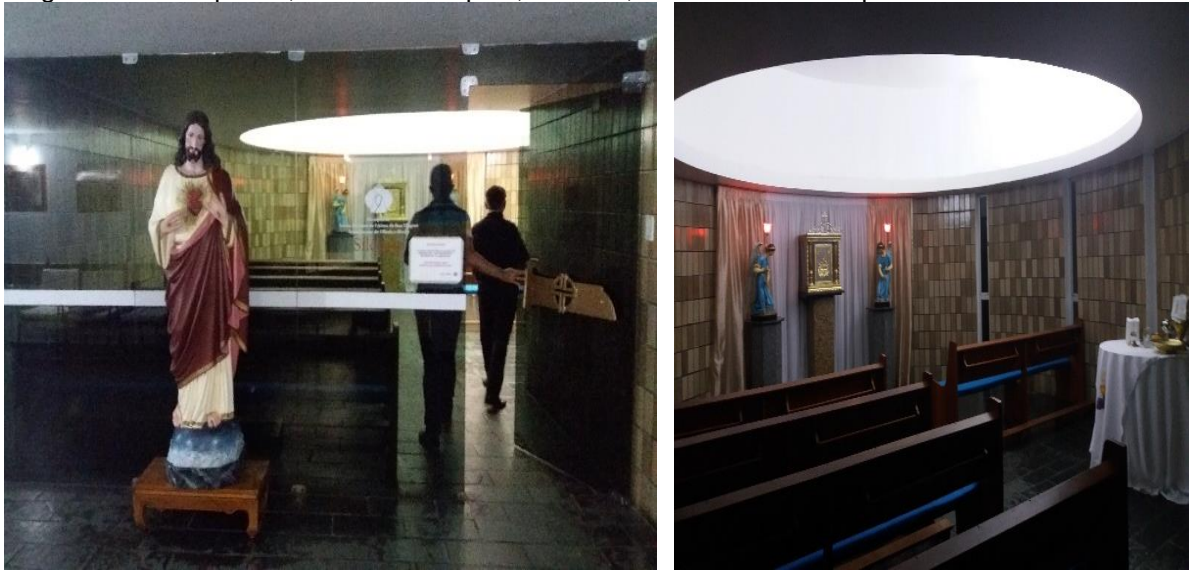


Fonte: Autora, 2017.

A Capela do Santíssimo localiza-se fora da nave, entretanto, segundo Dom Bruno, uma reforma na igreja está para ser feita e ela será posta com acesso direto a nave. Essa necessidade surgiu por orientações da igreja e pela prática, pois entre a nave e a capela existe uma circulação que vai para a sacristia e as salas de reunião da paróquia, tornando-se um ambiente de muito barulho, o que atrapalha as orações.

Com um elemento no forro que lembra um óculo, a capela conta também com uma iluminação natural planejada. Há também bancos iguais ao da nave e o conforto térmico é proporcionado pela utilização do ar condicionado.

Figura 46 - à esquerda, entrada da capela; à direita, área interna da Capela do Santíssimo.



Fonte: Autora, 2017.

5.2.5 Espaços anexos

A igreja não possui campanário, porém um elemento vertical marca sua fachada, como previsto na COBECISA. Este elemento é uma cruz (fig. 49), que também é reconhecido como símbolo da religião cristã.

Figura 47 - Crucifixo marcando a fachada da igreja.



Fonte: Autora, 2017.

5.3 A Matriz de Nossa Senhora do Bom Conselho – Ponte dos Carvalhos/ Cabo de Santo Agostinho

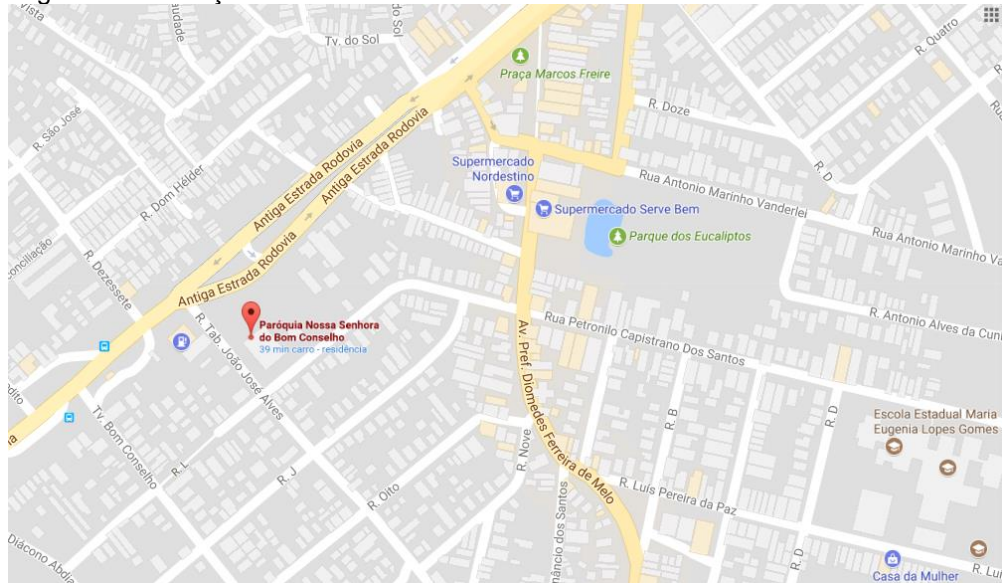
Localizada na avenida que leva seu nome, a Av. N. Sra. do Bom Conselho, número 755, em Ponte dos Carvalhos, a paróquia possui cinco capelas sob sua administração. Dedicada em 1971 à N. Sra. do Bom Conselho (FELIPE, 2014), o projeto teve por arquiteto Hugo Salinas e o pároco responsável foi o Padre Geraldo Leite. O atual pároco é o Padre Rogério José da Silva e conta com o auxílio do diácono Genival para a administração atual da paróquia (atores estratégicos entrevistados para auxílio desta análise). O diácono, que acompanhou o início da construção da matriz, conta que no início a cidade era uma região que “fazia vergonha de dizer que se morava”. Mas, com a construção da igreja, todos passaram a ter orgulho e sempre diziam “ah, eu moro na comunidade daquela igreja nova moderna”.

Figura 48 - Vista externa da Matriz de Nossa Senhora do Bom Conselho.



Fonte: Autora, 2017.

Figura 49 - Situação da Matriz.



Fonte: Google Maps. Acesso em: 29 de outubro de 2017.

5.3.1 Tipologia

Sua fachada se assemelha bastante com a de Boa Viagem. A coberta em duas águas faz também alusão à tenda em que Jesus se reunia com os discípulos. Ideia semelhante à dos pilares existentes na Paróquia de Nossa Senhora de Fátima, foi pensado nesta, no qual doze pilares laterais que sustentam a coberta representam os doze discípulos de Jesus.

A fachada foi remodelada há pouco tempo. Anteriormente era toda em concreto (fig. 51), mas o atual pároco junto à comunidade deixou-a com o aspecto mais contemporâneo, revestindo-a com porcelanato (fig. 52). O porcelanato azul imita um granito, contrariando as recomendações da Igreja – recomendam, apenas, a utilização de materiais naturais. Entretanto, é uma alternativa barata para as igrejas que não possuem um grande orçamento para reformas e construções.

Figura 50 - Fachada original da Matriz.



Fonte: Disponível em: <<http://nacaododivino.blogspot.com.br/2014/07/a-igreja-de-nossa-senhora-do-bom.html>>. Acesso em: 26 de setembro de 2017.

Figura 51 - Fachada da Matriz após reforma.



Fonte: Autora, 2017.

Os portões em ferro não foram modificados. Os frontões do telhado e as paredes são como molduras para uma obra de arte de José Corbiniano Lins⁴⁰. Em ferro e vidro, o painel de ferro retrata o estilo de vida do povo que vivia na região na época em que a igreja foi construída: lavadeiras, pescadores e lavradores. A obra é uma história ilustrada que une esse povo à Nossa Senhora, aos Anjos da guarda e ao Espírito Santo, representado simbolicamente através da figura da pomba.

5.3.2 O Presbitério

No projeto original, o arquiteto seguiu as orientações do Concílio Vaticano II de disposição da igreja, trazendo o altar para mais perto dos fiéis, característica que ficou marcada no período contemporâneo. O presbitério em formato circular, que se localizava quase no centro da igreja, era acessado por uma passarela e em torno dele ficavam dispostos os fiéis, como se todos estivessem sentados à mesa do Santo Sacrifício⁴¹ (fig. 53).

Figura 52 - vista do presbitério original durante a missa.



Fonte: Nação do divino, 1990. Disponível em: <<http://nacaododivino.blogspot.com.br/2014/07/a-igreja-de-nossa-senhora-do-bom.html>>. Acesso em: 15 de outubro de 2017.

⁴⁰ Artista pernambucano moderno, que costuma utilizar isopor metal e alumínio em suas obras de arte

⁴¹ Referência à última ceia, esse sendo o momento que é celebrado todos os dias na missa.

Figura 53 - disposição dos bancos segundo o projeto original.



Fonte: Nação do divino, 1995. Disponível em: <<http://nacaododivino.blogspot.com.br/2014/07/a-igreja-de-nossa-senhora-do-bom.html>>. Acesso em: 15 de outubro de 2017.

Esta disposição foi modificada, segundo o atual pároco, devido às necessidades de abrigar mais pessoas dentro da igreja, uma vez que esta disposição dos bancos diminuía a quantidade de assentos. O local do antigo altar, porém, permaneceu no piso, que como afirmou o pároco, logo em breve será trocado.

Vale salientar que a existência dos vitrais coloridos – material muito utilizado no estilo contemporâneo, que também foram retirados –, segundo o padre Rogério, serão futuramente recolocados (fig. 54).

Não é possível pelas fotos do blog identificar o material do antigo altar. Porém, é possível identificar traços do contemporâneo já pela sua forma, que demonstra a liberdade de concepção que o arquiteto adquiriu no estilo. Diferente da “mesa” tradicional, seu formato faz uma alusão a dois semicírculos espelhados, lembrando a imagem da hóstia quando é partida na hora de sua consagração na missa.

Figura 54 - Foto do presbitério original; note-se que a distribuição dos bancos já havia sido modificada.



Fonte: Nação do Divino, 2000. Disponível em: <<http://nacaododivino.blogspot.com.br/2014/07/a-igreja-de-nossa-senhora-do-bom.html>>. Acesso em: 15 de outubro de 2017.

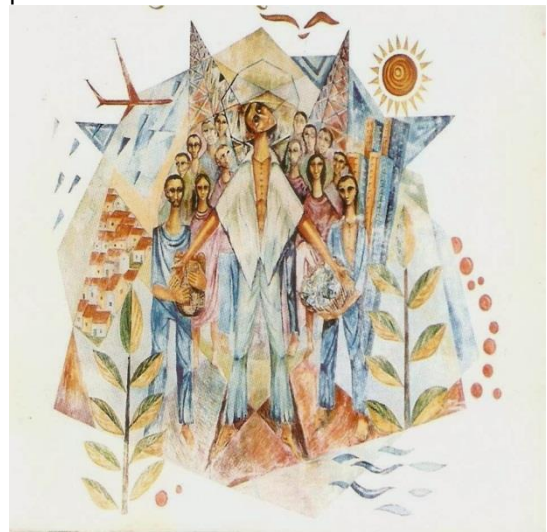
Atualmente, o que sobrou deste presbitério foi sua marca no piso (fig. 56). Hoje, o altar ficou recuado, alinhado com duas paredes laterais e que segundo o padre Rogério não atende às necessidades devido ao seu tamanho. No local em que hoje existe um crucifixo (fig. 59), havia um painel artístico (fig. 57) pintado pelo Pe. Francisco Soelman que foi apagado em 2001 pelo pároco da época.

Figura 55 - Piso do antigo presbitério ainda preservado.



Fonte: Autora, 2017

Figura 56 - Antigo afresco pintado no presbitério.



Fonte: Nação do Divino. S/d. Disponível em: <<http://nacaododivino.blogspot.com.br/2014/02/o-painel-da-ponte-dos-carvalhos.html>>. Acesso em: 16 de outubro de 2017.

Este painel, de estilo cubista, unia a arquitetura à arte, outra característica do estilo contemporâneo. Ele ilustrava o pensamento da igreja após o Concílio Vaticano II, o de um cristo próximo ao povo. No centro, um homem representava Jesus ressuscitado e, em sua volta, representações das pessoas da comunidade com elementos que remetiam a prática diária deles, peixe, lavoura e trouxa de roupa. Segundo o diácono, a pintura era tida também como profética, uma vez que possuía duas torres de sinal⁴², elemento existente atualmente no terreno da matriz.

Tais características gerava na população o sentido de pertencimento da matriz. Tanto que, como conta o vigário Genival, o pároco que destruiu o painel, o fez durante a madrugada, sem consentimento da comunidade, gerando para ele inclusive uma ameaça de morte, o que fez com que precisasse se afastar por um tempo da região. No blog de Felipe (2014), também é possível notar a indignação dele pelo fato.

As paredes pintadas completamente de branco originalmente (cor abundantemente utilizada nas construções contemporâneas), deram lugar à pintura “saia e blusa”⁴³, que segundo o atual pároco, o lembra uma escola. O atual presbitério aparenta improvisação, com o altar móvel, cadeiras destacadas por “palco” de madeira (fig. 58), ventilação feita por ventilador em baixo do altar (fig. 61), e as imagens que ficam em sua volta (ver fig. 60) sem compor com a plástica da edificação.

Figura 57 – Cadeiras dos celebrantes.



Fonte: Autora, 2017

Figura 58 – Note-se o ventilador abaixo do altar.



Fonte: Autora, 2017

⁴² Elementos altos metálicos que servem para suportar antenas para captar, em geral, sinal de telefone, rádio e televisão.

⁴³ Estilo de pintura feita na parede com a utilização de dois tons de cor.

Figura 59 – Visão geral do presbitério.



Fonte: Autora, 2017.

5.3.3 A nave

Figura 60 - Nave da Matriz.

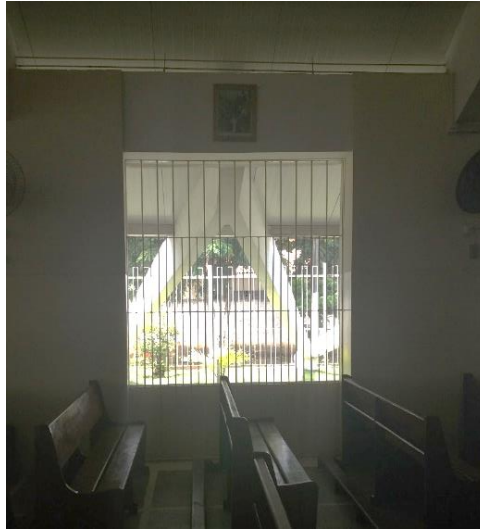


Fonte: Autora, 2017.

Na nave, as soluções voltadas para o conforto ambiental buscadas no estilo contemporâneo Pós-moderno não são mais perceptíveis. Originalmente havia em toda nave vãos fechados por cobogós e com jardineiras. A união destes dois elementos gerava dentro da igreja um microclima natural. No lugar dos cobogós, foram colocadas grades (fig. 64), e no das jardineiras, nada. Quando indagado ao padre se a troca do cobogós pela grade não teria ajudado no clima interno, uma vez que aumentou a área em que o ar natural poderia passar, o vigário explicou que o fato de não mais existir a jardineira prejudicou. Além disso, a matéria prima dos cobogós, a cerâmica, também ajuda a reter o calor.⁴⁴

⁴⁴ Vale ressaltar que o vigário Genival possui conhecimentos técnicos e propriedade para falar, uma vez que ele é formado em arquitetura.

Figura 61 - Um dos vãos que anteriormente possuía cobogó e abaixo a jardineira.



Fonte: Autora, 2017.

Um elemento, porém, que foi alterado e ocasionou um bom resultado, foi a troca das telhas da cobertura. Inicialmente em fibrocimento, que foram substituídas por telhas metálicas. Contudo, esta substituição também modificou uma das características do estilo contemporâneo: a continuidade da cobertura até o chão.

Figura 62 - Nova cobertura da igreja.



Fonte: Autora, 2017.

5.3.4 Espaços anexos

Dos espaços anexos à igreja, apenas a torre sineira é passível de análise de características contemporâneas. Linhas retas, minimalista e agora revestida em porcelanato são características da torre e do estilo.

Figura 63 - Campanário da igreja revestido com porcelanato.



Fonte: Autora, 2017

Figura 64 – Átrio junto ao campanário.



Fonte: Autora, 2017

5.4 Capela Maria Mãe da Unidade – Ana de Albuquerque/ Igarassu.

A igreja Maria Mãe da Unidade é uma capela da pequena cidade do movimento dos Focolares em Igarassu, a Mariápolis Santa Maria. Mariápolis é o que a Igreja classifica como Nova Comunidade⁴⁵, e está localizada na Av. Alfredo Bandeira de Melo, número 1 - Ana de Albuquerque, Igarassu, Pernambuco. Dedicada em 2008 à santa que dá o nome a igreja, a capela teve como projetistas Paula Maciel e Augusto Aragão, e foi construída por um pedido da comunidade. Por ser uma capela dentro de uma comunidade, possui especificidades, como o fato de não possuir um pároco e ser subordinada a uma paróquia.

A arquiteta Paula Maciel e uma focolarina, Marlinda, foram os atores estratégicos entrevistados, que contribuíram para o estudo e análise desta capela. Escritos oficiais da comunidade também foram consultados e utilizados.

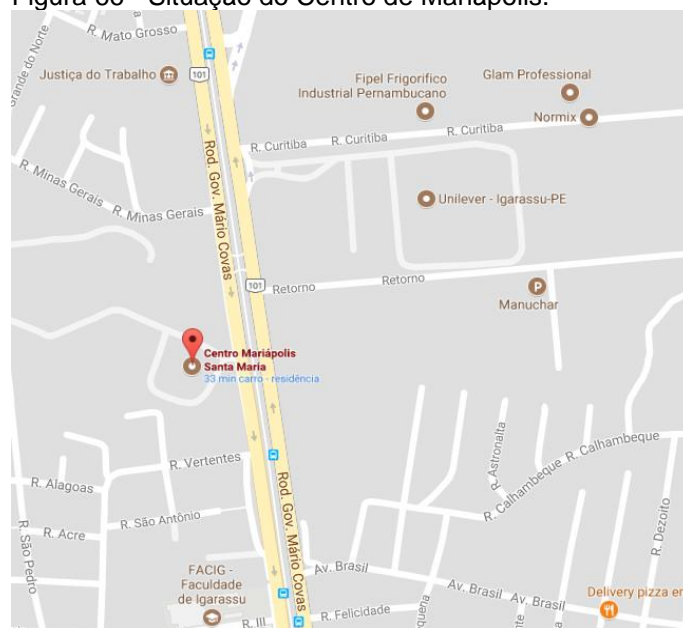
⁴⁵ Não necessariamente por serem nova, mas por serem uma nova forma de viver, se comparada aos séculos de existência de algumas congregações religiosas. Uma nova forma de viver, esse modelo de vida, surgiu no mundo contemporâneo. Iniciou-se com o Concílio Vaticano II, um incentivo a viver-se em comunidade. Essas comunidades de vida são “minicidades”, onde leigos e religiosos vivem em um mesmo local, sob normas de vida específicas, como as ordens religiosas. Assim como estas, também cada uma possui um carisma próprio e estão, acima de tudo, subordinados à Igreja Católica.

Figura 65 - Capela Maria Mãe da Unidade.



Fonte: Autora, 2017.

Figura 66 - Situação do Centro de Mariápolis.



Fonte: Google Maps.

A igreja conta com um espaço para abrigar aproximadamente duzentas pessoas no seu espaço interno, quantidade de pessoas que costumam participar das celebrações cotidianamente. No entanto, foi projetada de modo a permitir que mais pessoas possam participar da celebração, ainda que do lado de fora da nave, por essa razão a existência de um átrio em sua volta. Cerca de mais duzentas cadeiras cabem no átrio em volta da igreja, o que acontece quando há algum evento no local.

E, ainda que não seja suficiente, a arquibancada e a grama ajudam a completar os assentos, totalizando assim, cerca de seiscentas pessoas na capela.

Figura 67 - Átrio da capela.



Fonte: Autora, 2017.

Esta versatilidade do espaço também é uma característica do estilo contemporâneo Pós-moderno, herança do modernismo. Esta igreja é mais um exemplo do conceito de espaços poli funcionais, como a igreja de Boidobra e de Goiana, citadas no item 2.3. Este poli funcionamento é, neste caso, uma necessidade específica da comunidade, uma vez que ela utiliza o espaço para vários tipos de necessidades. Inclusive, além desta versatilidade, a tipologia da igreja também se dá devido a identidade da comunidade.

5.4.1 Tipologia

Tipologicamente contemporânea, o imóvel rompe o simbolismo de igreja com sua forma circular. Ao longe, o observador enxerga uma construção que inicialmente não revela a função do prédio. Contudo, o elemento mais vertical da fachada identifica o tipo de edificação: uma igreja católica.

Inicialmente pode parecer que a crítica a esse estilo arquitetônico, citado na introdução deste trabalho, seja aplicável a este projeto de que está sendo perdida a simbologia da igreja. Porém, segundo a análise da arquiteta, “não é que esteja sendo perdida, mas modificada”.

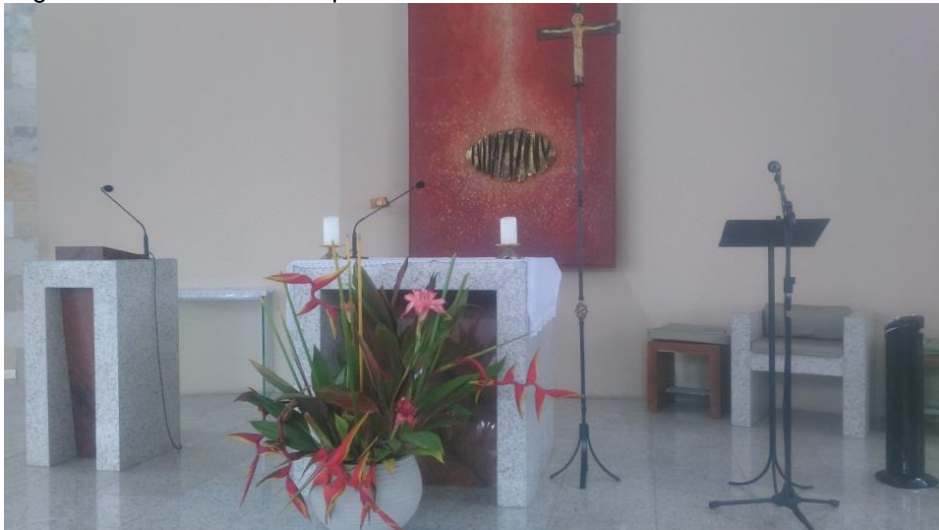
A igreja por estar inserida em uma comunidade busca refletir o carisma da comunidade, que é o de acolher a todos, no qual Focolares podem ser “pessoas de todas as idades, vocações, religiões, convicções e culturas” (FOCOLARES, s/d).

A forma circular, porém, também possui um significado: visa aproximar todos até o altar. As duas paredes de pedra, iniciam-se do lado externo e vão até dentro da igreja, simbolizando um abraço, um símbolo para o acolhimento, característica da comunidade. A utilização da pedra nessas paredes atende a uma “ordem” da fundadora da comunidade de que ali seja um sinal da existência de uma Igreja de pedras vivas, e de várias citações bíblicas na qual a pedra é sinal de Jesus (1 Ped 2, 4; cf. Ef 2,20) e da Igreja (Mt 16,18).

A cor predominante na igreja foi o vermelho, como já visto, representando a natureza humana de Jesus Cristo.

5.4.2 O Presbitério

Figura 68 - Vista frontal do presbitério.



Fonte: Autora, 2017.

O altar fixo e de mármore possui dimensões mínimas para sua utilização⁴⁶. Com traços retos, uma reentrância no meio com um mármore vermelho inclinado em direção ao sacrário simboliza que tudo que ali acontece converge a Jesus na

⁴⁶ Utilização em missas cotidianas. Para as missas solenes, onde utiliza-se seis ou sete (quando o bispo diocesano celebra) velas, não se tem espaço para todos esses elementos.

Eucaristia. Já o ambão, com os mesmos elementos do altar (mármore), tem a sua parte vermelha inclinada para a assembleia que, segundo o memorial descritivo do projeto, refere-se que as palavras ali proclamadas devem ser anunciadas e levadas a todos.

As cadeiras do presbitério refletem o minimalismo do contemporâneo, com apenas elementos essenciais para a prática da celebração. A sédia é feita no mesmo material do ambão e do altar, dando unidade ao sagrado e destacando-a dos assentos dos auxiliares, assim como pedem os documentos sagrados.

No presbitério não há nenhuma imagem, aliás, em toda a igreja há apenas uma, a da padroeira. Até mesmo a imagem do crucifixo do Cristo crucificado tradicional não há; o Jesus crucificado ficou representado apenas na cruz processional⁴⁷ que fica fixa ao lado do altar. Outro elemento inexistente no espaço é o batistério, uma vez que este elemento, como já citado, é exclusivo para as paróquias.

Figura 69 - Imagem de Maria, mãe da unidade. Única imagem da igreja foi doada pela fundadora dos Focolares e recebeu destaque ao seu pequeno tamanho (cerca de 30 cm).



Fonte: Autora, 2017.

⁴⁷ Cruz com a imagem do crucificado que possui uma haste e é conduzida nas procissões por um acólito ou coroinha, além de guiar a procissão de entrada e de saída do padre.

No entanto, a ausência de imagens não incomoda as pessoas que ali frequentam, pelo contrário, é uma necessidade do local. Devido a terem como carisma o acolhimento de pessoas de todas as religiões, há uma necessidade da comunidade que a igreja não possua muitos elementos próprios do catolicismo, para que mesmo aqueles que não são da religião possam se sentir à vontade no templo e o utilizar para oração.

A sala do santíssimo também não existe nessa capela. O tabernáculo ficou no altar, como até o Concílio Vaticano II era feito. Com uma forma inusitada, a tradicional caixa quadrada deu lugar às curvas, que formam um pão – ilusão ao pão que é guardado dentro dele. O material utilizado também foge do tradicional, em geral, o sacrário é feito a ouro, ou ao menos banhado. Já esse é de ferro fundido, o que segundo o memorial justificativo do projeto tem por objetivo lembrar que “também a dureza das nossas misérias e dores, oferecidas, unidas às dores de Jesus, se transformam no seu corpo e sangue” (Memorial descritivo, s/p, s/d).

5.4.3 A nave

Figura 70 – Nave da capela.



Fonte: Autora, 2017.

A nave tem o pé direito próximo da escala humana, uma das propostas do contemporâneo, no qual, segundo a arquiteta, tem por objetivo ser uma construção mais horizontal, e assim se aproximar dos fiéis.

Bastante iluminada naturalmente, devido à grande quantidade de esquadrias, pouco precisa de elementos para iluminação e ventilação artificial.

Alguns fatores, tais como a capela estar inserida em uma comunidade afastada do meio urbano e rodeada por vegetação, e o problema de ruídos externos, não a afetam, possibilitando assim a permanência das esquadrias abertas durante as celebrações, dispensando o uso de maiores quantidades de ventiladores e a instalação de ar condicionado.

Os bancos da nave possuem o genuflexório, mas não o porta-objetos, sendo necessário utilizar um espaço no banco para guardar os livros e devocionários de oração. A aparência rústica do banco – com a ausência do conforto do acolchoamento – dialoga com a proposta da igreja de simplicidade. Nos bancos também estão a parte dos músicos junto à assembleia, localizando-se à esquerda do altar, sem separações.

Figura 71 - À direita, o assento reservado para os cantores.



Fonte: Autora, 2017.

As confissões são feitas em uma pequena sala, na qual há apenas a cadeira do padre e a do fiel, atendendo, dessa maneira, às necessidades da comunidade. O fato de estar em local reservado confere a intimidade necessária para a prática deste sacramento.

Figura 72 – Espaço para as confissões.



Fonte: Autora, 2017.

5.4.4 Elementos arquitetônicos

Figura 73 – Fechamento da nave em esquadrias, quase que por completo.



Fonte: Autora, 2017.

O fato da fachada principal ser quase toda de vidro, permite a permeabilidade visual do que acontece dentro da nave para quem passa pelo lado de fora da igreja. Segundo Marlinda, esse é um importante elemento que faz com que todas as vezes que ela passe pela igreja já enxergue o Jesus Eucarístico e lembre-se de que Ele ali está, levando-a a adorá-Lo mesmo do lado de fora da igreja.

5.4.5 Espaços anexos

Por se tratar de uma capela, alguns espaços anexos são necessários, como por exemplos: o salão paroquial, a secretária e a casa paroquial. Um espaço, no entanto, que não pode faltar é a sacristia. Nessa igreja a sacristia está localizada atrás do altar, também possui uma copa e atende às normas e necessidades do local.

Figura 74 – Imagem da Sacristia e da copa existente nela.



Fonte: Autora, 2017.

Vale ressaltar que, mesmo se tratando de uma capela, é fundamental a existência de um banheiro. Nessa igreja, pensou-se que, pelo fato de estar inserida em uma comunidade e possuir banheiros em outros espaços, esse ambiente não ia ser necessário. Porém, com a utilização, foi-se percebendo que independente disso, o ambiente era preciso. Foi então feito um espaço anexo à igreja, que fica pouco visível, mas que atende às necessidades.

Figura 75 – Volume do banheiro anexo à nave.



Fonte: Autora, 2017.

Um dos fatores que modifica o modo de vida contemporâneo é a praticidade. Devido a isto, os sinos também vêm sendo modificados. Em Mariápolis, por exemplo, o sino físico foi inicialmente substituído pelo sino digital, que uma vez programado para tocar nos horários e na forma desejada, dispensa o sineiro⁴⁸. Esse sino digital não é um elemento visto, trata-se apenas de caixas de som que ressoam o badalar do sino igual ao sino comum. No entanto, a arquiteta Paula Maciel informou que deixou um espaço vazio na torre, para simbolizar que ali seria o local do sino que não existe, pois, mesmo sem existir ela reconhece que o sino faz parte da identidade do católico.

A arquiteta explicou ainda que, mesmo dessa forma, os religiosos colocaram um sino na torre, o que mostra o quanto este elemento ainda é importante. Após conversas, ela informou que conseguiu que o sino fosse retirado, pois ele ali estava apenas de enfeite e assim não passa veracidade à construção. Porém, quando a visita foi feita verificou-se que o sino havia sido posto de volta, comprovando que elementos essenciais à religião dificilmente conseguirão ser desapropriados.

Figura 76 - Campanário da capela.



Fonte: Autora, 2017.

Figura 77 – Detalhe do vazio do campanário onde foi colocado um sino simbolicamente.



Fonte: Autora, 2017.

⁴⁸ Pessoa responsável por tocar o sino.

6.0 RESULTADO DO TRABALHO COM EXEMPLO PRÁTICO DE UMA IGREJA CONTEMPORÂNEA CATÓLICA

Com itens 2.0 e 3.0 deste trabalho, formou-se um entendimento de que, a arquitetura é um reflexo da sociedade temporal a que ela foi criada, e que por isso passou por diferentes transformações dos estilos arquitetônicos das igrejas católicas e ainda de como foram estas transformações. Entendeu-se também com os itens 4.0 e 5.0 as orientações e os significados de cada orientação para a construção de um edifício católico e constatou-se que é possível construir algo novo que respeite e una a tradição com a renovação. Tudo isso nos levou a formar uma imagem de um templo que reunisse tudo o que foi discutido. É então, ao que se destina este item 6.0.

Utilizando como princípio, um projeto idealizado na disciplina de Crítica da Arquitetura, ministrada pelo mestre Pedro Valadares, em parceria com a aluna Juliana Pascoal, exporemos, neste presente item, um exemplo prático de uma igreja contemporânea pós-moderna que reúne tudo o que foi discutido ao longo do trabalho. Vale ressaltar que, o objetivo deste é reunir as informações dadas de forma ilustrativa, por isto, o projeto encontra-se a nível de esboço.

O projeto foi escolhido devido a proposta do professor à turma na época da criação de um espaço de culto contemporâneo que utilizasse características de outros estilos. Como esta é também uma das características do estilo contemporâneo, a reinterpretção da arquitetura do passado, notou-se que mediante algumas alterações, o projeto ilustraria bem como conciliar a arquitetura contemporânea com a arquitetura do sagrado.

As alterações no projeto inicial foram necessárias primeiramente pelo fato de que na época em que foi concebido não ter sido exigido o estudo aprofundado no assunto, pois o objetivo era analisar o templo plasticamente. E, também pôr na época da criação não haver o conhecimento de causa adquirido mediante este trabalho.

Ressalvo ainda, que de forma alguma busca-se com isso engessar uma forma para o templo católico, uma vez que a liberdade projetual do arquiteto é importante ser conservada, porém, acredita-se que com este exemplo prático é possível ajudar o leitor a compreender resumidamente o assunto abordado ao longo do trabalho. Além disto, é sabido que cada projeto do edifício-igreja deve ser único, assim como o Deus

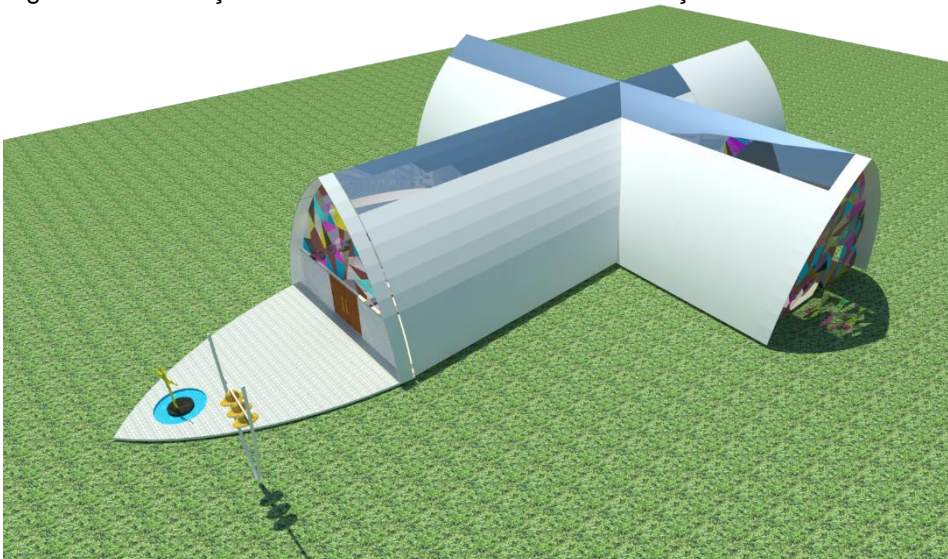
a quem ela se destina. As igrejas não devem, nem ser uma cópia de uma igreja já existente de estilo contemporâneo, presando pela exclusividade projetual, nem de um estilo antigo, evitando pastiches que não representam as realidades da sociedade atual.

O projeto então, propõe uma igreja católica que poderia ser classificada como matriz, devido ao espaço do batistério e seu tamanho, que não permite a princípio a classificação de outros tipos que exigem maior tamanho. O partido arquitetônico foi a arquitetura gótica, na qual foi estudado que é um dos estilos mais aceitados por todos os membros da igreja como o mais adequado para os edifícios católicos. Deste estilo, explorou-se dois importantes elementos característicos de suas construções: o arco ogival e a planta em formato da cruz latina.

6.1 Tipologia

A planta baixa em forma de cruz, foi utilizada por muitos estilos tendo suas proporções modificadas em cada um, se renovando assim ao longo dos tempos. Nas construções contemporâneas, porém, este formato foi perdido, passando as igrejas a utilizarem em geral plantas quadradas, retangulares ou redondas. Essas novas formas resultam as vezes em edifícios que não transmitem sua funcionalidade. Deste modo, o projeto arquitetônico utilizou desta tipologia cruciforme como partido arquitetônico, como forma de retomar uma característica que foi perdida, uma vez que este tipo de planta por si só sugere ao observador o tipo da construção: uma igreja católica (fig. 80).

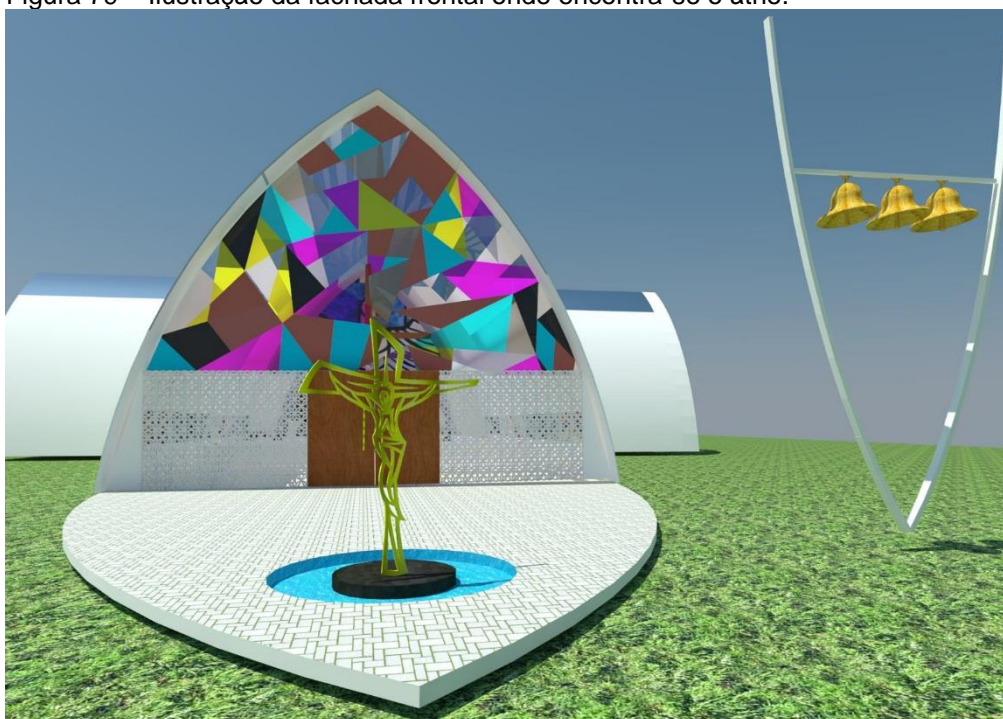
Figura 78 - Ilustração da volumetria cruciforme da edificação.



O arco ogival, também utilizado como partido arquitetônico para a forma volumétrica, ganhou uma releitura do comumente utilizado nos templos góticos. O arco ao mesmo tempo que é coberto, continua formando as paredes, sem dividir visualmente a cobertura e parede, uma das características do estilo contemporâneo. O arco também é uma forma de releitura da cobertura de duas águas símbolo das igrejas em outras épocas. O fato de a cumeeira da cobertura ser de vidro, referencia-se as tradicionais claraboias, sendo uma forma de garantir a iluminação natural dentro da nave e proporcionar ao fiel de dentro da igreja, a percepção do céu, lugar para onde os cristãos anseiam chegar após a morte, e onde encontra-se o divino.

O átrio na frente da igreja (fig. 80) é uma forma de anunciar a quem, passa que ali encontra-se uma edificação sagrada. É também um espaço versátil que permite à comunidade utilizá-lo de acordo com sua necessidade.

Figura 79 – Ilustração da fachada frontal onde encontra-se o átrio.



Fonte: Autora, 2017.

Os ambientes propostos buscam atender às necessidades litúrgicas, por isso, o programa conta com nave central, presbitério, sacristia, batistério, área para confessionários, capela do Santíssimo e campanário. Além destes, foram previstos áreas para dois banheiros (um feminino e outro masculino), e da secretaria.

6.2 O Presbitério

Ao entrar na igreja, um grande vitral com o Espírito Santo induz o olhar do cristão ao que deve ser o ponto focal do templo: o presbitério. As grandes janelas em fita das paredes e da cumeeira, características do estilo moderno que perdurou até os dias de hoje, também colaboram com esta indução.

Figura 80 – Vista ilustrativa da entrada.



Fonte: Autora, 2017.

O altar, possui dimensões ideais para comportar os paramentos necessário na celebração, inclusive as solenidades (fig. 83). Com traços retos, sem ornamentos, preza por leveza e pureza da forma. Ao seu lado direito, situa-se o ambão, com mesmo material, para criar uma unidade destacando-o dos demais elementos.

Figura 81 – Vista ilustrativa do presbitério, ao centro, o altar.



Fonte: Autora, 2017.

O batistério ficou em um dos dois “braços da cruz” (fig. 22), ao lado direito⁴⁹ do altar seguindo recomendações do Concílio Vaticano II e da tradição da religião que determinam a esquerda do altar como “epístola” e a direita como o “evangelho”. Ou seja, a direita tudo que é sagrado e a esquerda tudo que é humano. Em um espaço separado da nave principal, com total visão do altar, foi projetado com o mesmo material do altar e do ambão proporcionando-os unidade. Ao lado do batistério, encontra-se o sacrário. Uma segunda porta da igreja foi colocada nesta área prevendo uma saída estratégica em caso de emergência, assim como recomenda os bombeiros.

Figura 82 – Vista ilustrativa da área do batistério e espaço para adoração ao Santíssimo.



Fonte: Autora, 2017.

Ao lado esquerdo do altar, foi reservado o espaço para as confissões. Confessionários permitem ao fiel escolher como desejam realizar este sacramento, de joelhos ou sentados. Nesta mesma área, localiza-se os dois banheiros e a secretaria (fig. 85).

⁴⁹ Sentido na posição do padre.

Figura 83 - Confessionários, banheiros e secretaria.



Fonte: Autora, 2017.

As imagens religiosas atendem as necessidades básicas da religião, respeitando o recomendado pelos regulamentadores litúrgicos e a ideia do contemporâneo de minimalismo. Foram então postos: o cristo crucificado atrás do altar e de um lado a imagem de São José e do outro a de Nossa Senhora. Além dessas, coloca-se a imagem do santo padroeiro da igreja, se ela não for dedicada a São José ou a Nossa Senhora. Nesse caso, a imagem pode ser colocada próximo ao sacrário, dando a ela o devido destaque.

Na distribuição das imagens, buscou-se priorizar a harmonia entre os elementos da religião, suas necessidades e a realidade dos hábitos contemporâneos. Devido a isto, verifica-se no templo a ausência de elementos decorativos, onde a beleza da obra encontra-se na própria estrutura e não em ornamento.

6.3 A nave

Os quadros da via-sacra destacam-se nas paredes da nave compondo com as janelas em fita, que é uma das características do contemporâneo pós-moderno.

Os bancos acolchoados, prezam pelo conforto do fiel. Pintados na cor branca, cor predominante no estilo contemporâneo pós-moderno, e acolchoados na cor azul, que

liturgicamente remete à divindade, confere ao ambiente a sensação de claridade. A primeira fileira é o espaço reservado ao ministério de música da matriz, integrando-os à assembleia (fig. 24).

Figura 84 - Vista do celebrante para a nave.



Fonte: Autora, 2017.

6.4 Elementos arquitetônicos

A porta principal (fig. 86) destaca-se na parede por ser em madeira e estar situada em uma parede de cobogós brancos. Seu tamanho e sua maçaneta também são formas simples mas que contribuem para destacar aquela que é a responsável pelo primeiro acolhimento do fiel no templo (CNBB, 2015).

Figura 85 - Porta Principal ao centro, com cobogós nas duas laterais e vitrais a cima.



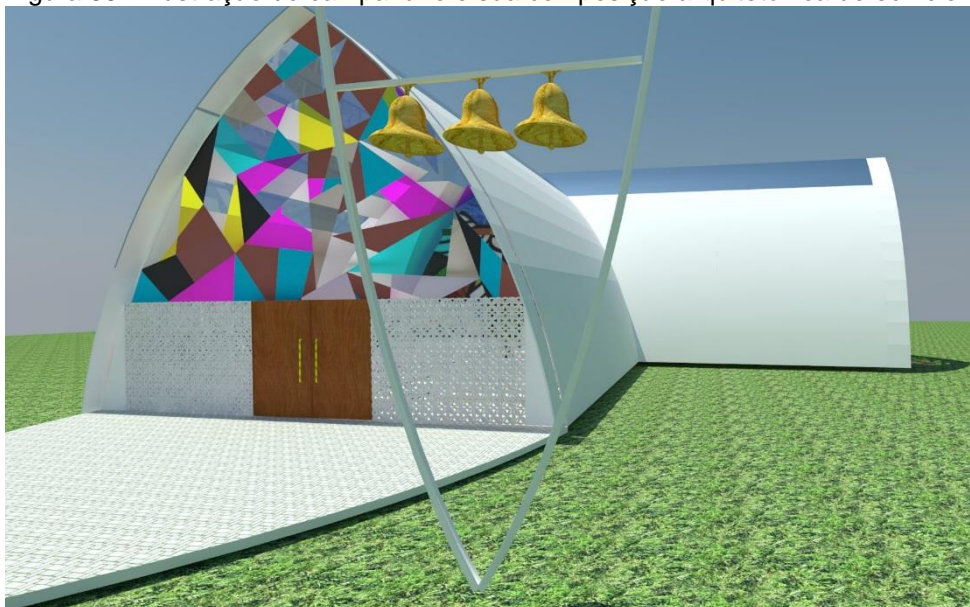
Fonte: Autora, 2017.

O vitral, elemento característico das igrejas góticas, foi utilizado como forma de preservar essa característica, porém com uma nova leitura, apenas como elemento decorativo e não catequético, função em outros estilos.

6.5 Espaços anexos

Apesar de não ser obrigatória pelas normas, previu-se no projeto uma torre sineira, de modo a garantir este marco simbólico do edifício-igreja. Utilizando-se também do arco ogival, ela abriga três sinos, que simbolicamente representam a Santíssima Trindade: Deus Pai, Filho e Espírito Santo.

Figura 86 – Ilustração do campanário e sua composição arquitetônica do edifício.



Fonte: Autora, 2017.

Por tudo isso, percebe-se que o projeto arquitetônico desta igreja reflete o estilo contemporâneo, com a releitura do estilo gótico, tanto pelos elementos estruturais (arco ogival e planta cruciforme), como pela utilização dos vitrais. A proposta prestigia um período da arquitetura sacra em que muitos estudiosos acreditam ter sido o estilo que melhor representa o significado religioso que deve ter uma igreja católica. Este estudo reflete o gótico, porém sem produzir pastiche⁵⁰ e atendendo àqueles que defendem a mudança de estilo de acordo com a mudança da sociedade.

⁵⁰ Nome dado à obras que imitam um estilo passado à época em que foi construída.

Com a apresentação deste estudo preliminar procurou-se destacar a importância do entendimento do arquiteto sobre um edifício católico e suas simbologias, afim de que este proponha projetos que unam a forma à função. Vale salientar que este entendimento não deve ser apenas do arquiteto, como também de todos os atores envolvidos: clero, engenheiro e toda a comunidade. Este conhecimento, atrelado ao diálogo entre as partes gerará construções que unam beleza e funcionalidade. O arquiteto deve também, utilizar as novas tecnologias em prol da construção, ou seja, agregar ao seu projeto arquitetônico, projetos de iluminação, som e conforto térmico, proporcionando assim uma harmonia integral do ambiente.

Convém ressaltar que o edifício-igreja possui uma simbologia própria que deve estar refletida na sua concepção volumétrica, também por ser um marco no meio urbano em que está inserida, precisando ser identificado como tal.

As igrejas passaram a refletir a praticidade do homem contemporâneo, com espaços simples, sem muitos ornamentos, utilizando apenas o essencial para a expressão religiosa.

Em resumo, ao projetar o edifício sagrado, deve o arquiteto:

1. Criar uma obra arquitetônica que seja considerada uma obra de arte, unindo a técnica com a beleza, proporcionando deleite ao cristão católico;
2. Assegurar a melhor participação do fiel na liturgia nas missas, nos sacramentos e na oração pessoal, através do atendimento do programa de necessidades básicas e a especificidade de cada comunidade;
3. Submeter seu projeto à Comissão Diocesana de Arte Sacra e Bens culturais, antes mesmo de apresentá-lo ao contratante. Quando esta comissão não existir em sua diocese, procurar a mais próxima ou montar um laboratório de pesquisa a respeito do assunto afim de atender da melhor forma possível as necessidades e normas da arquitetura sacra;
4. E, por fim, integrar a arquitetura com o sagrado, unindo elementos do contemporâneo, materiais, formas e tecnologias, com os elementos próprios da religião católica: tradição, identidade e espiritualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Século XXI foi um tempo de muitas modificações e descobertas. No mundo, um grande e rápido avanço da tecnologia, mudou os hábitos e a realidade da humanidade, mudando inclusive o estilo arquitetônico das construções, uma vez que “a arquitetura é um modo de comunicação não verbal, uma crônica muda da cultura que a produziu” (ROTH, 2003, p.03), não podendo por isto, haver uma renovação da sociedade sem haver a renovação da arquitetura.

O mesmo ocorreu na Igreja Católica, uma vez que esta, formada por homens, é também um reflexo da sociedade. Além disso, a época de transição do estilo moderno para o contemporâneo coincidiu com um importante acontecimento na Igreja, o Concílio Vaticano II, em 1963. Este concílio acarretou na reforma de alguns pensamentos e regras da Igreja. As reformas litúrgicas unidas às mudanças de comportamento da sociedade, refletiram diretamente no edifício-Igreja. Os edifícios destinados ao culto religioso católico passaram então, a ter novas formas e distribuição do espaço.

Projetadas em meio a estas mudanças, as igrejas de Nossa Senhora de Fátima (1963) e de Nossa Senhora do Bom Conselho (1971), refletem a transição do estilo e dos pensamentos. Pode-se considerar que devido a isto, os projetos acompanham às solicitações da Igreja, resultando assim, em espaços que atendem não só aos costumes da religião, como também aos seus novos pensamentos. A Capela de Nossa Senhora Mãe da Unidade (2008) por sua vez, ainda que não tenha sido projetada neste período, foi em meio aos atuais questionamentos a respeito das mudanças da arquitetura religiosa católica, o que segundo a arquiteta Paula Maciel, fez com que ela montasse um laboratório de estudo a respeito desta tipologia construtiva, gerando também um projeto que atende a todas as necessidades da religião.

Além de atender as necessidades da religião, existe a preocupação que o projeto utilize das novas tecnologias da construção civil afim de proporcionar ao fiel um maior conforto e uma diferente relação com a construção. Sendo assim, verificou-se que na arquidiocese além de atender às necessidades da religião, a tecnologia da arquitetura contemporânea melhorou a relação do fiel com a igreja. Com vãos mais livres de pilares que permite a visualização do espaço por completo e maior conforto térmico,

lumínico e acústico. As novas tecnologias no edifício religioso proporcionam ao fiel maior concentração nas celebrações e orações pessoais, além de permitir obras mais racionais, que resultam em construções mais baratas, atendendo ao orçamento, que geralmente, é reduzido em algumas comunidades.

Contudo, vale ressaltar que, o arquiteto não é o único autor responsável pela construção do espaço. Não basta o arquiteto unir a técnica à simbologia, é preciso que os usuários do templo católico também sejam instruídos a respeito das escolhas arquitetônicas e dos simbolismos da religião, para evitar o ocorrido com a igreja de Nossa Senhora do Bom Conselho. Com o tempo essa igreja foi sendo modificada, e hoje não atende às necessidades litúrgicas e ainda teve as características do estilo perdida.

A falta de conhecimento dos usuários sobre o projeto arquitetônico, bem como das normas litúrgicas, pode resultar no estranhamento e na não aceitação do espaço projetado. A igreja de Nossa Senhora de Fátima é um exemplo de que o fato de se ter um padre conhecedor do assunto, como o Dom Bruno, ajuda na preservação e na orientação da construção do templo.

No entanto, como comprovado nos estudos, nem todo padre entende do projeto arquitetônico, das normas para a edificação de uma igreja e/ou consegue captar a justificativa dos elementos arquitetônicos. Um exemplo simples para a solução deste problema é o da capela de Mariápolis, que seria a criação do memorial justificativo do projeto. Este memorial, que é costumeiramente feito pelos arquitetos, deve, no caso de uma igreja, retratar também os significados dos elementos e ser de fácil acesso a quem desejar, contribuindo assim para a formação e informação da comunidade.

Com esta pesquisa, não se tem a pretensão de esgotar este assunto de tamanha grandeza e complexidade, porém, esforçou-se para expor o máximo do conhecimento teórico e prático, a partir da experiência na Arquidiocese de Olinda e Recife. Acredita-se assim, ter criado um trabalho possível de colaborar com o arquiteto na elaboração e preservação do projeto de uma igreja, não apenas por meio de orientações técnicas, mas também que o leva a refletir sobre a essência do edifício religioso católico, contribuindo também com sua justificativa projetual. Além de arquitetos, espera-se também ajudar a comunidade cristã e os responsáveis pela contratação e

acompanhamento dos projetos afim de obtermos na arquidiocese uma arquitetura bela e funcional, como devem ser as igrejas-edifício.

Espera-se assim, trazer alguma contribuição para que os projetos das igrejas sejam verdadeiras obras de arte e que através delas louve-se a Deus, ao mesmo tempo que se acolha a comunidade cristã católica. Tendo a obra, tamanha beleza que se reconheça nela a beleza incontida de Deus.

“De fato, um bom arquiteto não se preocupa em apenas projetar umas tantas paredes com cobertura para abrigar certo número de pessoas, mas o fará a partir da finalidade a que o edifício se destina, dando-lhe sentido e beleza” (LIMA, 2012, p.11).

REFERÊNCIAS

- AOR. **História**. s/d. Disponível Em: <<http://www.arquidioceseolindarecife.org/historia/>>. Acesso em: 30 de maio de 2017.
- AQUINO, Felipe. **Por que João XXIII convocou o Concílio Vaticano II? Acesso em: 14 de novembro de 2017**. Disponível em: <<http://cleofas.com.br/por-que-joao-xxiii-convocou-o-concilio-vaticano-ii/>>. Acesso em: 16 de junho de 2017.
- AULETE, Caldas. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. Editora Delta S. A., Rio de Janeiro, 2º Edição Brasileira, 1968.
- BARBOSA, Ramsés Albertoni. **A Trindade arquitetando o sagrado** *In: A modernidade das catedrais de Le Corbusier, Niemeyer e Ando. Anais dos Simpósios da ABHR, Vol. 13 (2012)*. Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/viewFile/551/503>>. Acesso em: 22 de abril de 2017.
- BÍBLIA. **Bíblia sagrada**. 98º edição. São Paulo. Ave Maria, 2016.
- BLAINEY, Geoffrey. **Uma breve história do cristianismo**; Tradução: Neuza Capelo. Editora Fundamento, 2012.
- BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil**; Tradução: Ana M. Goldberger – São Paulo: Perspectiva, 2008.
- CALIXTO, Mons; REIS, Geraldo dos. **Explicação Catequética Sobre a Porta Principal da Matriz**. 2014. Disponível em: <<http://www.paroquiasaobentobh.com.br/untitled-c1dvcv>>. Acesso em: 16 de outubro de 2017.
- CAPTIVO, Maria Teresa Manso. **Arquitetura de Espaços Religiosos Contemporâneos**; Análise Morfológica. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura. Disponível em: <https://fenix.tecnico.ulisboa.pt/downloadFile/1689244997255953/Teresa%20Captivo_dissertacao2.pdf>. Acesso em: 15 de maio de 2017.
- Catecismo da Igreja Católica**. 9. Ed. São Paulo, Loyola, Paulinas, 2000.
- CNBB. Conferência Nacional de Bispos do Brasil. **Orientações para Projeto e Construção de Igrejas e Disposição do Espaço Celebrativo**. Edições CNBB, 2013. 2ª Edição revisada e ampliada. 2015.
- COBECISA. **Guia de Orientações para Projetos, Execuções e Conservação de Igrejas**. 2016. Disponível em: <<https://diocesesa.org.br/wp-content/uploads/2015/03/Guia-de-Orientac%CC%A7o%CC%83es-COBECISA-1.pdf>>. Acesso em: 10 de março de 2017.
- CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO**, promulgado por João Paulo II, Papa. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf>. Acesso em: 10 de junho de 2017.

VATICAN. **Concílio Vaticano II.** *Chistus dominus.* Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_pvi_spe_19651208_epilogo-concilio-poveri.html>. Acesso em: 10 de maio de 2017.

FAZIO, Michael. **História Da Arquitetura Mundial.** Michael Fazio [et al.]. Tradução técnica: Alexandre Salvaterra. Porto Alegre. AMGH Editora, 2011.

FELIPE, Anderson. A Igreja de Nossa Senhora do Bom Conselho - Ponte dos Carvalhos, lugar propício para a oração. 2014. Disponível em: <<http://nacaododivino.blogspot.com.br/2014/07/a-igreja-de-nossa-senhora-do-bom.html>>. Acesso em: 21 de novembro de 2017.

FOCOLARES. **Movimento dos Focolares,** Disponível em: <<http://www.focolare.org/pt/chi-siamo/>>. Acesso em: 18 de novembro de 2017.

FRADE, Gabriel dos Santos. **Arquitetura e Liturgia:** As contribuições do movimento litúrgico à arquitetura católica paulistana (1933-1962). Excerto do mestrado em Teologia, 2012. Disponível em: <<https://sapiencia.pucsp.br/bitstream/handle/18304/1/Gabriel%20dos%20Santos%20Frade.pdf>>. Acesso em: 22 de abril de 2017.

GHIRARDO, Diane Yvonne. **Arquitetura Contemporânea;** Uma História Concisa / Diane Ghirardo; tradução Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

IGMR. **Instrução Geral do Missal Romano;** Edições latinas sucessivas e respectivas variantes. 2003. Disponível em: <http://www.liturgia.pt/edrel/pdf/IGMR_Sinopse.pdf>. Acesso em: 20 de agosto de 2017.

JONES, Denna. **Tudo Sobre Arquitetura.** Tradução de André Fiker... [et al.] Rio de Janeiro: SEXTANTE, 2014.

KINGTON, Tom. **Igrejas católicas modernas se assemelham a museus, diz Vaticano.** [Modern Catholic churches resemble museums, says Vatican] 2013. IN The Telegraph. (Trad. Do autor). Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/europe/vaticancityandholyse/10094337/Modern-Catholic-churches-resemble-museums-says-Vatican.html>>. Acesso em: 02/05/2015

LAMBERTS, Roberto. **Desempenho Térmico de Edificações;** aula 2: Conforto Térmico. UFSC, Florianópolis.

LIMA, Marco Antonio Morais. **Igreja, ícone da trindade;** Espaço Litúrgico, Imago e Ecclesiae. Excerto da Tese de Doutorado em Teologia. 2012. Disponível em: <<http://www.faculdadejesuita.edu.br/documentos/060912-fxiHR0lj937VG.pdf>>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2017.

MACIEL, M. Justino. **Tratado da Arquitetura;** Vitruvius. Tradução, introdução e notas M. Justino Maciel. São Paulo. Martins, 2007.

MASO, Thiago Albino. **Uso de Novas Tecnologias na Formação do Espaço Contemporâneo.** Monografia para conclusão de curso de graduação de Engenharia de Produção Civil, 2013. Disponível em: <<http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/5>>. Acesso em: 25 de abril de 2017.

MENEZES, Ivo Porto de. **Arquitetura Sagrada.** São Paulo: Edições Loyola, 2006.

MILANI, Eliva de Menezes. **Arquitetura, Luz e Liturgia**: um estudo da iluminação nas igrejas católicas. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Ciências em Arquitetura. 2006. Disponível em: <<http://www.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/Arquitetural/Pesquisa/arquitetura%20luz%20e%20liturgia.pdf>>. Acesso em: 13 de setembro de 2017.

MONTEIRO, João Miguel Castanheira. **Arquitetura Religiosa Contemporânea em Portugal**; Três Igrejas do Início do Séc. XXI. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Coimbra, 2013. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/24412/1/arquitetura%20religiosa%20contemporanea%20portugal_joao%20monteiro.pdf>. Acesso em: 5 de maio de 2017.

NAVARRO, Roberto. **O que foi o Concílio Vaticano II**: Conferência realizada entre 1962 e 1965 gerou transformações profundas na Igreja, 2011. Disponível em: <<https://mundoestranho.abril.com.br/religiao/o-que-foi-o-concilio-vaticano-ii/>>. Acesso em: 14 de Junho de 2017.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ROTH, Leland M. **Entender la arquitetura**; sus elementos, historia y significado. Versão Castelhana de Carlos Sáenz de Valicourt, arqto. 3 ed. 2003. Barcelona: Editora Gustavo Gili, AS, 1999.

RITOS. Sagrada Congregação Para Os. **Instrução Musicam Sacram**. 1967. Disponível em: <http://www.edms.pt/data/_uploaded/file/documentos/InstrucaoMusicamSacram.pdf>. Acesso em: 01 de Outubro de 2017.

SILVA, Maycon Del Piero da. **Elaboração de uma nova proposta para o santuário de Nossa Senhora aparecida do município de ouro preto do oeste/RO**. Excerto da Tese de Graduação em Arquitetura e Urbanismo. 2014. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/maycondelpiero/monografia-tcc-arquitetura-sacra>>. Acesso em: 13 de março de 2017.

SCHUBERT, Mons. Guilherme. **Arte para a fé**. Petrópolis: Vozes, 1978.

SCOTTÁ, Luciane. **Arquitetura religiosa de Oscar Niemeyer em Brasília**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/7361>>. Acesso em: 15 de março de 2017.

SILVEIRA, Marcus Marciano Gonçalves da. **Templos modernos, templos ao chão**: a trajetória da arquitetura religiosa modernista e a demolição de antigos templos católicos no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

VATICAN. **Constituição Conciliar** - Sacrosanctum Concilium, Sobre a Sagrada Liturgia. Roma, 1963. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_196_sacrosanctum-concilium_.html>. Acesso em: 27 de outubro de 2017.

VENTURINI. **Arquitetura Religiosa e o Espaço de Culto Cristão**. 2014. Disponível em: <https://issuu.com/ruanventurini/docs/arquitetura_religiosa_ruan_venturin>. Acesso em: 13 de maio de 2017.